

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

AS VOZES DA AIDS NA IMPRENSA:
Um estudo das fontes de informação
dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*

Vicente William da Silva Darde

Porto Alegre

2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

AS VOZES DA AIDS NA IMPRENSA:

Um estudo das fontes de informação
dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*

Vicente William da Silva Darde

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientadora:

Prof^a. Dr.^a Marcia Benetti Machado

Porto Alegre

2006

Este vírus, sob todos os aspectos, apareceu de forma espetacular, mortal, com manifestação rápida, fulminante, sem cura. E, até o presente momento, sem nenhum meio de ataque direto que possa destruí-lo. Ele se transmite através da relação sexual. A relação sexual, queiramos ou não, é vital para a humanidade e é universal, e na nossa cultura está marcada por todo o tipo de preconceito, culpabilidade, pecado, danação, inferno. Ele veio relacionado também ao sangue, que é outro elemento universal na cultura da humanidade; o sangue está na nossa cultura sob mil formas, há pessoas que entram em pânico quando o vêem, embora seja parte constituinte da nossa realidade. E o vírus se transmite, fundamentalmente, pelo sangue, mata-nos através do sangue. [...] Mas esse vírus também vinha associado a uma coisa já lembrada, e muito brutal para a nossa cultura enfrentar: a morte. Uma nova doença passou a revelar para o século XX que a morte é absolutamente inevitável.

Herbert de Souza, A Cura da Aids.

AGRADECIMENTOS

Foi com muito orgulho e prazer que, depois de quatro anos formado em Jornalismo, retornei a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da Ufrgs. Desta vez, para cursar o mestrado em Comunicação e Informação no PPGCOM. Foi uma mudança em minha vida; no segundo semestre do mestrado, decidi sair do Canal Rural para me dedicar à vida acadêmica. Isso foi possível graças à bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a qual sou muito grato.

Nesses dois anos, refleti muito sobre a profissão de jornalista, suas atribuições, compromissos e, por que não, a desvalorização que a profissão vem sofrendo no país, com subempregos e subsalários pagos em boa parte dos veículos de comunicação. Mais do que isso: por que escolhi essa profissão? Qual contribuição posso dar à sociedade através da minha atuação como jornalista? Certamente, não são questões que permitem respostas prontas e imutáveis. Mas, com certeza, essa pesquisa realizada durante os dois anos do mestrado é uma contribuição, valiosíssima, aos colegas de profissão e empresas jornalísticas. A reflexão sobre o trabalho jornalístico praticado cotidianamente nas Redações em todo o Brasil precisa ser estimulada, e nada melhor do que os estudos acadêmicos para impulsionarem esse debate. Agradeço, então, essa oportunidade concedida

pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Ufrgs em poder contribuir com a pesquisa na área do Jornalismo.

Esta pesquisa é fruto do meu esforço e dedicação, mas sem a ajuda de algumas pessoas, certamente o trabalho seria mais árduo e menos apaixonante. Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora, profa. Dra. Marcia Benetti Machado, uma mulher com inquestionável sabedoria, competência e senso crítico, que soube me conduzir nesse processo de aprendizado acadêmico com doses de carinho, bom humor e amizade.

A amizade de muitas pessoas também foi fundamental nesse processo de mudança na minha vida profissional, acadêmica e pessoal, e tenho certeza de que me apoiarão constantemente nessa caminhada: Érika Caramello, grande amiga e incentivadora para eu entrar no mestrado; Liandro Lindner, grande amigo e mestre na arte de viver; Cristiano Dalcin, Cristiano Vieira, Ellen Appel, Fernanda Espinelli, Javer Tegon, João Batista Schmitt, Luciana Bueno, Roseli Gotz e muitos outros companheiros, que me dão conselhos, me aturam, me incomodam, compartilham momentos de festa, incertezas e aprendizados, me enchem de alegria e carinho.

O apoio e carinho do meu irmão, Leonardo; minha cunhada, Stela; minhas irmãs Mônica, Nicole e Marcele; meus pais, Paulo e Regina; meu padrasto, Renato; madrasta, Cléo; avós; tia Vera; primos Renato e Rômulo. Sempre estiveram e estarão do meu lado eternamente, como um laço forte incapaz de ser destruído por qualquer infortúnio na vida. A todos dedico esta pesquisa, e peço para que continuem do meu lado nesse processo de aprendizado que se chama vida.

RESUMO

O jornalismo, entendido como construtor de sentidos sobre a realidade, é um discurso que deve representar a diversidade de pensamento da sociedade contemporânea. Nesta pesquisa, buscamos responder se os jornais O Globo e Folha de S. Paulo, principais jornais de referência no Brasil, tratam de forma equilibrada a pluralidade de vozes para falar sobre o tema da Aids. Usando conceitos da Análise de Conteúdo e Análise do Discurso, realizamos um mapeamento dos temas abordados nos textos e, na seqüência, das fontes de informação, verificando os movimentos de dominância e silenciamento dos diferentes grupos. Foram analisados 310 textos jornalísticos sobre HIV/Aids, o total publicado nesses dois jornais no ano de 2004. Verificamos que a Aids foi tratada, na maioria das vezes, como uma questão grave de saúde pública que deve ser combatida pelos países desenvolvidos. Mesmo com o domínio de fontes oficiais, através do conceito de enunciador identificamos que as vozes dominantes foram as que cobraram ações dos governos na luta contra a Aids. Registramos o cruzamento de enunciadores nos textos, o que caracterizou a pluralidade de vozes; contudo, a fala das pessoas vivendo com HIV/Aids praticamente não esteve presente nos jornais pesquisados. Desta forma, não houve um equilíbrio nas vozes em textos sobre HIV/Aids.

ABSTRACT

Journalism, known as builder of reality meanings, is a speech that must represent the thought diversity in contemporary society. In this research, we sought to answer if O Globo and Folha de S. Paulo newspapers, which are included in Brazilian reference journalism, treat equally the voices plurality to speak of Aids issues. Using the concepts of Content Analysis and Discourse Analysis, we developed a themes mapping in the texts and, in sequence, a news sources mapping, verifying the dominance and muting movement among the groups. 310 journalistic texts about HIV/Aids have been analyzed, the total published in the two newspapers during 2004. We verified that Aids was treated, most of the time, as an urgent public health issue, which must be defeated by development countries. Although the domination of official sources, through the enunciator concept it was possible to verify that the dominant voices were those who claimed to the governments more participation in the fight against Aids. We identified the cross among enunciators in texts, which characterized the voices plurality; in the other hand, the speech of people living with HIV/Aids was absent in the researched newspapers. Thus, there wasn't a balance among the voices in the texts about HIV/Aids.

TABELAS

Tabela 1: Textos classificados por jornal.....	81
Tabela 2: Textos classificados por gênero.....	82
Tabela 3: Textos sobre HIV/Aids classificados por jornal.....	83
Tabela 4: Textos sobre HIV/Aids classificados por gênero.....	83
Tabela 5: Textos classificados por foco em HIV/Aids.....	84
Tabela 6: Comparação sobre o foco em HIV/Aids entre os jornais.....	85
Tabela 7: Temas dos textos opinativos sem foco em HIV/Aids – jornal O Globo.....	95
Tabela 8: Temas dos textos informativos sem foco em HIV/Aids – jornal O Globo.....	97
Tabela 9: Temas dos textos sem foco em HIV/Aids – jornal O Globo.....	99
Tabela 10: Temas dos textos opinativos sem foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo.....	101
Tabela 11: Temas dos textos informativos sem foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo.....	102
Tabela 12: Temas dos textos sem foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo.....	103
Tabela 13: Temas dos textos sem foco em HIV/Aids nos dois jornais.....	105
Tabela 14: Temas dos textos opinativos com foco em HIV/Aids – jornal O Globo.....	108
Tabela 15: Temas dos textos informativos com foco em HIV/Aids – jornal O Globo.....	110
Tabela 16: Temas dos textos com foco em HIV/Aids – jornal O Globo.....	113
Tabela 17: Temas dos textos opinativos com foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo.....	116

Tabela 18: Temas dos textos informativos com foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo.....	118
Tabela 19: Temas dos textos com foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo.....	120
Tabela 20: Temas dos textos com foco em HIV/Aids nos dois jornais.....	123
Tabela 21: Fontes dos textos com tema Epidemia – jornal O Globo.....	133
Tabela 22: Fontes dos textos com tema Política Pública Nacional – jornal O Globo.....	134
Tabela 23: Fontes dos textos com tema Política Pública Internacional – jornal O Globo.....	135
Tabela 24: Fontes dos textos com tema Médico-Científico – jornal O Globo.....	136
Tabela 25: Fontes dos textos com tema Sociedade – jornal O Globo.....	137
Tabela 26: Fontes dos textos com tema Religião – jornal O Globo.....	138
Tabela 27: Fontes dos textos com tema Prevenção – jornal O Globo.....	138
Tabela 28: Fontes dos textos com tema Ética – jornal O Globo.....	139
Tabela 29: Fontes dos textos com foco em HIV/Aids – jornal O Globo.....	141
Tabela 30: Fontes dos textos com tema Política Pública Nacional – jornal Folha de S. Paulo.....	143
Tabela 31: Fontes dos textos com tema Política Pública Internacional – jornal Folha de S. Paulo.....	144
Tabela 32: Fontes dos textos com tema Médico-Científico – jornal Folha de S. Paulo.....	145
Tabela 33: Fontes dos textos com tema Epidemia – jornal Folha de S. Paulo.....	146
Tabela 34: Fontes dos textos com tema Sociedade – jornal Folha de S. Paulo.....	147
Tabela 35: Fontes dos textos com tema Ética – jornal Folha de S. Paulo.....	148
Tabela 36: Fontes dos textos com tema Prevenção – jornal Folha de S. Paulo.....	149
Tabela 37: Fontes dos textos com tema Religião – jornal Folha de S. Paulo.....	149
Tabela 38: Fontes dos textos com foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo.....	151
Tabela 39: Enunciadores dos textos informativos com foco em HIV/Aids nos dois jornais.....	153
Tabela 40: Fontes dos textos informativos com foco em HIV/Aids nos dois jornais.....	153
Tabela 41: Fontes dos textos informativos com foco em HIV/Aids nos dois jornais.....	154

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 AIDS NA IMPRENSA	18
2.1 Do “câncer gay” à luta pela cidadania.....	18
2.2 Estudos sobre a cobertura noticiosa.....	27
3 O JORNALISMO COMO CONSTRUÇÃO	48
3.1 O processo de construção da notícia.....	48
3.2 Fontes de informação: a luta pelo poder no campo jornalístico.....	58
3.3 Discurso polifônico.....	64
4 OBJETO E MÉTODO	71
4.1 Contextualização do objeto.....	71
4.1.1 Folha de S. Paulo (SP).....	74
4.1.2 O Globo (RJ).....	77
4.2 Corpus.....	80
4.3 Procedimentos metodológicos.....	85
5 OS TEMAS	93
5.1 Textos sem foco em HIV/Aids.....	93
5.1.1 O Globo.....	93
5.1.1.1 Gênero opinativo.....	94
5.1.1.2 Gênero informativo.....	95
5.1.1.3 Síntese.....	97
5.1.2 Folha de S. Paulo.....	99
5.1.2.1 Gênero opinativo.....	99

5.1.2.2 Gênero informativo.....	101
5.1.2.3 Síntese.....	102
5.1.3 Análise comparativa.....	104
5.2 Textos com foco em HIV/Aids.....	105
5.2.1 O Globo.....	105
5.2.1.1 Gênero opinativo.....	106
5.2.1.2 Gênero informativo.....	108
5.2.1.3 Síntese.....	111
5.2.2 Folha de S. Paulo.....	114
5.2.2.1 Gênero opinativo.....	114
5.2.2.2 Gênero informativo.....	116
5.2.2.3 Síntese.....	118
5.2.3 Análise comparativa.....	121
6 AS FONTES.....	125
6.1 Gênero opinativo.....	126
6.2 Gênero informativo.....	129
6.2.1 O Globo.....	130
6.2.1.1 Síntese.....	139
6.2.2 Folha de S. Paulo.....	142
6.2.2.1 Síntese.....	150
6.2.3 Análise comparativa.....	152
7 CONCLUSÃO.....	156
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	167
9 ANEXOS.....	173

1 INTRODUÇÃO

O jornalismo é, em nossa concepção, um discurso que deve representar a diversidade de pensamento da sociedade contemporânea, considerando-se a natureza pública e o compromisso social do campo jornalístico. Um dos principais deveres do jornalismo é o de explicitar as formas de injustiça e opressão, e só conseguirá atingir tal objetivo buscando dar voz àqueles que estão à margem da sociedade.

No início da década de 80, uma doença sem cura fez emergir na sociedade um novo desafio: seríamos capazes de pôr em prática valores como igualdade, solidariedade e amor ao próximo? A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) surgiu como uma doença de homossexuais norte-americanos, que começavam a buscar, naquele momento, seus direitos enquanto cidadãos, combatendo o preconceito sexual. A doença, no entanto, caiu como uma bomba, espalhando ferozmente o preconceito contra os homossexuais e sendo rotulada como “câncer gay”. A imprensa norte-americana reforçou o preconceito, inclusive de cientistas e profissionais da saúde, que enfrentavam pela primeira vez uma doença dessa dimensão.

No Brasil, a doença aterrissou através das páginas dos jornais e revistas, também carregada de significados construídos pela sociedade norte-americana. Em 1989, uma das maiores lideranças do movimento de ONG/Aids no Brasil, Herbert Daniel, disse que ninguém poderá escrever a história da doença no Brasil sem recorrer ao noticiário da imprensa.

Nos primeiros anos da epidemia no Brasil, a cobertura jornalística se apoiou no material fornecido por fontes e agências internacionais, muitas vezes reproduzindo o conteúdo carregado de desinformação e preconceito. A busca pela “cara” da Aids foi incessante, mostrando, principalmente, o sofrimento de celebridades, como o cantor e compositor Cazusa. Os soropositivos (pessoas que possuem o vírus, mas não desenvolveram a doença) foram tratados como objeto, estando à margem da discussão sobre os diversos aspectos da epidemia.

Foi com o surgimento das primeiras organizações não-governamentais, em 1985, que os soropositivos começaram a ter voz própria, em oposição à voz oficial do Estado. Justamente esta questão é primordial nos estudos do jornalismo: a voz dos oprimidos, neste caso os doentes de Aids, estava sempre em segundo plano, enquanto que a fala oficial – do Estado e da Ciência – predominava no discurso jornalístico.

Partindo do pressuposto de que a relação entre jornalistas e fontes de informação é determinante para a construção da notícia, buscamos responder a seguinte questão nesta pesquisa: os jornais Folha de S. Paulo e O Globo, representantes do jornalismo de

referência brasileiro, tratam de forma equilibrada a pluralidade de vozes legitimadas para falar sobre o tema da Aids?

Para alcançarmos nosso objetivo, analisamos a configuração das fontes de informação utilizadas por esses dois jornais na construção de notícias sobre HIV/Aids, buscando compreender o movimento de legitimação de determinadas fontes e o silenciamento de outras.

Também definimos os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar as fontes de informação que adquirem visibilidade nos jornais;
2. Analisar a configuração dessas fontes, verificando os movimentos de dominância e silenciamento dos diferentes grupos;
3. Verificar a hipótese do predomínio de fontes oficiais em textos jornalísticos sobre HIV/Aids, a partir do mapeamento dos enunciadores;
4. Debater a relação entre seleção de fontes e a qualidade da informação jornalística sobre HIV/Aids.

Um estudo de fontes de informação sobre HIV/Aids no jornalismo impresso brasileiro demandava um corpus que pudesse ser representativo da produção jornalística existente. Escolhemos os jornais diários Folha de S. Paulo e O Globo por serem representantes do jornalismo de referência no país. O recorte do corpus da pesquisa foi definido como todos os documentos relativos ao HIV/Aids (informativos e opinativos) publicados durante o ano de 2004.

Na coleta do material, no Centro de Documentação e Recursos (Cedoc) da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia), encontramos 377 textos jornalísticos. Dentre o material coletado, decidimos que iríamos analisar apenas os textos jornalísticos que continham pelo menos uma referência às palavras HIV e Aids, em conjunto ou separadamente, o que ocorreu em 310 textos. Nosso corpus ficou estabelecido em 310 textos jornalísticos, sendo que 228 são do gênero informativo e 82 do gênero opinativo. Dos 310 textos, 199 tinham o foco em HIV/Aids, e 111 não tinham. Realizamos uma análise dos temas abordados pelos 310 textos, porém a configuração das fontes de informação foi realizada apenas nos textos com foco em HIV/Aids. Dentro da análise de vozes, delimitamos também que iríamos mapear os enunciadores apenas nos textos informativos, pois entendemos que não há necessidade da pluralidade de vozes em textos do gênero opinativo.

Para a realização da pesquisa, utilizamos técnicas da Análise de Conteúdo e da Análise do Discurso. Na categorização do material analisado, estabelecemos uma sistematização que cruzou os seguintes níveis de classificação: objeto, gênero jornalístico, foco em HIV/Aids, tema e fonte de informação.

No mapeamento das vozes presentes nas notícias sobre HIV/Aids, utilizamos o conceito de polifonia de locutores de Oswald Ducrot (1984), distinguindo o locutor do enunciador no texto jornalístico. A partir desta análise é que pudemos estabelecer uma configuração final das fontes sobre HIV/Aids, verificando os movimentos de dominância e silenciamento dos diferentes grupos.

Particularmente, acompanho a problemática da Aids desde 1997, quando fui voluntário na Assessoria de Imprensa do Grupo de Apoio à Prevenção da Aids do Rio Grande do Sul (GAPA/RS). Participando de diversos eventos, oficinas, seminários de repercussão regional e nacional, pude acompanhar de perto o trabalho de ONGs, governos e sociedade na luta contra a discriminação, na busca de seus direitos e na discussão sobre medicamentos e pesquisas em vacinas. Em junho de 2003, numa oficina para jornalistas brasileiros, promovida pela Coordenação Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde e IAVI (International Aids Vaccine Initiative), pude analisar a dificuldade enfrentada pelos meios de comunicação em tratar do desenvolvimento de pesquisas de vacinas anti-HIV. Em março de 2005, participei como convidado do Seminário de Políticas de Comunicação em Aids – Estratégias para o controle Social, realizado pelo Fórum de ONG-Aids do Estado de São Paulo, em Recife (PE). Além do levantamento de propostas para a construção de uma política de comunicação para que a sociedade civil organizada possa efetivamente participar nos processos de formulação de políticas e programas de saúde, foi debatida a importância de estreitar o relacionamento das ONG-Aids com a mídia.

No próximo capítulo, *Aids na Imprensa*, traçamos um histórico da doença nos meios de comunicação, mapeando também os principais estudos já realizados, no Brasil e no exterior, da cobertura noticiosa da Aids.

No capítulo *O Jornalismo como construção*, trazemos os conceitos definidos pelo paradigma construcionista, que trata do processo de construção da notícia. Também trazemos a discussão sobre as fontes de informação, como se constituem e a relação das

fontes com jornalistas. Neste capítulo apontamos as contribuições da Análise do Discurso para o estudo de vozes a partir dos conceitos de polifonia, locutor e enunciador.

No capítulo *Objeto e Método*, contextualizamos o objeto de nossa pesquisa, trazendo um breve histórico dos jornais O Globo e Folha de S. Paulo, e como estes jornais abordam, nos manuais de redação, as fontes de informação. Detalhamos o corpus da pesquisa e os procedimentos metodológicos adotados para a realização do trabalho.

No capítulo *Os Temas*, temos a análise temática nos textos. Primeiro, nos textos sem foco em HIV/Aids, e depois nos textos com foco na doença. Realizamos a avaliação individual dos jornais e, por último, uma análise comparativa.

Na avaliação das fontes de informação, no capítulo *As Fontes*, começamos pelos textos opinativos, e depois partimos para os textos de gênero informativo. Nesta categoria mapeamos as fontes sob dois critérios: oficial/não-oficial e os enunciadores. Também realizamos a análise separadamente em cada jornal, para no fim, compararmos os dois periódicos brasileiros.

2 AIDS NA IMPRENSA

2.1 Do “câncer gay” à luta pela cidadania

A imprensa brasileira desempenhou um papel crucial na construção de sentidos sobre a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) no início da década de 80. As notícias sobre a doença chegaram ao Brasil antes de serem diagnosticados oficialmente os primeiros casos no país. Nos Estados Unidos, os primeiros identificados como portadores do vírus HIV eram homossexuais masculinos, o que levou os médicos, respaldados pelos meios de comunicação, a pensar no surgimento de um *câncer gay*, denominação decidida sem conhecer, naquele momento, o agente transmissor da síndrome. Desde as primeiras reportagens sobre a Aids no Brasil, o preconceito já se disseminava, assim como o vírus HIV.

É bom destacar que boa parte das primeiras matérias na mídia brasileira tinham como principal fonte de informação as agências norte-americanas de notícias, o que fez, por exemplo, com que a maneira como a Aids era abordada nos Estados Unidos exercesse grande influência no noticiário nacional e, conseqüentemente, no ‘imaginário social’ a ela relacionado. (GALVÃO, 2000, p.20).

Através das agências de notícias dos Estados Unidos, os veículos de comunicação do Brasil noticiavam o começo de uma epidemia vista com o olhar norte-americano sobre

questões como homossexualidade, comportamento sexual e grupos de risco. Estabelecida como uma nova doença pela comunidade médica internacional, a Aids assume um caráter mais amplo, mostrando-se um poderoso fator de discriminação.

Durante os primeiros anos da epidemia, foram talvez, acima de tudo, as características percebidas nos primeiros doentes de Aids que dominaram a atenção pública. No Brasil, como nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, a vasta maioria dos primeiros doentes de Aids foram identificados como homossexuais masculinos, muitos dos quais viveram muito tempo fora do Brasil ou viajando para fora do país, e por causa disso supunha-se que teriam contraído o vírus em outros países. Em consequência disso, portanto, eram considerados, em geral, indivíduos relativamente ricos que dividiam o seu tempo entre Rio de Janeiro e São Paulo e grandes cidades estrangeiras como Nova York ou Paris. Talvez ainda seja mais importante o fato de terem sido caracterizados, quase uniformemente, em termos de conduta sexual promíscua – uma espécie de perigosa imoralidade que rapidamente se tornou central na concepção popular da Aids. (DANIEL; PARKER, 1991, p.17).

A doença adquiriu dimensões jamais vistas na humanidade. O médico Jonathan Mann, quando era responsável pelo programa de controle da Aids da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 1987, alertou que a doença representava na verdade três epidemias: a primeira, da infecção pelo vírus; a segunda, das doenças infecciosas, e a terceira, das reações sociais, culturais, econômicas e políticas. Para Susan Sontag (1984, p.76), “[...] nada é mais punitivo do que atribuir um significado a uma doença quando esse significado é invariavelmente moralista. Qualquer moléstia importante cuja causa é obscura e cujo tratamento é ineficaz tende a ser sobrecarregada de significação”.

Desta forma, o preconceito e a intolerância estavam presentes nos discursos conservadores, nos quais se constrói o termo *aidético*, categoria única, indivisível e, principalmente, separada da sociedade. Ele é um inimigo condenado à morte física, considerado sem utilidade para o desenvolvimento social. Justamente a estigmatização de pessoas e grupos infectados, estimulada pela construção de sentidos da doença nos meios

de comunicação, desempenhou papel fundamental para a disseminação do HIV/Aids na sociedade.

O primeiro caso da Aids no Brasil foi notificado oficialmente em 1982, mas a doença tornou-se “nacional” com a divulgação da morte do costureiro Marcos Vinícius Resende Gonçalves, o Markito, de 31 anos. O fato dos primeiros casos brasileiros também serem em homossexuais masculinos reforçou a imagem do doente de Aids trazida pela imprensa norte-americana.

No levantamento realizado por Martha França (2002), à medida que se descobriam novos casos no Brasil, os artigos sobre Aids se multiplicavam nos jornais. Grande parte das reportagens eram de procedência dos Estados Unidos, mas as notícias brasileiras foram aos poucos ganhando mais espaço.

As fontes eram poucas: a Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo, que começa a se estruturar para enfrentar a futura epidemia sob a coordenação de Paulo Roberto Teixeira, e alguns médicos pioneiros que trataram da doença, Valéria Petri, da então Escola Paulista de Medicina, e Drauzio Varella – que escreve o seu primeiro grande artigo elucidativo sobre a Aids em *O Estado de S. Paulo*. (FRANÇA, 2002, p.41).

Nos primeiros anos da epidemia, França (2002) lembra que a cobertura jornalística não se pautou pela “neutralidade científica”, necessária para uma abordagem isenta de pânico ou moralismo. Como a doença era nova e desconhecida, os jornalistas se apoiaram no material fornecido pelas fontes e pelas agências internacionais, muitas vezes apenas reproduzindo o conteúdo carregado de desinformações e preconceitos.

Por outro lado, os meios de comunicação, ao difundirem com frequência notícias sobre Aids, contribuíram para que a sociedade se manifestasse e cobrasse ações governamentais para o controle da doença. A antropóloga Jane Galvão (2000) argumenta que a mídia foi uma das primeiras respostas, senão a primeira, da sociedade civil à epidemia da Aids no Brasil. Grupos ativistas que lutavam pelos direitos dos homossexuais em São Paulo foram responsáveis, em 1983, pelas primeiras iniciativas de organizações da sociedade civil em articular respostas frente à epidemia. Em 1985, foi criada a primeira organização não-governamental com o trabalho voltado especificamente à doença: Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (Gapa) de São Paulo. Em 1986 foi fundada a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia), com sede no Rio de Janeiro, primeira entidade brasileira presidida por uma pessoa assumidamente soropositiva, o sociólogo Herbert de Souza (Betinho).

Para Veriano Terto Júnior (2004), alguns fenômenos de dimensões globais como a própria Aids também contribuíram para reconceitualizar os discursos sobre a sexualidade e sobre as identidades sexuais existentes antes da emergência da epidemia. Bons exemplos disso são as prostitutas, que, a partir da movimentação social e política de reação ao HIV, passaram a ser chamadas também de trabalhadoras sexuais; os homossexuais masculinos, que passaram a ser conhecidos como homens que fazem sexo com homens (HSH); os “viciados”, que ganharam a denominação de usuários de drogas injetáveis – UDIs; os travestis, que passaram a ser conhecidos como transgêneros.

A Aids também criou novas identidades políticas e sociais, como os soropositivos, ou pessoas vivendo com o HIV/Aids, que transformaram o seu diagnóstico clínico em uma identidade política e vêm conseguindo se organizar coletivamente e reivindicar seus interesses políticos e sociais próprios. (TERTO JÚNIOR, 2004)¹.

Nelson Traquina (2001) defende que a cobertura da Aids pelos veículos de comunicação entrou na era da rotina² a partir de 1989, quando passou a ser enquadrada essencialmente por duas formas: como um acontecimento noticioso em desenvolvimento, nomeadamente a investigação científica, que aparece como notícia de forma rotineira através da publicação de revistas científicas, e como acontecimento noticioso em continuação, o alastramento da epidemia que aparece como notícia através da publicação de estatísticas. “Esses dois tipos de acontecimentos noticiosos combinam com acontecimentos pré-programados (debates, encontros, dia mundial de luta contra a Aids) para fazer da problemática Aids principalmente um acontecimento noticioso de rotina.” (TRAQUINA, 2001, p.154).

Passados mais de 20 anos, a história brasileira de convivência com a epidemia possui acertos e erros nos esforços de enfrentar o vírus. Se por um lado há uma série de progressos tecnológicos e científicos que proporcionam qualidade de vida aos portadores do HIV, evitando o desenvolvimento da doença, há também o acirramento de questões

¹ Documento eletrônico.

²Traquina (2001) classifica as fases de cobertura da Aids pela mídia portuguesa em invisível, fantasma, política, rotina. Na primeira era (1981-1984), a da invisibilidade, as notícias indicavam que a doença só atingia a grupos como o de usuários de drogas e homossexuais. Na era do fantasma ou pânico social (1985-1986) surgiram as primeiras notícias nacionais, nas quais já se admitia que a doença atingia heterossexuais, incluindo crianças. Na terceira era (1987-1988), a política, foram criadas as primeiras campanhas públicas de prevenção, com a aplicação das normas e procedimentos da Organização Mundial da Saúde. Na quarta e última era estudada na época pelo pesquisador (1989-1991), denominada como rotina, decaiu o número de notícias sobre HIV/Aids e a problemática saiu do agendamento jornalístico.

como a desigualdade social, a violência estrutural e a vulnerabilidade da população a doenças, que se constituem como entraves ao controle da epidemia.

Se nos anos 80 e 90 a Aids atingia os intelectuais e artistas, o que gerava maior visibilidade para a doença, como no caso dos artistas Lauro Corona e Cazuza³, nesta terceira década a epidemia vem modificando o seu perfil, com o aumento do número de infectados entre pessoas de menor poder aquisitivo, banalizando-a e trazendo novos desafios para o seu combate. A Aids hoje atinge igualmente a todos, sem distinção de gênero, raça e classe social⁴. Porém, as pessoas que não têm acesso à informação, excluídas por aspectos econômicos e culturais, tornam-se mais vulneráveis a contrair o vírus HIV e mostram-se sem forças para reivindicar seus direitos.

Os sistemas de hierarquia e dominação baseados em relações de classe e de gênero, divisões sexuais, étnicas e raciais continuam mantendo e reforçando as diferenças sociais e produzindo estigmas, o que continua a exigir mobilização coletiva e intervenções estruturais, nos âmbitos da política, da cultura, da economia e do direito. Assim, questões como equidade de gênero, diversidade sexual e promoção de direitos sexuais e reprodutivos ganham nova força e destaque na agenda de ação política dos diferentes movimentos sociais nos últimos 20 anos.

³ Fausto Neto (1991) realizou um estudo, em revistas especializadas, sobre a doença e a morte do ator Lauro Corona e do cantor e compositor Cazuza.

⁴ O perfil da Aids no Brasil sofreu significativas mudanças desde o seu início. Atualmente, além da incidência entre a população heterossexual, com um crescimento maior entre as mulheres e ampla disseminação dos novos casos para as cidades de médio e pequeno porte (3.702 municípios do país têm pelo menos um caso de Aids notificado – cerca de 60% do total), há também aumento entre as pessoas que disseram ser pretos ou pardos, especialmente entre os pardos. (BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO DST/AIDS 2005, documento eletrônico).

De acordo com o Programa da Organização das Nações Unidas para a Aids (Unaid), desde que a doença foi identificada em 1981, nos Estados Unidos, mais de 70 milhões de homens, mulheres e crianças infectaram-se com o HIV no mundo. Em 2004, 3,1 milhões de pessoas morreram em decorrência da Aids. São os piores resultados já registrados em duas décadas, o que vem causando profundas crises sociais e econômicas em diversos países. No Brasil, foram notificados cerca de 371 mil casos de Aids de 1980 até junho de 2005. Em 2004, pesquisa do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde estimou que cerca de 593 mil pessoas, entre 15 a 49 anos de idade, vivem com HIV/Aids (0,61%) no Brasil.

Apesar da contribuição dos meios de comunicação nos últimos anos para dar visibilidade e pautar a questão da Aids na sociedade, suscitando uma consciência pública de prevenção à doença e de combate ao preconceito, ainda há um longo caminho a percorrer.

Os movimentos sociais com poucos recursos têm dificuldades em ver os seus acontecimentos transformados em notícia. Se pretendem jogar no tabuleiro do xadrez jornalístico, precisam ajustar o seu modo de interação organizacional aos modos das organizações estabelecidas. A cobertura do movimento social depende em parte da capacidade de [...] demonstrar a sua vontade de participar na teia de faticidade que sustenta o trabalho jornalístico. (TRAQUINA, 2004, p.198).

Hoje o que ainda se percebe é a dificuldade da mídia em tratar a Aids e os problemas que permeiam a epidemia, com a profundidade e clareza necessárias para conscientizar a sociedade da importância de sua participação nas decisões de políticas públicas para o combate da doença. A linguagem jornalística, com seu perfil homogeneizador e formador de consensos sociais, enfrenta dificuldades para dar conta de uma realidade mais complexa e pluralista. A Aids, além de uma complexa questão epidemiológica, é uma questão

discursiva, como diz Antônio Fausto Neto (1997)⁵: “Mediante enquadramentos e hierarquias editoriais, a Aids é um acontecimento que se esparrama nos mais diferentes espaços editoriais, da primeira página do jornal ao obituário”.

Os meios de comunicação foram responsáveis (e ainda são) por fazer com que a Aids deixasse de ser tratada como questão particular, de interesse apenas dos laboratórios e médicos, para ganhar uma determinada dimensão pública. Para o autor, a Aids apresenta duas dimensões para se constituir numa doença da atualidade. A primeira, pelas suas implicações sócio-político-biológicas e repercussões nos novos modos de produção de comportamento e de subjetividade. A segunda, por sua produção enquanto um real que é tecido todos os dias nos processos de semantização dos meios de comunicação.

O autor reforça também a importância da mídia impressa na construção do sentido da Aids na sociedade:

Deve-se considerar como dos mais estratégicos o papel das mídias, não apenas pela sua competência de anunciabilidade e visibilidade da Aids, mas também, ao mesmo tempo, pelo fato de os processos de construção de inteligibilidade sobre a Aids dependerem gradativamente das práticas das mídias e dos seus respectivos efeitos de sentido. (FAUSTO NETO, 1999, p.21).

O jornalismo se constitui, assim, como um lugar privilegiado para acompanhar a narrativa da construção da Aids a partir dos diversos discursos (religioso, médico e do Estado).

As matérias, a partir de diferentes estratégias narrativas e enunciativas, destinam à Aids um discurso que traz em si a estrutura básica das narrativas clássicas: a ação de um sujeito em busca da redenção para solucionar um dano, a Aids e aqueles infectados pelo HIV aparecendo como o dano a ser reparado pela ação da ciência em busca da cura. (SOARES, 2001, p.18).

⁵ Documento eletrônico.

Por outro lado, mesmo a atividade midiática sendo de natureza pública, Fausto Neto afirma que o processo de produção de sentido é cada vez mais privado, porque os fatos estão progressivamente submetidos às hierarquias, aos enquadramentos e contratos de leitura existentes no interior de cada veículo de comunicação e da cabeça do comunicador.

No que se refere, particularmente, à questão da "Aids dos media", vale lembrar que esta função mediadora dos *media* entre o indivíduo e o coletivo não se realiza com tanta facilidade. Pelo contrário, há vários indícios da existência de manobras que apontam o processo de produção de sentido como uma espécie de um jogo em cujo âmbito se realiza a atualização das relações de forças sociais e políticas. (FAUSTO NETO, 1997)⁶.

Mesmo esbarrando nas próprias limitações da rotina produtiva e nas formas de poder dominante, a imprensa é utilizada pelos cidadãos freqüentemente como mediadora dos conflitos existentes na sociedade. Pierre Lévy (2003, p.368) afirma que “[...] a forma política Estado-nação, assim como as democracias modernas ou a noção de direitos do homem, estão intimamente ligados à esfera pública moderna baseada na imprensa.” Desta forma, os meios de comunicação, entendidos como um espaço discursivo, contribuem também para a construção da cidadania, exercendo assim uma função social.

Nesse espaço público midiático, o campo jornalístico manifesta seu poder na medida em que processa uma adequação entre os fatos e enunciados originados nos diversos campos sociais e relaciona-os com um conjunto de práticas discursivas e normas estilísticas. Assim, reordena os acontecimentos seguindo a sua lógica, possibilitando uma compreensão coletiva. (MORIGI; ROSA, 2004, p.83).

É em um contexto de múltiplas desigualdades e exclusão que o HIV/Aids vem encontrando as condições para sua disseminação e no qual as respostas devem ser implementadas. Na luta contra a Aids nesta terceira década, governo, sociedade civil organizada e meios de comunicação devem estabelecer um plano de ação que inclua o

⁶ Documento eletrônico.

entendimento de como as relações de gênero, a classe social e as divisões étnicas e sexuais se entrecruzam e afetam a vida das pessoas. Devem implementar ações que considerem tanto as dimensões individuais, como as coletivas de exclusão social. Ao melhorar a sua saúde e manter-se integrada em suas redes sociais, a pessoa com HIV/Aids termina contribuindo para romper com a representação de que a Aids é igual à morte.

A imprensa tem um papel fundamental neste processo como estimuladora e fomentadora do debate acerca da Aids, mas não apenas em ações pontuais, e sim no cotidiano. Percebidos como um espaço discursivo, os meios de comunicação exercem uma função social que ultrapassa o papel de simplesmente informar à sociedade. A comunicação é fundamental para todos os segmentos da sociedade, para todas as lutas que buscam garantir direitos e fortalecer a democracia. Neste contexto, os meios de comunicação desempenham um papel preponderante na divulgação de informações acerca da epidemia. O desafio é reconhecer a comunicação como colaboradora no processo de construção de políticas públicas, garantindo o acesso à cidadania das pessoas vivendo com HIV/Aids.

2.2 Estudos sobre a cobertura noticiosa

A relação entre jornalismo e HIV/Aids tem sido estudada por alguns pesquisadores nos últimos anos, com destaque para trabalhos realizados no Brasil e em Portugal, onde se buscou, a partir da análise da cobertura noticiosa referente à Aids, a solidificação de uma teoria da notícia e, conseqüentemente, do Jornalismo. Por esta razão, apresento a seguir os estudos mais relevantes com os quais esta pesquisa dialoga teórica e metodologicamente.

Um dos principais trabalhos sobre a cobertura da Aids pela mídia é “Comunicação e mídia impressa, estudo sobre a Aids”, de Antônio Fausto Neto, publicado em 1999. O livro é resultado da pesquisa “A construção da Aids nos *media* brasileiros – leitura e avaliação das estratégias de comunicação”. Segundo Fausto Neto (1999, p.22), o objetivo da pesquisa era o de mostrar que “[...] o processo de inteligibilidade da Aids se alcança cada vez mais através da atividade mediatizadora dos dispositivos midiáticos de construção de sentidos.” Isto é, o discurso sobre a Aids na mídia resulta das diferentes falas que são produzidas por diversas instituições, mas também a própria mídia, através do trabalho discursivo, ajuda a construir a própria doença.

Para realizar a análise proposta, foram selecionadas como corpus edições dos jornais O Globo, Folha de S. Paulo, Correio Braziliense e A Tarde, publicadas entre 1983 e 1995. Ao total foram 6.710 itens que se distribuem no corpo dos jornais por meio de notícias, editoriais, notas, artigos assinados, reportagens e outros registros. Apenas no mapeamento dos itens catalogados já se observa a predominância de notícias, que somaram 72,94%.

A tabulação de fontes de informação desta pesquisa serve-nos como primeiro parâmetro nos estudos sobre vozes presentes nas notícias sobre HIV/Aids. Na classificação proposta por Fausto Neto, as fontes das matérias são agrupadas em públicas, privadas e mistas, que se reagrupam em fontes anônimas, anônimas institucionais e explícitas (pessoais, institucionais e mistas). Na avaliação do autor, esta divisão destaca o papel de várias falas junto aos jornais nos processos de construção da Aids como discurso da atualidade.

Segundo a tabela de fontes, há um equilíbrio entre fontes públicas e privadas, o que se justifica pelo fato de instituições diferentes estarem vinculadas às políticas públicas, pesquisa, laboratórios, entre outros. Na análise deste quadro, Fausto Neto enfatiza as iniciativas de instituições privadas que lideram trabalhos voltados para pesquisa, intervenções de cientistas desvinculados da administração pública, além de agentes da sociedade civil, como organizações não-governamentais, engajadas na produção de discursos sobre a Aids.

As matérias também foram classificadas a partir de temas e representações sociais⁷, o que reflete as diferentes representações atribuídas à Aids através dos discursos. A totalidade das matérias publicadas revela que os maiores índices se voltam para uma associação da Aids com a temática epidemiológica (21%). Para Fausto Neto (1999, p.33), “[...] a Aids assim é tematizada por ser uma problemática que diz respeito ao corpo e aos reais aspectos bio-psicológicos.”

O autor ressalta ainda que essas matérias são constituídas predominantemente por fontes do campo da saúde, que refletem as ações de atores e instituições pertencentes a esse campo. “Deve-se enfatizar o fato de que existe um ponto de vista dominante, em termos de discursos institucionais, que oferece, via jornais, suas possibilidades simbólicas de elaborar os processos da construção de inteligibilidades da Aids”. (FAUSTO NETO, 1999, p.33).

⁷ Pró-Aids, Campanhas, Didática, Epidemiologia, Pesquisas, Farmacologia, Discriminação, Genealogias, Representações sociais, Medo, Diagnósticos, Denúncias, Sexualidade, Sangue, Eventos, Mortes, Soropositividade, Cidadania.

Os temas sociais, como cidadania, sexualidade e discriminação, ocupam espaço menos relevante (pouco mais de 20% do noticiário), fato impressionante pelo fato da Aids se constituir em uma doença estigmatizada desde o seu início, pois estava vinculada a práticas sexuais promíscuas. Segundo Fausto Neto (1999, p.34), a predominância de matérias no espaço médico em detrimento do social estaria vinculada com “[...] a importância que têm as fontes do campo médico como lugares de produção de diferentes falas a respeito das preocupações explicativas e sobre os encaminhamentos terapêuticos da doença.”

O autor enfatiza ainda que, na relação entre fontes e jornalistas, os setores médico-científicos sempre se notabilizaram como estratégicos no jogo da produção e administração das condições da informação na sociedade. Essa “dependência” também se refletiu na análise dos títulos das matérias, nas quais se verifica a predominância do que dizem as fontes. “Vale lembrar a baixa capacidade de os jornais construírem suas titulações em operações enunciativas que reflitam a autonomia da redação em relação às fontes.” (FAUSTO NETO, 1999, p.35).

Os modelos de anunciabilidade da doença pela mídia também são classificados pelo estudo, iniciando-se por uma descrição vazia para a nomeação, chamada de “peste rosa” ou “doença misteriosa”, mas já com referência à questão da homossexualidade. Em seguida, os títulos procuram mostrar os processos de enraizamento da Aids no tempo e no espaço, reportando-se a sua manifestação em termos amplos, como número de pacientes, localização, época, procedência, causa, volume de casos, entre outros. De acordo com a análise de Fausto Neto (1999), os jornais realizam a construção de um ambiente sobre a

Aids que repousa sobre a instalação do pânico, no alastramento da doença tanto no território quanto nos sujeitos.

O estudo buscou também analisar os discursos produzidos por fontes públicas e privadas, para verificar se há diferença na construção de suas respectivas estratégias discursivas. A partir dos enunciados, verificou-se que tanto as fontes públicas quanto as privadas falam nos jornais através de vários mecanismos, destacando-se o fato de que os jornais chamam sempre a atenção para a procedência das falas. Segundo Fausto Neto, no caso das fontes públicas, há um conjunto de enunciados de caráter informativo, mas muitos também avaliativos. As notícias, na sua grande maioria, mostram as ações de combate à Aids realizadas por governos, agentes de pesquisas, entre outros. Quanto às fontes privadas, há um destaque para os enunciados informativos com aspecto declarativo. Os jornais chamam atenção aos problemas enfrentados pelos movimentos de ONGs, especialmente por suas opiniões em relação às ações do governo, e também a própria fala das pessoas que vivem com HIV/Aids.

Há, nestes casos, pelo menos três lugares discursivos apontados por Fausto Neto (1999): o lugar das instituições públicas, caracterizado por um espaço de prestação de contas; o lugar das instituições privadas, que expõem suas verdades em praça pública e servem como espaço de mediação de outras falas; e o espaço da mídia, vista como uma fala intermediária, definida como um ponto de convergência, mas que transforma falas públicas e privadas a partir de determinadas condições de produção de cada instituição do campo jornalístico.

Na avaliação dos editoriais dos jornais acerca da Aids, Fausto Neto afirma que existem diferentes tipos de enunciação, assim denominados: voz avaliativa, tomando partido dos fatos; voz programativa, dando ênfase a sua capacidade de agendar e distinguir certos comportamentos que devem ser seguidos pelos diferentes atores e instituições; voz sentenciadora, onde sentenças são proferidas para serem cumpridas.

Para além das falas dos médicos e do Estado, que comprovadamente dominam os discursos nas matérias analisadas pela pesquisa, Fausto Neto entende que a fala das pessoas atingidas pela doença – soropositivos, seus amigos e familiares – é igualmente um discurso ritualizado, submetido à competência e às condições de produção do discurso jornalístico. As “vítimas” da Aids têm voz em um número bastante limitado de matérias, e o tom da fala é de recusa aos estigmas, de denúncias contra as formas de discriminação, de registros sobre as terapias, entre outros. Poucos efetivamente têm voz, e os doentes de Aids, à exceção dos artistas ou pessoas influentes na sociedade, morrem também de maneira modesta. “Nunca é demais repetir que há várias maneiras de sofrer e de morrer dentro das páginas e hierarquias editoriais dos jornais. Sujeito sem voz, ou voz assujeitada à voz-leitora dos jornais, esse é o mecanismo que caracteriza a moderna narrativa jornalística.” (FAUSTO NETO, 1999, p.142).

Outra pesquisa brasileira acerca da construção da Aids na mídia é a dissertação “Imagens Veladas, Imagens re-veladas: narrativas da Aids nos escritos do jornal Folha de S. Paulo”, de Rosana de Lima Soares, defendida em 1997 na USP e mais tarde, em 2001, transformada em livro sob o título de “Imagens Veladas: Aids, imprensa e linguagem”.

O trabalho de Soares (2001) estuda as construções narrativas e discursivas sobre a Aids em matérias publicadas no jornal Folha de S. Paulo entre 1994 e 1995. Ao total, foram analisadas 31 matérias de uma amostragem aleatória, em que, para cada mês, tem-se uma matéria dominical e outra semanal.

Para entender como o universo da Aids é criado no jornal, a autora organizou quadros figurativos da enunciação. “É a enunciação, por meio dos discursos, que instaura o lugar da Aids (e de todas as outras imagens) na sociedade.” (SOARES, 2001, p.115). Na análise das matérias para configuração dos quadros configurativos, Soares formulou três questões básicas em relação ao tema da Aids: como o mundo entra em contato com a questão da Aids por meio dos jornais (como ela está escrita)? Como os discursos instituídos (referências) entram em contato com a questão da Aids (como a ela se referem)? E o que dizem os discursos instituídos?

Na primeira análise, Soares observa que os títulos das matérias, em sua maioria, foram escritos em tempo presente, modo indicativo e de forma assertiva, em uma tentativa de estabelecer a idéia de que no jornal não há espaço para dúvidas ou equívocos, apenas para fatos já consumados e constatados. “Entretanto, as certezas (em sua maioria positivas) apregoadas pelas manchetes nem sempre se confirmam na leitura das matérias.” (SOARES, 2001, p.118).

Na categoria “pessoa”, as matérias são escritas em geral em terceira pessoa (singular ou plural), numa tentativa de conferir objetividade e neutralidade ao texto. Assim ocorre

também na categoria “espaço”, na qual o “lá”, e não o “aqui”, é utilizado como lugar dos fatos narrados.

Em relação aos discursos instituídos chamados a configurar o discurso da Aids, Soares destaca os seguintes: discurso médico, discurso da ciência, discurso do Estado (englobando os discursos político e jurídico) e discurso social (englobando o discurso moral). Os discursos médico e científico aparecem na forma de prevenção ou descobertas e pesquisas científicas. O discurso do Estado parece querer impor a lei e a ordem através de mudanças na legislação ou no estabelecimento de novas políticas públicas. Já o discurso social, mais amplo, está associado desde às manifestações de ONGs até expressões conservadoras de outros grupos.

Soares ressalta a existência de um grande número de matérias que não tratavam diretamente da Aids. Porém, quando o principal assunto estava relacionado ao portador do vírus HIV ou doente de Aids, “[...] as imagens evocadas para constituí-los não diferem muito daquelas referidas à própria doença.” (SOARES, 2001, p. 120).

O termo “aidético” foi usado frequentemente nos textos do jornal, marcando de forma rígida a distinção entre aqueles que têm Aids e aqueles que não vivem com ela. Mesmo quando a matéria trata de forma menos pejorativa e preconceituosa as questões da Aids e do portador, as imagens de dor, sofrimento e tristeza frente à morte estão associadas.

Após estas análises, Soares classificou as 31 matérias de acordo com os temas identificados⁸ e os reagrupou novamente em apenas três (Estado, Ciência e Homossexualidade), constituindo o que considera ser a articulação discursiva da Aids nas matérias analisadas.

As matérias reunidas no grupo temático “Estado” compõem, segundo a autora, o próprio discurso do poder, não apenas em relação à Aids, mas de forma geral. A principal imagem associada à Aids é a de controle. No grupo temático Ciência, a principal imagem associada à Aids é a da cura. O sentido atribuído ao HIV/Aids é o de um dano a ser reparado pela ação da Ciência em busca da cura, percebido cada vez mais pelo crescente número de notícias sobre o desenvolvimento de uma vacina. No grupo temático Homossexualidade prevalece o discurso moral, sendo a culpa a principal imagem associada aos homossexuais e a Aids.

Cada um dos grupos engloba matérias com temas e abordagens diversos, mas sua confluência se faz, finalmente, em dois grandes eixos: a oposição mal x bem, compondo a doença e o doente como recobertos por imagens de “pecado” e “dano”, e a ciência como redentora desses males, capaz de “curar” e “salvar”. A estrutura básica do discurso da Aids reveste-se, assim, de configurações imaginárias relacionadas ao domínio do religioso e do místico: o pecado e a salvação, o pecador e o salvo. (SOARES, 2001, p.18).

A estrutura narrativa supõe a existência de um dano, uma perda, uma ausência a ser reparada, e neste sentido a questão da Aids se torna exemplar. Ao ser caracterizada como doença mortal, é algo que deve ser curado, um dano a ser reparado por meio da realização de um percurso narrativo, no qual será dada uma recompensa (a vacina ou a cura) ou um

⁸ Os temas encontrados foram: Aids (7 matérias), Comportamento (4), Convênios Médicos (4), Homossexualidade (3), Drogas (3), Saúde Pública (2), Arte/Literatura (2), Felicidade (1), Contraceptivos (1), Pessoas Famosas (1), Arte/Cinema (1), Religião (1) e Legislação (1).

castigo (o contágio e a morte). Soares (2001, p.31) lembra que “[...] é interessante observar que, no caso da Aids, esse percurso não foi concluído, já que não houve ainda o esperado reparo ao dano.”

Falar de Aids, portanto, é falar de morte, mesmo em uma época na qual o avanço da Ciência vem contribuindo para que os soropositivos tenham a cada dia uma qualidade de vida melhor. A partir do pressuposto de que o ser humano se constitui um ser pela falta, Soares (2001, p.90) afirma que falar de morte também é falar de sexualidade, pois “[...] o sexo, e sua consumação no orgasmo, é o que de mais próximo há da morte – aquela sensação, ainda que fugaz, de que se está completo (no outro).” Nesta grande narrativa que constitui o discurso jornalístico acerca da Aids, o “bem” (a Ciência) enfrenta o “mal” (a Aids), em uma luta que assola o tempo e o espaço na contemporaneidade.

O estudo da Aids nos meios de comunicação foi realizado pelo pesquisador português Nelson Traquina para a consolidação e exploração da teoria de que os jornalistas, através das fronteiras nacionais, compartilham valores-notícia e constituem uma “comunidade interpretativa” transnacional. A obra “O jornalismo português em análise de caso”, de 2001, traz o estudo da problemática da Aids em quatro países (Estados Unidos, Portugal, Espanha e Brasil). O estudo foi publicado no Brasil nas obras “O estudo do jornalismo no século XX”, em 2001, e “Teorias do Jornalismo Volume II”, em 2005.

As questões de pesquisa mais importantes foram as seguintes: serão as notícias orientadas para o evento ou orientadas para o tema? Será a proximidade, geográfica ou cultural, um fator determinante na cobertura noticiosa? Quem são os principais agentes na

cobertura noticiosa da Aids? Isto é, serão as notícias sobre HIV/Aids dominadas por fontes oficiais? Como e quando estão os indivíduos soropositivos e as vítimas da Aids presentes na cobertura noticiosa da doença?

A metodologia utilizada na pesquisa consiste em um estudo de caso comparativo, procurando responder às questões já apresentadas a partir da análise de notícias sobre HIV/Aids em cinco jornais de quatro países diferentes. Traquina (2001, 2005) adotou a estratégia de jornal de referência, selecionando os jornais New York Times (Estados Unidos), Folha de S. Paulo (Brasil), El Pais (Espanha) e o Diário de Notícias (Portugal). O jornal popular português Correio da Manhã foi selecionado também para testar as supostas diferenças entre imprensa popular e a de “qualidade”, segundo o autor.

Foram examinadas todas as edições dos cinco jornais publicadas durante três meses entre 1º de outubro e 31 de dezembro de 1993, um total de 92 dias. Foram encontrados 417 itens (notícias, artigos, editoriais, fotografias, entre outros). Para o estudo do material foi utilizada a análise de conteúdo. Cada item foi codificado pelos seguintes aspectos: autoria do item (assinado pelo jornalista ou não); origem jornalística (agência de notícias doméstica, internacional ou jornalista da empresa); gênero jornalístico (sumário, notícia, artigo, editorial etc.); tamanho do item (menos de dois parágrafos, de três a dez, mais de dez); proeminência do item noticioso (primeira página, outra); enfoque do item (nacional ou internacional); localização geográfica segundo o continente (América do Norte, Europa etc.); localização geográfica precisa em termos de país (Estados Unidos, França etc.); orientação para o evento (referência a um evento específico ou não); conteúdo do item

segundo as categorias usadas por Rogers, Dearing e Chang⁹ (1991); principal agente noticioso do item (Organização Mundial da Saúde, governo, outras autoridades etc.).

Durante o período examinado pela pesquisa, com exceção do New York Times, a cobertura noticiosa sobre HIV/Aids foi bastante esporádica. Todos os demais jornais tiveram um período de seis ou mais dias sem qualquer notícia sobre Aids. Traquina (2005, p.123) enfatiza ainda que “[...] a cobertura noticiosa apresentada pelo jornal brasileiro lembra uma viagem numa montanha-russa, com longos, freqüentes períodos sem cobertura (um até de onze dias) e uma forte concentração de itens por volta do Dia Mundial de Luta contra a Aids.” Como resultado para as hipóteses teóricas levantadas pelo autor, a cobertura noticiosa da Aids foi claramente orientada para o evento. Segundo a análise, de um total de 417 itens examinados, 83% são orientados para o evento.

A percentagem de notícias “orientadas para o tema” é na realidade menor do que poderia parecer, porque alguns itens foram colocados nesta categoria pelo fato de não haver uma referência específica ao tempo e não porque os itens dissessem substancialmente respeito a um tema da Aids. Isso é verdade para todos os jornais em nosso estudo, mas particularmente para o jornal brasileiro, em que um número significativo de itens se refere a acontecimentos específicos sem uma referência temporal. (TRAQUINA, 2005, p.132-133).

Quem é notícia na cobertura da Aids? Na pesquisa de Traquina, a categoria mais freqüente em todos os jornais é a “Médico-científico”, apontando para a importância das notícias sobre medicamentos, novas formas de tratamento e pesquisas sobre vacinas. Os agentes noticiosos incluídos nessa categoria corresponderam a 20% de todas as notícias

⁹ O estudo de Rogers, Dearing e Chang (1991) se baseia em uma análise de conteúdo de seis importantes meios de comunicação norte-americanos (jornais New York Times, Washington Post, Los Angeles Times, e noticiários das emissoras de TV ABC, NBC e CBS) de junho de 1981 a dezembro de 1988. As categorias utilizadas para a classificação de conteúdo são: 1 – Crianças com Aids; 2 – Figuras Públicas; 3 – Epidemia; 4

sobre Aids. As categorias “Governo” e “Agência Governamental” se configuraram também como fontes de informação frequentes. Nos jornais El País (Espanha) e Diário de Notícias (Portugal), a soma das duas categorias é maior que a “Médico-científico”. Apenas no jornal brasileiro Folha de S. Paulo a soma das categorias “Governo” e “Agência Governamental” (9%) é significativamente menor que a do “Médico-científico” (24%), o que levou o estudo a concluir que o jornal brasileiro privilegia as notícias científicas sobre Aids. A soma das categorias Médico-científico, Governo, Agência Governamental, Outras Autoridades e Organização Mundial da Saúde alcança mais de 50% nos jornais Correio da Manhã (Portugal) e El País (Espanha), configurando o predomínio das fontes oficiais. Nos demais jornais, o índice fica um pouco abaixo dos 50%, mas ainda é predominante devido ao elevado percentual nas categorias “Outro” e “Não aplicável”, que na Folha de S. Paulo chega a 36%. Neste caso, o autor não explicita se essas fontes são consideradas oficiais ou não-oficiais.

Pode-se afirmar categoricamente que os jornalistas falavam com maior frequência com fontes oficiais do que com os que eram diretamente afetados pela Aids. No entanto, com a notável exceção do Correio da Manhã, que ignorou completamente essas pessoas, os indivíduos soropositivos e vítimas da Aids estão nas notícias, embora como atores noticiosos secundários. (TRAQUINA, 2005, p.138).

Nos cinco jornais estudados, as pessoas vivendo com HIV/Aids estão como fontes de informação principal em apenas 9% das notícias. A história de interesse humano, que colabora para uma idéia mais completa e profunda da epidemia, representou apenas 2% da cobertura total da Aids. Assim como no estudo de Fausto Neto (1999), Traquina (2001,

– Biomédico; 5 – Prevenção; 6 – Discriminação; 7 – Ajuda de pessoas; 8 – Políticas governamentais; 9 – Direitos civis; 10 – Ética; 11 – Interesse humano; 12 – Resultados de sondagens; 13 – Outras.

2005) observa que os soropositivos e doentes da Aids tiveram pouco espaço na mídia para se manifestarem, o que comprova o domínio das fontes oficiais nos períodos pesquisados.

Os dados comprovam também que a proximidade geográfica desempenha um papel fundamental na cobertura noticiosa sobre a Aids. O New York Times é o caso mais extremo: 81% das notícias eram nacionais. Embora a epidemia se concentre no continente africano, a cobertura sobre a epidemia na África foi rara nos jornais, chegando a no máximo 7% do total no Diário de Notícias. Apenas três países são tópicos de notícias sobre Aids nos cinco jornais: Estados Unidos, Alemanha e França. A proximidade geográfica exerce influência na medida em que os jornais europeus veicularam mais notícias da Alemanha e França, e o jornal brasileiro concedeu um maior espaço às notícias dos Estados Unidos. Neste caso, o jornal Folha de S. Paulo priorizou as informações biomédicas, como, por exemplo, a investigação científica sobre a Aids.

Para investigar se os jornalistas dos quatro países compartilham outros valores-notícia, Traquina (2001, 2005) se utilizou da classificação de tema proposta por Rogers, Dearing e Chang (1991) no estudo da cobertura norte-americana da Aids nos anos 80. A categoria “Biomédico” é a que prevalece nos jornais, representando até 24% das notícias sobre Aids no jornal Folha de S. Paulo. Destaque também para as categorias Políticas Governamentais e Ajuda. Esta última se deve à atenção dada ao dia 1º de dezembro, Dia Mundial de Luta contra a Aids, e a crescente visibilidade das organizações não-governamentais. Outros valores como valor escândalo (sangue alemão), notoriedade (pessoas famosas, importantes), valor de conflito ou controvérsia também são compartilhados pelos jornalistas dos quatro países. Para Traquina (2005, p. 190), mais do

que investigar o comportamento dos jornais perante a problemática da Aids, o estudo é importante, pois “[...] os dados empíricos apontam para o fato de que os jornalistas partilham, com variação de intensidade, um sistema de valores que fornece uma identidade clara do profissional, de tal modo que a tribo jornalística é transnacional.”

A cobertura da Aids pelos jornais portugueses também foi investigada pela pesquisadora portuguesa Cristina Ponte. O livro “Notícias e Silêncios, a cobertura da Sida¹⁰ no Diário de Notícias e no Correio da Manhã”, publicado em 2004, apresenta a pesquisa que faz parte do projeto do Centro de Investigação Media e Jornalismo (CIMJ) sobre os 20 anos de tratamento jornalístico da Aids.

O estudo qualitativo sobre título e imagens (fotografias) das peças jornalísticas no estudo de Ponte teve como objetivo analisar os discursos sobre as pessoas vivendo com HIV/Aids. Durante os 20 anos de cobertura noticiosa sobre a Aids analisados pela pesquisa (1981-2000), os soropositivos aparecem como protagonistas nas notícias em 263 textos do Diário de Notícias e em 272 textos do Correio da Manhã, correspondendo, respectivamente, a 9% e 8% do total dos textos recolhidos. Também foram analisadas as notícias em que soropositivos eram colocados como figuras secundárias, mas com referência direta; notícias com organizações não-governamentais como protagonista e ainda textos em cujos títulos eram utilizadas palavras com relação à homossexualidade (homossexuais, gays).

¹⁰ Sida é a sigla em português e espanhol para a Aids, mas que não foi adotada pelo Brasil para se referir à doença.

Como explica Ponte (2004, p.44), os títulos foram considerados como elemento central da análise das matérias, pela “[...] visibilidade e condensação de sentido.” A pesquisadora se utilizou das orientações da Análise Crítica do Discurso para analisar como os soropositivos foram tratados nesses espaços de maior visibilidade da página. Na análise textual dos títulos, Ponte (2004) aplicou as categorias da gramática sistêmico-funcional de Halliday, a partir de Thompson (1996).

Um dos focos desta gramática é a atenção ao modo de representação pela linguagem dos acontecimentos do Mundo, sejam eventos da natureza ou acontecimentos sociais. Estes últimos reúnem elementos como *formas de atividade, pessoas* (com os seus sentimentos, crenças, histórias), *relações sociais e formas institucionais, objetos, meios, tempos e lugares, linguagem* e outras formas de expressão. A análise visa identificar que elementos de um dado evento social estão presentes num texto que o refere, que elementos estão ausentes e que elementos têm maior destaque; como se apresentam: por uma configuração concreta, generalizada ou abstrata; por que ordem se apresentam e o que lhe é acrescentado: *explicações e legitimação* (como razões, causas, finalidades) e *avaliações*. (PONTE, 2004, p.45).

A análise discursiva permite encontrar pontos de semelhança e de diferença com análises em outros países, como enfatiza Ponte. A associação da então nova doença, no início da década de 80, com os homossexuais e a conseqüente discriminação das pessoas infectadas com o vírus foram nitidamente encontrados na investigação dos títulos dos jornais portugueses. O grande interesse pela epidemia e o seu controle a curto prazo marcam também os primeiros anos de cobertura noticiosa, enfatizando como dominante a temática médico-científica já levantada pelos estudos anteriores. O interesse humano aparece quando a morte atinge uma celebridade, como ocorreu com o ator norte-americano Rock Hudson, mas com a notoriedade e o negativismo associados.

Ponte afirma que o maior número de textos que ressaltam a realidade das pessoas infectadas pela doença é notório a partir do início dos anos 90. Porém, em relação ao jornal popular *Correio da Manhã*, Ponte (2004, p.108) defende que “[...] observa-se que se manteve relativamente fiel a um padrão noticioso assente em pequenas notícias de interesse humano, como as de figuras públicas atingidas pela doença ou a sucessão de crimes urbanos a ela associados, como o uso de seringa como arma.” Além disso, mantém um número de cartas de leitores e editoriais com conotação mais conservadora, com traços de homofobia e associação da doença com a criminalidade e o castigo moral.

O estudo ressalta também a dificuldade da afirmação de vozes alternativas e o silêncio do governo sobre a doença em Portugal, com as fontes garantindo que a doença está sob controle, ao contrário do que se verifica em outros países. Na avaliação da autora, este silenciamento certamente contribuiu para uma também silenciosa expansão do vírus HIV. Neste contexto, os meios de comunicação social possuem sua cota de responsabilidade:

[...] não foram certamente indiferentes os enquadramentos que privilegiavam o caso singular e a responsabilidade individual, a história do desvio e da sua punição, e que sustentaram, assim, a ilusão desta doença como confinada ao *estranho mundo dos outros*. (PONTE, 2004, p.108).

O estudo da relação entre jornalistas e fontes de informação em notícias sobre HIV/Aids em “A fonte não quis revelar – um estudo sobre a produção de notícias”¹¹, do pesquisador português Rogério Santos, se constitui como fundamental referência para a

¹¹Tese de doutoramento de Rogério Santos defendida em 2002 na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal. O texto nos foi gentilmente enviado pelo autor, que está transformando-o em livro para publicação naquele país.

realização desta pesquisa. Primeiramente, por fortalecer o campo de pesquisa do jornalismo e Aids; e, em seguida, pela contribuição aos estudos da luta e cooperação entre os jornalistas e as fontes, que se constitui também no propósito deste trabalho.

Foram analisados 2.231 textos, divididos em dois conjuntos. O primeiro abrange 1.754 notícias destacadas de um corpus de 14 anos do Diário de Notícias (1981-1994). O segundo conjunto de 477 notícias, oriundas de diversos jornais, permitiu a Santos (2004, p.60) conhecer “[...] os momentos cruciais ou quentes, em que a temática da Sida foi noticiada de um modo mais violento ou dramático do que o habitual, numa comparação de agendas jornalísticas e de enquadramentos das notícias.”

Com a investigação das notícias no Diário de Notícias, Santos (2004) pretendia responder às seguintes questões: como os jornalistas empregam as fontes de informação? Que gêneros jornalísticos tiveram maior peso? Quais as representações sociais das notícias sobre a Aids? Qual o tipo de discurso dominante: o do medo e pânico? O do esclarecimento científico? Ou o da ajuda médica e social aos doentes? Que arenas e que agentes sociais habitam e lutam nestas notícias? Quais as leituras preferidas nas notícias da Aids?

A partir da configuração das notícias no decorrer dos anos estudados, Santos destaca diferentes fases do tratamento da Aids pelo jornal. Até 1984, as notícias focaram acontecimentos provenientes do estrangeiro, questionando a origem da epidemia, carregadas de preconceito e falta de informação. A informação da realidade de Portugal demorou a se afirmar. Santos (2004) retoma a classificação de Traquina (2001) para as diversas fases de cobertura da Aids pela mídia portuguesa até 1991: invisível, fantasma,

política, rotina (conforme já explicitado na nota 2 deste capítulo). Porém, Santos colabora para ampliar essa categorização no momento em que percebe um crescimento na luta política entre 1992 e 1994, marcando assim um novo aumento em notícias sobre a doença.

A emergência de fontes não oficiais, que lutaram contra as fontes oficiais (governo, agência governamental), baralhou mais a definição dos significados dos acontecimentos. Um tema fundamental foi o do sangue contaminado por HIV transfusionado aos hemofílicos, com críticas das Ongs, que criminalizaram a conduta dos governantes. [...] os hemofílicos contraíram a Aids, morrendo muitos deles nos anos seguintes. As vozes discordantes ficaram silenciadas politicamente (caso da demissão de um responsável médico, que alertara para a possibilidade da contaminação). (SANTOS, 2004, p.63).

Santos reuniu as notícias examinadas em 25 grupos temáticos¹², dividindo as notícias ano a ano. A partir dessa categorização, pode-se perceber que o tópico “Informação e Prevenção” apresentou um grande salto em 1987, ano em que Portugal e outros países começaram campanhas públicas de comunicação. Ao longo dos 14 anos investigados, cinco tópicos corresponderam a praticamente a metade das notícias sobre HIV/Aids no jornal. São eles: Informação e Prevenção (14%), Contágio (12,3%), Morte (7,8%), Atitudes face à doença – Aids como grupos de risco (6%) e Conexão com outras doenças (5,9%).

Assim como verificado por Fausto Neto (1999), Traquina (2001, 2005) e Ponte (2004), há uma fraca presença de pessoas vivendo com HIV/Aids nas notícias, representadas pelo tópico Ajuda Social (2% das notícias). Reagrupando os dados, Santos obteve um dado importante: 27,3% das notícias relatam o contágio, a morte, o pânico moral

¹² Informação e prevenção; Promessas de vacinas e remédios; Discriminação; Contágio (por infecção ou transfusão); Pânico moral; Morte (e sofrimento); Crianças; Novos termos de sexualidade; Conferência anual de Junho; Dia Mundial de Luta contra a Aids em 1º de dezembro; Atitudes face à doença (Aids como grupos de risco); Atitudes face à doença (homossexuais); Atitudes face à doença (heterossexuais); Conexão com outras doenças; Polêmica científica; Posições religiosas; posições políticas; Vírus (sua origem); Justiça; Insólito; Financiamentos e/ou indenizações; Apoio social; Animais (experiências e com a doença); ONGs internacionais; ONGs nacionais.

e a discriminação. Para Santos (2004, p.71), “[...] estas idéias passam das fontes oficiais para os jornalistas, com um grande acordo entre ambos os lados.”

Para a compreensão das fontes de informação presentes nas notícias sobre HIV/Aids, Santos as agrupou em quatro áreas, seguindo Traquina (2001). A primeira, a das fontes oficiais, compreende a Organização Mundial da Saúde, governo/Ministério da Saúde, agência governamental, outras autoridades e biomédicas. A segunda, a das fontes não oficiais, engloba as ONGs, pessoas vivendo com HIV/Aids, hemofílicos e outros. A terceira é formada pelos partidos políticos e organizações não religiosas. A última inclui o tipo de fonte não aplicável¹³. O autor contabilizou 3.070 fontes de informação para um conjunto de 1.754 notícias, o que deu uma média de 1,75 fonte por notícia. As fontes oficiais correspondem a 66%, com a liderança das fontes biomédicas. As não oficiais representam 21%, as outras fontes correspondem a 3% e 10% são as não aplicáveis. A inserção de fontes do tipo não aplicável é explicada por Santos (2004) como resultado da atribuição de um significado de valores por parte dos jornalistas.

O alastramento da doença e a ausência de cura criaram o medo e instalaram o pânico moral. As metáforas discursivas nas notícias sobre Aids remetem para conceitos como invasão, guerra, peste e morte, em que se forma uma espécie de consenso: a proibição da entrada de estrangeiros encerra a idéia de “outro”, do que está do lado errado da fronteira, ao passo que o inquérito a prostitutas e a discriminação de alunos hemofílicos associam a doença a riscos e estilos de vida. Seria do lado dos que se julgam imunes ao contágio que veio a reação contra a impureza e a poluição de tais conjuntos sociais; do lado dos marginalizados e excluídos nasceu a idéia de vergonha e estigma. As fontes “não aplicáveis” posicionam-se, assim, como domínios do irracional e do incontrolável, por oposição ao racional e ao controle. Os jornalistas acompanham este enquadramento prevalecente. (SANTOS, 2004, p.89-90).

¹³ Por definição do autor, “não aplicável” é o tipo de fonte utilizada em notícias com referência tangencial ao HIV/Aids, como, por exemplo, artistas e seus porta-vozes, além de fontes anônimas não ligadas diretamente à epidemia. Os mundos do cinema, da música, dos espetáculos, da publicidade e do cinema contribuíram bastante para o expressivo número de fontes não aplicáveis.

Nos quatro casos de estudo extraídos de notícias sobre HIV/Aids em Portugal, Santos pôde verificar o binômio cooperação-autonomia que marca a relação entre fontes e jornalistas. Em campanhas públicas, a agência governamental procurou a colaboração dos jornalistas, através do fornecimento de informação. Nos outros momentos cruciais, fontes e jornalistas controlaram as suas agendas. Através da análise de conteúdo, concluiu-se pelo peso fundamental das fontes oficiais. Já na notícia sobre o caso do sangue contaminado, as fontes não oficiais tiveram também um papel relevante. Santos (2004, p.113) enfatiza que uma das principais conclusões do estudo é “[...] a crescente importância das fontes não oficiais nas notícias.”

A dificuldade em entender a complexidade das notícias é acrescentada pela brevidade e superficialidade de cada relato noticioso, como defende Santos (2004, p.117): “[...] submetido a constrangimentos de tempo, espaço e de organização, cada jornalista relata o imediato e o que parece evidente. Segue o que a fonte inicial lhe diz, a qual tem interesses em controlar o modo como se apresentam os acontecimentos.” A relação de disputa e cooperação entre jornalistas e fontes, conclui o autor, se insere em um contexto geral da sociedade em que a notícia é uma construção social da realidade, sujeita a padrões culturais, econômicos e profissionais dos agentes sociais envolvidos.

3 O JORNALISMO COMO CONSTRUÇÃO

3.1 O processo de construção da notícia

Os diversos estudos já realizados sobre a cobertura da Aids pelos meios de comunicação convergem para um ponto em comum: a responsabilidade da mídia na construção da doença no imaginário coletivo. Para entendermos como é realizado este processo, quais as influências e valores que determinam a construção desse discurso jornalístico, é importante levantarmos aqui algumas questões concernentes ao produto final do jornalismo: a notícia.

Da ação que constitui o fato à publicação e circulação do texto jornalístico na sociedade há uma dimensão na qual diversos conceitos, como a verdade e a objetividade, são freqüentemente questionados dentro e fora do meio acadêmico. Afinal de contas, a notícia é escrita a partir do olhar subjetivo de uma pessoa (ou mais de uma, em muitos casos). Se o texto é redigido a partir do ponto de vista de alguém sobre o fato acontecido, de que forma se legitima o discurso jornalístico? De que forma se dá o processo de transformação do fato em texto jornalístico, ou, ainda mais especificamente, quais são as características de um fato para que seja transformado em notícia?

Os debates gerados acerca dos problemas do acontecimento e da objetividade no campo jornalístico são fundamentais para a definição do conceito de notícia. Um paradoxo do mundo do jornalismo, apontado por Wilson Gomes (1993), é a insistência dos jornais em afirmar a própria veracidade e a lamentação dos jornalistas e dos leitores/espectadores com a ausência de compromisso com a verdade que domina o mundo do jornalismo. Gomes (1991) afirma que a verdade buscada pelo jornalismo é a objetividade, ou seja, fidelidade ao objeto ou ao fato. Mas como o jornalista – aquele encarregado de narrar o acontecido - cria um distanciamento em relação ao fato? Gomes (1991, p.30) recorre ao tema do interesse para explicar que “[...] a compreensão de um objeto, a completude da interpretação, é possível apenas enquanto o intérprete e o ‘texto’ pertencem-se reciprocamente.” Dessa forma, a compreensão não é um conhecimento de algo que se apresenta como um estranho a ser apreendido, e sim daquilo que já faz parte do ambiente do grupo social. A partir desta análise do envolvimento do sujeito com as coisas e os fatos, o problema do fato jornalístico acentua-se, na medida em que a ingenuidade com relação à imparcialidade da notícia, ou melhor, daquele que redige o texto jornalístico, é desmascarada.

A partir da premissa de que o jornalismo deve cultivar a virtude da imparcialidade, o equilíbrio se tornou a palavra-chave para a cobertura noticiosa. Michael Gurevitch e Jay G. Blumler (1993), a partir da análise da cobertura da BBC de Londres da campanha partidária nas eleições gerais que ocorreram entre abril e maio de 1979, mostraram que o critério de equilíbrio no tempo de apresentação das atividades dos principais candidatos dava a noção de imparcialidade. A metodologia utilizada era respeitar os tempos de cada

candidato diariamente, como ocorre até hoje em períodos de eleição em países com regime democrático.

Porém, os autores apontam pelo menos três pontos nos quais a abordagem do equilíbrio pode ser questionada: o princípio do equilíbrio está em tensão com o critério de objetividade; circunscreve o papel dos valores-notícia no processo de seleção e o equilíbrio molda a forma das reportagens eleitorais, ou seja, o modo de dispor os discursos e notícias num pacote profissionalmente satisfatório. Desta forma, a imparcialidade conquistada a partir do equilíbrio entre as falas dos candidatos é uma forma dos jornalistas de se protegerem contra acusações.

O equilíbrio no jornalismo, como entendemos, não está vinculado à imparcialidade, mas sim à independência que deve reger a relação dos meios de comunicação com toda a sociedade. Para Manuel Carlos Chaparro (2005, p.205), “[...] é bom lembrar que para o bom jornalismo os conflitos a serem narrados e a comentar sempre têm pelo menos três lados: os lados dos interesses oponentes e o lado dos valores da sociedade.” A independência para poder mostrar esses lados é obrigação do jornalismo. Chaparro completa que a precisão e a busca da veracidade são importantes no registro dos fatos e na escolha subjetiva das significações atribuídas aos discursos.

Para entendermos a transformação do fato em notícia, Gomes (1993, p.66) afirma que “[...] o fato é um complexo que inclui eventos envolvendo coisas, pessoas e textos. As suas marcas são a atividade, a relação e a temporalidade.” O fato é o resultado, a consequência de uma ação, aquilo que uma produção ou operação deixa para trás como seu

produto ou obra. No conceito de fato também está implícito um recorte voluntário no *continuum* das interações da realidade, delimitado no tempo e no espaço, onde interagem as pessoas, coisas e textos.

Um dos critérios de noticiabilidade é o da previsibilidade. É em função da maior ou menor previsibilidade que um fato adquire o estatuto de acontecimento do ponto de vista jornalístico. Adriano Rodrigues (1993, p.27) define o acontecimento jornalístico como “[...] um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência.”

Rodrigues estabelece três critérios de notabilidade dos fatos: o excesso, a falha e a inversão. O autor entende como *excesso* o funcionamento anormal da norma, emergência escandalosa de marcas excessivas do funcionamento normal dos corpos, como, por exemplo, o massacre de uma aldeia pelas tropas militares, uma ação excessiva dentre as funções ordinárias do corpo militar. A *falha* é o defeito, a insuficiência no funcionamento normal e regular dos corpos, como, por exemplo, o revólver que falha no momento em que o agressor executa a agressão. A *inversão*, como, por exemplo, o fato de um homem morder um cão e não ao contrário, se constitui como registro de notabilidade do acontecimento.

Além dessas características que levam o acontecimento a se tornar texto jornalístico, Rodrigues (1993, p.29) defende a existência de uma espécie de “acontecimentos segundos” ou de “meta-acontecimentos”, provocados pela própria existência do discurso jornalístico.

“O que torna o discurso jornalístico fonte de acontecimentos notáveis é o fato dele próprio ser dispositivo de notabilidade, [...] mundo da experiência autônomo das restantes experiências do mundo.”

Diante do debate acerca da constituição do fato jornalístico, é necessário também entendermos minimamente algumas propriedades e funções da notícia. As propriedades do campo jornalístico são preponderantes para a discussão sobre as funções da notícia. Pierre Bourdieu (1997) destaca que, na lógica específica de um campo orientado para a produção desse bem altamente perecível que são as *notícias*, a concorrência pela clientela tende a tomar a forma de uma concorrência pela prioridade, isto é, pelas notícias mais novas - o furo - e isso tanto mais, evidentemente, quanto se está mais próximo do pólo comercial.

A valorização da informação em função de sua atualidade favorece uma espécie de *amnésia permanente* que leva a uma propensão de se julgar os produtores e produtos segundo a oposição do novo e do ultrapassado.

É importante sublinhar que as notícias, ainda que ajudem as pessoas a interpretar a realidade, não a interpretam por si mesmas. A visão de Park, nesse sentido, está muito marcada pelo ideal da objetividade das notícias e por uma tentativa de separar sempre a opinião da informação. (BERGANZA, 2000, p.365).

Que tipo de conhecimento é proporcionado pela notícia? Robert Park (1972) foi o primeiro teórico que caracterizou as notícias como uma forma de conhecimento. Em abordagens anteriores, quando o método científico foi escolhido como o único parâmetro adequado para conhecer e dominar o mundo, toda a tentativa de conhecimento estabelecida à margem deste padrão foi desmoralizada, inclusive o jornalismo.

Utilizando-se das distinções entre as duas formas de conhecimento¹⁴ apontadas por William James, Park sublinha que as diferentes formas de conhecimento têm funções distintas na vida das pessoas e da sociedade e não devem ser consideradas como um único tipo de conhecimento, mas como possuindo níveis distintos de precisão e de validade. O autor afirma ainda que, entre a familiaridade com as coisas e o conhecimento delas, existe um *continuum* no qual podem situar-se todas as formas de conhecimento, incluindo as notícias.

Acerca da natureza e da função das notícias, Park afirma que as notícias proporcionam um tipo de conhecimento distinto da história, pois se referem a acontecimentos isolados e não procuram relacioná-los uns aos outros.

Como forma de conhecimento, a notícia não cuida essencialmente nem do passado nem do futuro, senão do presente – e por isso foi descrita pelos psicólogos como o presente “especioso” [...] A notícia só é notícia até o momento em que chega às pessoas para as quais tem “interesse noticioso”. Publicada e reconhecida a sua significação, o que era notícia se transforma em história. (PARK, 1972, p.175).

Eduardo Meditsch (1997) lembra que outras correntes teóricas oferecem bases de apoio não só para aceitar como também para definir a especificidade do jornalismo enquanto conhecimento. No processo de produção do conhecimento, defende o autor, o jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. Pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar. A reprodução deste conhecimento pelo jornalismo também se realiza de uma forma diferenciada.

¹⁴ Park (1972) explica que os dois tipos de conhecimento observados por William James são o “conhecimento de” e o “conhecimento acerca de”. O “conhecimento de” adquirimos mais através do uso e do hábito do que de qualquer espécie de investigação formal ou sistemática. Já o “conhecimento acerca de” é formal, racional e

O jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais. A hipótese de que ocorra uma reprodução do conhecimento, mais complexa do que a sua simples transmissão, ajuda a entender melhor o papel do jornalismo no processo de cognição social. (MEDITSCH, 1997)¹⁵.

No entanto, a produção de conhecimento pelo jornalismo tanto pode servir para reproduzir outros saberes quanto para degradá-los. As notícias, produto do jornalismo, são ferramentas capazes de gerar opinião pública e de mover a ação política, gerando conversação, comentários e discussões acerca dos assuntos pautados. Gabriel Tarde (1986, p.138-139) afirma que:

O jornal é uma carta pública, uma conversação pública que, tendo a sua origem na carta privada, isto é, na conversação privada, passou a converter-se no seu regulador fundamental e no seu fornecedor de conteúdos mais abundante [...] Começou por ser um eco prolongado das conversações e das correspondências e acabou por constituir a fonte, quase única, que alimenta umas e outras.

Tanto o poder econômico, no controle indireto, como o poder político, no controle direto das mensagens, buscam o pleno desempenho da ordem social estabelecida. Enquanto os veículos de comunicação estatais estão sujeitos ao poder político e devem todas as satisfações ao Estado, os veículos sob controle privado, mesmo em países democráticos industrialmente desenvolvidos, têm uma liberdade vigiada, onde uma violação pode causar a suspensão ou o cancelamento da concessão. Dante Mattiussi (1997, p.171) afirma:

Podemos encontrar uma grande influência da manipulação dos meios de comunicação por parte dos empresários, nos pecados cometidos pelos repórteres e editores, no que diz respeito ao assassinato de reputação ou da cidadania. É como se uma coisa fosse decorrente da outra. Não como uma causa única e isolada, mas como influência.

sistemático, que atingiu certo grau de precisão e exatidão, substituindo a realidade concreta por idéias e as coisas por palavras.

¹⁵ Documento eletrônico.

O poder econômico, representado por diversos interesses e também identificado pelos mais sólidos anunciantes nacionais e multinacionais, desenvolve formas de pressão e influência, inspiração e controle dos meios de comunicação. O caráter de um veículo, a qualidade da informação que transmite e a natureza do seu pensamento podem ser medidos pela resistência que oferece às pressões e influências de grupos de poder. Isso quando o jornal não se transforma em simples porta-voz desses grupos, sujeito ao seu controle.

A avaliação do vínculo dos meios de comunicação com o poder econômico ou político que os tutela acaba destruindo alguns mitos do jornalismo, como a imparcialidade. Juarez Bahia (1990, p.233) afirma que "[...] a neutralidade é um logro se examinado em face do espaço político que cada veículo atribui à notícia em função dos seus custos."

A comunicação também não é apenas um campo de repasse de conteúdos:

O campo da comunicação social não se constitui apenas num lugar de 'acolhimento' das compreensões e os processo de interação social, em torno das quais se estabelecem e se articulam as compreensões e os processos de interação social. Pelo contrário, este campo se destaca como agente que, dispondo de regras e poderes específicos, dá conta de operar a própria construção dos sistemas de representações. (FAUSTO NETO, 1991, p.13).

Um dos principais compromissos dos veículos de comunicação, na prática do jornalismo, é o de denunciar as formas de injustiça e opressão na sociedade, porém defender esta tese significa levantar complicadas questões sobre a natureza e a estrutura da imprensa, tal como concebidas nas sociedades democráticas. Clifford Christians (1986, p.116) defende que "[...] a justiça para com os fracos e oprimidos é a questão central para uma imprensa socialmente responsável." Em outras palavras, afirma que a defesa daqueles

que estão à margem do sistema econômico é o teste decisivo para se saber se os profissionais da imprensa cumprem ou não a sua missão.

Na sociedade contemporânea, os meios de comunicação funcionam como agentes de transformação social. Isso se dá porque eles mantêm o controle social ou o processo pelo qual são provocados estímulos para agir eficazmente sobre pessoas ou grupos, produzindo respostas que funcionam no ajustamento. Harvey Molotch e Marilyn Lester (apud¹⁶ Traquina, 2001, p.129) ressaltam que “[...] a já vasta literatura sobre a produção de notícias reconhece o poder do jornalismo, não só na projeção social dos assuntos sociais, mas também no enquadramento desses assuntos como fonte de discussão pública.”

Qual é ou deveria ser o papel e a função da imprensa numa democracia? Nem os jornalistas, nem o público a que servem podem fazer uma avaliação adequada do desempenho da imprensa. Primeiro, porque a sociedade não possui claramente uma definição das responsabilidades da imprensa. Segundo, como enfatiza Deni Elliott (1985, p.16), “[...] é possível se ter uma imprensa que seja ao mesmo tempo livre e responsável. No entanto, não é possível ter uma imprensa que seja ao mesmo tempo totalmente livre e com encargos.” Uma imprensa assim poderia não ser livre para escolher voluntariamente um comportamento responsável, uma vez que qualquer autoridade que tivesse o poder de convocar a imprensa para prestar contas de seus atos poderia exigir um desempenho responsável.

¹⁶ MOLOTCH, H.; LESTER, M. News as Purposive Behavior: on the Strategic Use of Routine Events, Accidents and Scandals. **American Sociological Review**, Washington, DC, v. 39, n.1, p. 101-112, 1974.

Os veículos de comunicação têm responsabilidade em relação à sociedade. Esta responsabilidade se mantém, pouco importando se eles são públicos ou privados, ou se o controle e o julgamento do que é divulgado é feito interna ou externamente. Por outro lado, os cidadãos têm o direito de ter acesso às informações. Murilo Ramos (2002) considera o direito à comunicação como um direito de quarta geração. Os direitos civis seriam os direitos de primeira geração; os direitos políticos, segunda geração, e os direitos sociais, terceira geração. Os avanços tecnológicos no mundo da informação e da comunicação, enquanto nova forma de organização hegemônica do capitalismo, retomam a necessidade de um debate sobre o direito à comunicação.

A reivindicação de uma democratização da comunicação [...] compreende evidentemente o fornecimento de meios mais numerosos e mais variados a um maior número de pessoas, mas não se pode reduzir simplesmente a alguns aspectos quantitativos [...] Significa também algumas possibilidades maiores – para as nações, as forças políticas, as comunidades culturais, as entidades econômicas e os grupos sociais – de intercambiar informações num maior plano de igualdade, sem um domínio sobre os elementos mais fracos e sem discriminações contra ninguém. (RAMOS, 2002, p.127).

O difícil reconhecimento da comunicação como política pública no capitalismo dá-se devido ao fato da comunicação ser entendida como a principal garantidora da ordem vigente. Ramos (2002, p.128) afirma que “[...] um dos maiores desafios por um Estado democrático contemporâneo é o de resgatar o espaço público como espaço formador das políticas sociais mediante a inclusão crescente de todos os atores sociais relevantes.” Mas na contemporaneidade, em que o espaço público é constituído fortemente pelos meios de comunicação¹⁷, esses atores sociais encontram-se quase que totalmente excluídos.

¹⁷ Garcia Canclini (1995) defende a tese de que, com o enfraquecimento da política e a conseqüente descrença nas instituições, outros modos de participação se fortalecem. As pessoas começam a perceber que suas

3.2 Fontes de informação: a luta pelo poder no campo jornalístico

As teorias construcionistas¹⁸ argumentam que é difícil distinguir entre a realidade e as notícias, pois justamente as notícias ajudam a construir a própria realidade. Defendem também que a linguagem não é neutra, por isso não pode ser transmissora direta do significado de um determinado acontecimento. Esse paradigma se baseia em fatores de ordem econômica e organizacional para entender a notícia como uma forma de construção da realidade.

A partir do paradigma das notícias como construção social, emergem duas novas teorias – estruturalista e interacionista. Para ambas as teorias, como afirma Traquina (2004, p.173), “[...] as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização.” Como consequência disso, a interação entre jornalistas e fontes de informação faz das notícias uma ferramenta importante do governo e das autoridades estabelecidas, e as notícias tendem a apoiar as interpretações oficiais dos acontecimentos. Nos estudos já realizados sobre a cobertura da Aids pela mídia, é comprovado o domínio de fontes oficiais¹⁹ em detrimento das pessoas que vivem com a doença.

perguntas recebem resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos.

¹⁸ Traquina (2004) explica que as teorias construcionistas (estruturalista e interacionista) surgem nos anos 70, com a emergência de um paradigma que é totalmente oposto à perspectiva das notícias como ‘distorção’ e que também põe em causa diretamente a própria ideologia jornalística e a sua teoria das notícias como espelho da realidade.

¹⁹ A partir do diálogo de nossa pesquisa com estudos já realizados sobre fontes de informação em HIV/Aids, tomamos por base a classificação de fontes em oficiais (fontes mantidas pelo Estado, por instituições e organizações governamentais), não-oficiais (fontes desvinculadas de uma relação de poder) e fontes anônimas (pessoas a quem o jornalista atribui opiniões, sem ser revelada a identidade). Outras classificações poderiam

Por outro lado, a teoria interacionista defende que o papel dominante das fontes oficiais não é automático, e sim resultado de uma ação estratégica. Assim, a posição dominante das fontes oficiais é uma conquista. Traquina (2004) lista quatro recursos que as fontes devem possuir para impor seus acontecimentos na agenda dos jornalistas e determinar seus enquadramentos na luta simbólica em torno do processo de construção de sentido: o capital econômico; o capital institucional, ou seja, o grau de institucionalização da fonte; o capital sociocultural, na forma de autoridade, “saber” e credibilidade; a estratégia e as táticas de comunicação.

No entanto, se as fontes de informação se apóiam na representatividade, credibilidade e autoridade para “negociar” com os jornalistas os significados de um acontecimento, o profissional da comunicação deve ter a capacidade de selecionar a informação de acordo com critérios jornalísticos e saber cultivar as fontes. Como enfatiza Jorge Pedro Sousa (2005, p.49), “[...] as informações que uma fonte disponibiliza ao jornalista devem ser enquadradas e tratadas sem adulteração, mas também devem ser, por princípio, verificadas.” Principalmente quando a notícia trata de situações que envolvem interesses de várias partes.

A relação entre fontes de informação e jornalistas é, muitas vezes, uma relação de luta e negociação, marcada por uma disputa geralmente desigual entre os diversos tipos de fontes. As rotinas de trabalho, os critérios de noticiabilidade e outros constrangimentos profissionais transformaram o acesso ao campo jornalístico um bem estruturado

ser utilizadas neste trabalho, mas o objetivo da pesquisa não é o de estabelecer uma tipologia de fontes, e sim verificar o movimento de legitimação de determinadas fontes e o silenciamento de outras.

socialmente. Segundo Philip Schlesinger (1978), as fontes não são todas iguais e todas igualmente relevantes, assim como o acesso a elas e o seu acesso aos jornalistas não está uniformemente distribuído.

Na realidade, fontes, jornalistas e público coexistem dentro de um sistema que se assemelha mais ao jogo da corda do que a um organismo funcional inter-relacionado. No entanto, os jogos da corda são decididos pela força: e as notícias são, entre outras coisas, o exercício do poder sobre a interpretação da realidade. (GANS, 1979, p.81).

A existência de jornalistas e fontes de informação com vários níveis de autoridade e acesso em um processo dinâmico também é defendida por Santos (2004). O autor desenvolve o conceito de campo de notícia, no qual se estabelece a complexidade da interação dos agentes sociais envolvidos na construção da notícia. Santos reformula os conceitos de campo jornalístico, de Bourdieu (1997), e campo estruturado, de Schlesinger (1990). No conceito de campo jornalístico opõem-se dois pólos: os jornais que propõem análises, comentários e valores, chamados de pólo intelectual, e os jornais que oferecem notícias sensacionalistas e visam à venda e às audiências, denominadas pólo comercial. Schlesinger vai destacar as fontes de informação inseridas em um campo no qual se estabelece a luta pelo acesso aos meios de comunicação.

No campo estruturado, as fontes de informação se utilizam de diversos recursos possíveis dentro de um quadro de constrangimentos e desafios. No conceito desenvolvido por Santos (2004, p.19), “[...] campo de notícia é um espaço de relações sociais em torno de um *enjeu* ou desafio com ganhos e perdas por parte dos agentes intervenientes.” Desta forma, como define o autor, constrói-se um campo de luta sujeito ao conflito e à negociação entre jornalistas e fontes de informação.

As relações estabelecidas entre jornalistas e fontes dependem do peso da informação fornecida, da confiança depositada pela fonte no jornalista e do tempo disponível para a elaboração da notícia. A seleção e o cultivo de fontes de informação estão relacionados diretamente aos constrangimentos temporal, espacial e organizacional que o jornalista enfrenta na rotina de produção das notícias. Santos (2004, p.43) explica que o jornalista aceita melhor as fontes oficiais, porém elas nem sempre dão a resposta pretendida de imediato:

Primeiro, porque há que ponderar a altura certa para divulgar a resposta. Segundo, porque não se tem a certeza total da eficácia da informação e se espera que outros agentes se pronunciem sobre o assunto. Terceiro, porque à fonte oficial nem todos os jornalistas ou meios noticiosos interessam. A escolha destes é feita com critério pela fonte, tendo em conta o prestígio do jornalista ou do jornal.

Lorenzo Gomis (2004) ressalta que os meios de comunicação estão tecnicamente interessados em entrar em contato com as fontes oficiais, assim como as fontes são interessadas em que alguns fatos sejam conhecidos, seja por meio de uma comunicação direta de notícias ou por uma programação habitual de atividades. “O acordo entre o meio que precisa de notícias e a fonte que deseja que se saiba algum fato passa pelo conceito de notícia.” (GOMIS, 2004, p.103). Isto porque, se a fonte prova que tal fato deve ser notícia, ou melhor, possui os critérios jornalísticos de noticiabilidade, não se supõe que o meio de comunicação torne pública essa informação para favorecer ou prejudicar a imagem de alguém, mas simplesmente porque é um fato que interessa à sociedade conhecer.

Molotch e Lester (1993) estão entre os primeiros a dedicar maior atenção às fontes emissoras, tendo como ponto de partida o conceito de promotor. O acontecimento, explicam os autores, possui três níveis de categorias: primeiro, aparecem os promotores,

interessados em divulgar certos acontecimentos para uso público e impedir certas ocorrências de atingir o grau de acontecimentos; segundo, os jornalistas, que, recebendo o material dos promotores, transformam as ocorrências em acontecimentos públicos através da publicação ou emissão; terceiro, os leitores, que observam os acontecimentos tornados visíveis pelos meios de comunicação e criam na sua mente um sentido de tempo público²⁰.

A importância das fontes de informação na construção da notícia é indiscutível dentro do campo jornalístico. Traquina (1993) propõe também três considerações sobre a importância das fontes de informação no trabalho jornalístico: o relacionamento entre jornalista e fonte é sagrado e protegido pela lei; fontes não são desinteressadas, por isso é preciso que provem sua credibilidade; e quanto mais alta é a posição do informador, mais credível é a fonte de informação.

O imprescindível nesta relação de troca que se estabelece entre as partes é que o jornalista obedeça algumas regras inerentes à prática do jornalismo, como a contrastação de fontes. Em muitos casos, os constrangimentos provocados pelo horário de fechamento da edição do jornal, programa de TV ou rádio, por exemplo, levam o profissional a confiar piamente em apenas uma versão do fato. Silvana Dalmaso (2002, p.9) explica que “[...] atualmente, muitas vezes são eleitas fontes de informação oficiais e oficiosas que passam a consagrar-se como a ‘voz da sociedade’, escondendo ou suprimindo publicamente conflitos sociais.” A procura pelas fontes oficiais também passa pelo conceito da representatividade.

²⁰ Santos (2003) critica essa teoria no momento em que não esclarece o papel do jornalista na aceitação e divulgação do acontecimento proposto pela fonte. Também não se sabe qual o acesso de grupos dissidentes na divulgação de uma ocorrência.

As fontes oficiais por representarem instituições de poder e exercerem também certo controle e responsabilidades são as primeiras a serem procuradas pelos jornalistas, ficando em segundo plano os representados, os que não têm a influência de uma autoridade, os que não possuem um cargo representativo. (DALMASO, 2002, p.11).

Há, portanto, um conjunto de razões, como afirma Mauro Wolf (2003), que levam as fontes não-oficiais a terem pouco ou nenhum espaço para sua representação junto à opinião pública. Essas razões são determinantes na elaboração do discurso jornalístico, que, por sua vez, irá influenciar na maneira como a sociedade se apropria dos acontecimentos.

A visibilidade e a especialização de organizações não-governamentais têm contribuído para o acesso das fontes não oficiais aos meios de comunicação. Segundo Santos, as fontes não oficiais têm aumentado seu campo de manobra, no sentido da criação de agendas próprias. “Para além das fontes oficiais, os jornalistas necessitam de outras fontes, que fornecem ângulos diferentes às histórias e levam à construção de notícias escandalosas e dramáticas.” (SANTOS, 2004, p.45). O interesse de jornalistas especialistas em cobrir as contradições de idéias e projetos alternativos também colabora para o acesso dos grupos com poucos recursos à mídia.

Neste sentido, o estudo das fontes de informação tem constituído um aspecto central da pesquisa sobre jornalismo. Antes de chegarem à sociedade, as informações provenientes das fontes são submetidas a um processo de enquadramento, que irá contribuir para a construção de um significado. Cabe, assim, esclarecer os tipos de fontes consultadas e quais ficaram de fora.

3.3 Discurso polifônico

A partir da observação dos sujeitos que constituem o discurso jornalístico – a empresa, o jornalista e as fontes que estão presentes na notícia²¹ – verificamos que o texto é composto por diversas vozes – sujeitos do enunciado. Mikhail Bakhtin (1979), que influenciou os estudos da linguagem a partir das idéias de polifonia e dialogismo, defende que o discurso se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas, complementares, concorrentes, contraditórias.

Para o autor, o dialogismo é a condição do sentido do discurso. O princípio dialógico decorre da interação que se estabelece entre os sujeitos no texto. Desta forma, o texto também é entendido como o objeto dos estudos da linguagem, além do sujeito. Ao tratar do dialogismo, Bakhtin dividiu-o em dois planos: o diálogo entre interlocutores e o diálogo entre discursos.

Para Bakhtin, a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem. Neste caso, o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos. O autor defende assim que a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a relação entre os interlocutores não apenas funda a linguagem, mas também constrói os próprios sujeitos produtores do texto. No campo jornalístico, o conceito de

²¹ Para mapear as vozes que constituem o discurso jornalístico, entendemos que o locutor pode se apresentar de diversas formas, que não são apenas as das fontes de informação explícitas ou em *off*. O jornalista que assina, o jornalista que escreve sem assinar, mas que repassa a identificação imediata ao veículo, o leitor que assina uma carta e o articulista que assina um artigo também são sujeitos constituintes do discurso.

intersubjetividade vem reforçar a visão do paradigma construcionista de que a notícia é um produto resultado da interação entre os diversos sujeitos inseridos no processo.

Assim, como o discurso não é produzido individualmente, porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores, também é fruto da relação entre outros discursos. Como lembra Diana Barros (1997, p. 34), o dialogismo de Bakhtin “[...] define o texto como um ‘tecido de muitas vozes’, ou de muitos textos ou discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si no interior do texto.”

Os textos são diálogos porque resultam do embate de muitas vozes, mas o efeito produzido não é necessariamente o de polifonia. Por isso, é necessário distinguir dialogismo e polifonia, como faz Barros (1997, p.35): “[...] nos textos polifônicos, os diálogos entre discursos mostram-se, deixam-se ver ou entrever; nos textos monofônicos, eles se ocultam sob a aparência de um discurso único, de uma única voz.” Sem polifonia, a partir da perspectiva de Oswald Ducrot (1987), estamos diante de um discurso falsamente plural. Podemos, por exemplo, dar voz a diversas fontes em uma reportagem, e mesmo assim o sentido do enunciado ser monofônico, pois todos os sujeitos enunciam sob a mesma perspectiva.

Retomando o conceito de Bakhtin e operando-o em um nível lingüístico, Ducrot mostra como, mesmo em um enunciado isolado, é possível detectar mais de uma voz. Como o próprio autor definiu, seu trabalho consiste em substituir o pressuposto da unicidade do sujeito falante, apenas questionada a partir do momento em que Bakhtin elaborou o conceito de polifonia. Para identificar o caráter monofônico ou polifônico do

discurso, Ducrot diferencia locutores e enunciadores. O locutor é o sujeito que fala e que pode ser identificado como o responsável, ao menos imediatamente, pelo enunciado.

Por definição, entendo como locutor um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado. É a ele que refere o pronome *eu* e as outras marcas da primeira pessoa. [...] o locutor, designado por *eu*, pode ser distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor – mesmo que as duas personagens coincidam habitualmente no discurso oral. Há de fato casos em que [...] o autor real tem pouca relação com o locutor, ou seja, com o ser, apresentado, no enunciado, como aquele a quem se deve atribuir a responsabilidade da ocorrência do enunciado. (DUCROT, 1987, p. 182).

A complexidade maior recai sobre o estudo dos enunciadores. Segundo Ducrot, pode acontecer de o sentido do enunciado fazer surgirem vozes que não são as de um locutor, mas de enunciadores, seres dos quais a enunciação²² expressa o ponto de vista, a posição, a atitude, mas não necessariamente as palavras. Desta forma, o locutor é quem fala, o enunciador é aquele “a partir de quem se vê”. Como explica Machado (2005, p.13), “[...] o enunciador deve ser identificado, na análise de vozes, como a perspectiva a partir da qual o enunciador enuncia. Essa perspectiva está diretamente associada a uma posição de sujeito, conformada também por inscrições culturais, sociais e históricas.”

Em uma análise de como essas vozes se constituem no discurso jornalístico, podemos pensar em uma reportagem, por exemplo, com quatro fontes consultadas. Em princípio, teríamos cinco locutores (o repórter e as fontes), o que nos levaria a concluir que o texto é polifônico. No entanto, é preciso também, em uma segunda instância, analisar as

²² Ducrot (1987, p.168) designa por enunciação “[...] o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado.” O autor escolhe uma definição da enunciação que não contenha necessariamente uma fonte como seu autor, como, por exemplo, as “enunciações históricas”, nas quais o sentido dos enunciados não exhibe nenhum autor de sua fala. Para Ducrot, certas enunciações não aparecem como produto de uma subjetividade individual, não atribuindo a nenhum locutor a responsabilidade de sua enunciação.

perspectivas de enunciação. Se todos os locutores enunciarem sob a mesma perspectiva, apenas complementando-se uns aos outros, podemos dizer que configuram um único enunciador. Teríamos, assim, um texto aparentemente polifônico, constituído por cinco vozes diferentes, que na verdade é monofônico, pois possui um único enunciador.

Uma situação oposta também é possível, quando um mesmo locutor se posiciona de diversas perspectivas em um mesmo discurso, e o que seria um texto monofônico pode ser, na verdade, polifônico. “Embora pareça estranho, este é o tipo de movimento de vozes presente em alguns editoriais, por exemplo, quando a empresa jornalística não quer se posicionar claramente.” (MACHADO, 2005, p.14).

O discurso jornalístico, considerado como uma modalidade de *discurso sobre* (no qual o jornalista busca relatar a verdade), atua na institucionalização social de sentidos, como defende Bethania Mariani (1998, p.61-62):

Fazendo crer que apresenta os fatos tais como são, com uma linguagem isenta de subjetividades, o discurso jornalístico atua à semelhança de um discurso pedagógico em sua forma mais autoritária [...] No discurso jornalístico mascara-se um apagamento da interpretação em nome de fatos que falam por si.

O contrato de leitura que se estabelece entre jornalistas, fontes e leitores é necessário para compreendermos o funcionamento do discurso jornalístico. Como explica Machado (2005, p.08), “[...] um contrato é firmado social e simbolicamente sobre normas que definem os papéis dos interlocutores e os deveres, permissões e interdições concernentes a cada um.” No jornalismo, o contrato de leitura se mantém a partir dos pressupostos de que o jornalista não mente, só recorre a fontes credíveis e cruza fontes e

versões, entre outros. Mesmo que seja ilusória, a credibilidade dos jornalistas e das fontes envolvidas no processo da construção da notícia é que contribuirá para não abalar o contrato firmado com o leitor.

A noção de ilusão discursiva, criada por Michel Pêcheux, como lembram Marcia Machado e Nilda Jacks (2001), também é determinante na verificação da relação dos jornalistas com as fontes da informação.

É comum que o jornalista se utilize não só da visão sobre a realidade fornecida pelas fontes, mas também de suas expressões. Em muitos momentos, assume as perspectivas de enunciação de outros pensando serem as suas. No momento em que produz o texto, considera-se dono deste discurso, seu autor. (MACHADO; JACKS, 2001)²³.

As autoras lembram ainda que o esquecimento é parte constitutiva da ação discursiva do sujeito e confirma a noção de que todo discurso é o encontro de muitas vozes – não apenas as que falam em nome do sujeito, mas também as que não falam. A partir da enunciação é que se define o discurso jornalístico. Partindo dessa premissa, podemos mostrar o que no jornalismo impresso permanece oculto, quem fala e a partir de que posição ideológica.

A produção do discurso se faz na articulação de dois grandes processos, definidos por Eni Orlandi (1993) como processo parafrástico e processo polissêmico. O processo parafrástico é o que permite a produção do mesmo sentido sob várias formas, e o processo polissêmico é o responsável pelo fato de que são sempre possíveis sentidos diferentes. “Esta tensão entre o mesmo e o diferente é que constitui as várias instâncias da linguagem.

²³ Documento eletrônico.

Uma consequência da distinção desses dois processos é a diferença entre criatividade e produtividade.” (ORLANDI, 1993, p.20). A produtividade se dá pela obtenção de variados elementos através de operações que são sempre as mesmas e que procuram manter o que está instituído. Já a criatividade instaura o diferente na linguagem, na medida em que cria novas formas, novos sentidos, podendo realizar uma ruptura com o *status quo*.

Para a análise dos produtos discursivos resultados da interlocução, Orlandi elaborou uma tipologia de discursos a partir da interação dos sujeitos e a relação de polissemia e paráfrase, dividida em autoritário, polêmico e lúdico. O tipo autoritário é o que tende para a paráfrase (o mesmo) e em que se procura conter a reversibilidade. O tipo polêmico apresenta um equilíbrio entre polissemia e paráfrase, em que a reversibilidade é disputada pelos interlocutores, havendo a possibilidade de mais de um sentido. Já o tipo lúdico tende para total polissemia, em que a reversibilidade é total.

Esses conceitos são importantes para identificar os sentidos nas enunciações e, assim, verificar se o discurso é polifônico ou monofônico. Berger (1998, p.188) defende que “[...] o discurso jornalístico é duplamente polifônico (composto de múltiplas vozes), indicando um potencial polissêmico (possibilidades plurais de sentido) que, no entanto, tende à paráfrase (ao mesmo), inscrevendo-se no tipo autoritário.”

O jornalismo, entendido como construtor de sentidos sobre a realidade, é um discurso que deve representar a diversidade de pensamento da sociedade contemporânea. Deste modo, apenas a pluralidade de perspectivas de enunciação pode configurar o jornalismo como um campo representativo dessa complexa estrutura social na qual estamos

inseridos. Por trás de aparentes polifonias, a partir da verificação de múltiplos locutores, muitas vezes escondem-se discursos essencialmente monofônicos, o que vai de encontro ao compromisso social do campo jornalístico.

4 OBJETO E MÉTODO

4.1 Contextualização do objeto

Nas últimas décadas, os jornais brasileiros têm direcionado grande parte de seus esforços no estreitamento de laços com seus leitores e fontes de informação, que em muitos casos são a mesma pessoa cumprindo papéis diferentes. Para isso, a criação de espaços para a publicação de artigos e cartas, além da criação do *ombudsman*²⁴, entre outras iniciativas, foram cruciais para a aproximação entre os diversos elos que compõem essa cadeia.

A necessidade de conceituar a fonte e definir formas de como tratá-la se materializou, principalmente, em manuais de redação dos jornais brasileiros de referência. Para analisarmos nesta pesquisa a configuração das fontes de informação utilizadas pelos jornais de referência Folha de S. Paulo e O Globo, é necessário primeiramente identificarmos como esses jornais abordam, nos seus manuais, as diferentes questões concernentes às fontes.

²⁴ O jornal Folha de S. Paulo tornou-se em 1989 o primeiro da América Latina a instituir a função do *ombudsman*.

Na edição do Manual Geral da Redação da Folha de S. Paulo publicada em 1987, a fonte era descrita como “[...] quem fornece informações ao jornal por iniciativa própria ou por solicitação de um jornalista.” (MANUAL GERAL..., 1987, p.113). Como afirma Manuel Carlos Chaparro (2005), o jornal deixava claro que se deve às fontes a matéria-prima utilizada pelo jornal. O manual afirmava também a importância de se cultivar o relacionamento com as fontes para o exercício de um trabalho jornalístico completo, mas alertava que o jornalista não deveria submeter-se às fontes ou desfrutar de sua intimidade.

Nas edições seguintes do Manual da Redação, publicadas em 1992 e 2001, a Folha de S. Paulo destacou a importância de consultar um número maior de fontes para a realização da reportagem, utilizando-se das práticas de cruzar informações e de ouvir o outro lado.

A Folha de S. Paulo também criou uma tipologia de fontes e concentrou-se na necessidade de hierarquizá-las de acordo com o grau de confiança das informações fornecidas. O jornal distinguiu as fontes em quatro tipos:

- *Fonte tipo zero*: Escrita e com tradição de exatidão ou gravada sem deixar margem a dúvida, documentos emitidos por instituição com credibilidade etc.
- *Fonte tipo um*: É a mais confiável nos casos em que a fonte é uma pessoa. Tem um histórico de confiabilidade. Fala com conhecimento de causa, está muito próxima do fato que relata e não tem interesses imediatos na sua

divulgação. A Folha admite que informações vindas de uma fonte tipo um sejam publicadas sem checagem com outra fonte.

- *Fonte tipo dois:* Tem todos os atributos da fonte tipo um, menos o histórico de confiabilidade. Toda informação dessa fonte deve ser cruzada com pelo menos mais uma fonte antes de publicada.
- *Fonte tipo três:* A de menor confiabilidade. É bem informada, mas tem interesses (políticos, econômicos etc.) que tornam suas informações nitidamente menos confiáveis.

Apesar desta classificação, o jornal enfatizou que “a classificação de uma fonte varia conforme as circunstâncias políticas, o relacionamento pessoal da fonte com o jornalista, a atitude dela em relação ao veículo que o profissional representa.” (NOVO MANUAL..., 1992, p.30).

O Manual de Redação e Estilo do jornal O Globo, publicado em 2001, não realizou uma classificação das fontes, mas se preocupou, assim como o jornal Folha de S. Paulo, em proteger as fontes de informação às quais prometeu anonimato. “Essa proteção será mantida até mesmo diante de interpelação judicial, assumindo a empresa jornalística os ônus pela defesa de seus profissionais que se recusarem a identificar suas fontes.” (GARCIA, 2001, p.122).

O direito ao anonimato só desaparece se o jornal se convence de que a fonte lhe forneceu informação falsa. O Globo também listou os casos em que não aceita o *off the*

*record*²⁵: opiniões pessoais, principalmente de políticos e ocupantes de cargos políticos em geral; acusações ou denúncias sem provas concretas; notícia que revela transparente desejo de promoção pessoal do informante.

Para conhecermos um pouco melhor os jornais brasileiros de referência escolhidos para esta pesquisa, a seguir traçamos um breve histórico de ambos os periódicos.

4.1.1 Folha de S. Paulo (SP)

Fundada em 19 de fevereiro de 1921 com o nome Folha da Noite, foi apenas em 1º de janeiro de 1960 que adotou o nome de Folha de S. Paulo, com a unificação dos três títulos da empresa ("Folha da Manhã", "Folha da Tarde" e "Folha da Noite"). Em 1967, o jornal foi pioneiro na impressão offset em cores, usada em larga tiragem pela primeira vez no Brasil. Em 1971, a Folha de S. Paulo abandonou a composição a chumbo e se tornou o primeiro jornal a usar o sistema eletrônico de fotocomposição. Na década de 80, tornou-se o jornal mais vendido no país. O crescimento foi calcado nos princípios editoriais do Projeto Folha: pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência. Organizado em cadernos temáticos diários e suplementos, tem circulação nacional. Em junho de 1981, foi elaborado um documento de circulação interna que se estabeleceu como a primeira sistematização de um projeto editorial. O texto fixou três metas: informação correta, interpretações competentes e pluralidade de opiniões.

²⁵ *Off the record* significa em inglês "fora dos registros". É a informação de fonte que se mantém anônima.

Em 1983, o jornal teve a primeira Redação informatizada na América do Sul com a instalação de terminais de computador. Em 1992, a Folha de S. Paulo se consolidou como o jornal com a maior circulação paga aos domingos (média de 522.215 exemplares). A Primeira Página passou a circular colorida todos os dias. Em 1994, com o lançamento do "Atlas Folha/The New York Times" em fascículos, o jornal bateu recorde de tiragem e de vendas na história de jornais e revistas do país no dia de lançamento (1.117.802 exemplares) e nas semanas subsequentes.

Atualmente, é o jornal de maior circulação em todo o país. Em 2004, a média diária de circulação foi de 307.703 exemplares, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC)²⁶. O conteúdo do jornal também é disponibilizado na íntegra para seus assinantes na internet, oferecendo também outros produtos na versão online.

A seguir, uma breve descrição dos cadernos diários que compõem a Folha de S. Paulo:

- *Folha Brasil*: no primeiro caderno da Folha, a editoria se dedica à vida política, institucional e aos movimentos sociais.
- *Folha Ciência*: notícias sobre as últimas descobertas e pesquisas mais recentes e importantes no Brasil e no mundo.
- *Folha Cotidiano*: informações nas áreas de segurança, educação e direito do consumidor. Traz diariamente notícias relativas às principais capitais do país.

²⁶ Documento eletrônico.

- *Folha Dinheiro*: a conjuntura econômica, brasileira e internacional, e o mundo dos negócios.
- *Folha Esporte*: além de acompanhar os principais campeonatos, traz assuntos relacionados à política, marketing, legislação e moda esportiva.
- *Folha Ilustrada*: traz a cobertura do que há de relevante nas áreas de cultura e entretenimento.
- *Folha Mundo*: publica as principais notícias internacionais, acompanhadas de análises e enfoque didático.

Cadernos semanais encartados na Folha de S. Paulo:

- *Folha Informática* (quartas-feiras): auxilia os leitores a entender e a usar melhor a internet e os computadores. *Folha Equilíbrio* (quintas-feiras): um caderno dedicado à busca da saúde e da qualidade de vida. *Folha Turismo* (quintas-feiras): traz os principais destinos de viagem no Brasil e no mundo.
- *Folhinha* (sábados): reportagens e fotos de interesses das crianças, além de quadrinhos, passatempos, brincadeiras e promoções.
- *Folhateen* (segundas-feiras): música, cultura, ensino, comportamento e sexo para adolescentes.
- *Mais!* (domingos): traz assuntos sobre literatura, sociologia, filosofia e artes.
- *Revista da Folha* (domingos): revista semanal de moda, decoração, família, comportamento, atualidades e consumo.
- *Folha Veículos* (domingos): reportagens sobre o mercado automobilístico.
- *Folha Construção* (domingos): dicas sobre materiais e técnicas construtivas, além de temas relacionados à decoração.

- *Empregos* (domingos): reúne reportagens e serviços direcionados aos profissionais que querem ampliar suas chances no mercado.
- *Folha Negócios* (domingos): orienta quem quer entrar no mundo dos negócios.
- *Folha Imóveis* (domingos): sobre compra, venda e locação de imóveis.
- *Guia da Folha* (sextas-feiras): programação de cultura e entretenimento da Grande São Paulo, região onde circula.
- *Sinapse* (última terça-feira do mês): as reportagens e as seções procuram desfazer a fronteira entre o profissional, o acadêmico, o pessoal.²⁷

4.1.2 O Globo (RJ)

A primeira década de existência do jornal O Globo foi marcada por acontecimentos conturbados. Fundado em 29 de julho de 1925, o jornal perdeu um mês depois o seu criador: Irineu Marinho, pai de Roberto Marinho. Na década de 50, já com algumas novidades gráficas, o jornal estreou a coluna de Ibrahim Sued, que revolucionou o jornalismo social brasileiro. O jornal também começou a investir em marketing, com a criação do Dia dos Pais em 15 de agosto de 1953. Em 1954, mudou-se do largo da Carioca para uma nova sede, na rua batizada Irineu Marinho.

Em 1970, o jornal estreou a seção Carta do Leitor, possibilitando um espaço para que os leitores pudessem se manifestar. Em 1972, O Globo passou a circular aos domingos.

²⁷ Informações da Folha de S. Paulo foram obtidas no site www.folha.com.br.

Em 1995, já consolidado como um dos maiores jornais do Brasil, O Globo bateu recorde de vendas no Rio de Janeiro, ultrapassando a marca de 1 milhão de exemplares. No final do ano, o jornal realizou uma reforma gráfica em comemoração aos seus 70 anos. A reformulação visava um melhor entendimento dos acontecimentos por parte do leitor, através da hierarquização das matérias e do uso de mais fotografias e infográficos. A reforma consumiu dois anos de pesquisa e planejamento. Em 1996 entrou no ar o Globo online, site do jornal na internet.

O novo parque gráfico foi inaugurado em 1999, ocupando uma área de 175 mil metros quadrados em Duque de Caxias (RJ). Atualmente, é o jornal com a segunda maior circulação em todo o país, perdendo apenas para a Folha de S. Paulo. Em 2004, a média diária de circulação foi de 257.451 exemplares, segundo dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC)²⁸.

As editorias que constituem o jornal O Globo diariamente são: Ciência, Economia, Esportes, O Mundo, O País, Rio, Opinião. Os cadernos do jornal O Globo são os seguintes:

- *Segundo Caderno* (todos os dias): com informações de cultura, circula todos os dias.
- *Caderno de Esportes* (segundas-feiras): noticiário esportivo do fim-de-semana.
- *Informática Etc* (segundas-feiras): com informações de novas tecnologias.

²⁸ Documento eletrônico.

- *Megazine* (terças-feiras): caderno para o público jovem, com reportagens sobre comportamento, moda, música e sexualidade.
- *Carros Etc* (quartas-feiras): novidades do mercado automobilístico.
- *Boa Viagem* (quintas-feiras): informações e dicas de turismo no país e no mundo.
- *Caderno Rio Show* (sextas-feiras): com roteiro cultural para o fim-de-semana.
- *Prosa & Verso* (sábado): caderno sobre literatura.
- *Caderno Ela* (sábados): reportagens sobre lançamentos e tendências da moda.
- *Globinho* (sábados): histórias e entretenimento para crianças, aos sábados.
- *Boa Chance* (domingos): caderno com oportunidades de emprego e dicas sobre mercado de trabalho.
- *Revista da TV* (domingos): informações do mundo artístico e programação da semana.
- *Morar Bem* (domingos): reportagens e dicas sobre o mercado imobiliário.
- *Revista O Globo* (domingos): reportagens sobre comportamento, saúde, família entre outros.

O jornal possui também dez cadernos de bairros (a maioria circula aos domingos).

Entre os colunistas que colaboram com O Globo, destacam-se: na editoria *País* – Merval

Pereira, Elio Gaspari, Tereza Cruvinel; *Economia* – George Vidor e Miriam Leitão; *Rio* – Ancelmo Góis; *Revista O Globo* – Ana Lúcia Azevedo, Artur Xexéo; e muitos outros.²⁹

4.2 Corpus

Um estudo de fontes de informação sobre HIV/Aids no jornalismo impresso brasileiro demandava um corpus que pudesse ser representativo da produção jornalística existente. A escolha dos jornais diários Folha de S. Paulo e O Globo foi definida primeiramente pela regra da representatividade dos jornais. Escolhemos dois representantes do jornalismo de referência no país, que subsidiam a produção de notícias para diversos veículos de comunicação espalhados pelo Brasil através de suas agências. Esses jornais também são, respectivamente, o primeiro e segundo de maior circulação no país, segundo informações do Instituto de Verificação de Circulação (IVC).

Em segunda instância, utilizamos a regra da exaustividade, incluindo todos os documentos relativos ao assunto pesquisado (informativos e opinativos) publicados durante o ano de 2004. Escolhemos o período de um ano “cheio” (de 1º de janeiro a 31 de dezembro) para perceber as nuances existentes durante todo o ano, principalmente no que se refere às datas que lembram a epidemia, como o Dia Mundial de Luta contra a Aids, em 1º de dezembro. Escolhemos o ano de 2004 por ser, então, o último ano “cheio” anterior a esta pesquisa, como forma de realizarmos um estudo o mais atualizado possível.

²⁹ Informações do jornal O Globo foram obtidas no site www.oglobo.globo.com.br.

A coleta do material foi realizada no Centro de Documentação e Recursos (Cedoc) da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia), com sede no Rio de Janeiro, no dia 14 de setembro de 2005. A Abia, criada em 1986, foi a primeira organização não-governamental de luta contra o HIV/Aids no Rio de Janeiro, e trabalha até hoje no acompanhamento das políticas públicas de saúde, educação e prevenção, tratamento e assistência, e direitos humanos.

O Cedoc contratou a empresa Newsclipping Pesquisa de Informações Jornalísticas Ltda., com sede no Rio de Janeiro, para a realização da taxação (clipping) diária das notícias sobre HIV/Aids nos principais jornais brasileiros. O material fica arquivado na sede da Abia e está à disposição de toda a comunidade para consulta.

No acesso ao arquivo, fizemos cópia de todos os documentos (informativos e opinativos) dos jornais escolhidos no período de 2004. Ao total, foram encontrados 377 textos jornalísticos. Na tabela 1, é possível identificar, dentro de cada jornal pesquisado, o número absoluto e percentual de textos divididos por gênero jornalístico.

Gênero	O Globo		Folha de S. Paulo		Total	
Informativo	128	74%	161	79%	289	77%
Opinativo	45	26%	43	21%	88	23%
Total	173	100%	204	100%	377	100%

Tabela 1: Textos classificados por jornal

Na tabela 2, identificamos, dentro de cada gênero jornalístico, o número absoluto e percentual de textos separados por jornal.

Jornais	Informativo		Opinativo		Total	
O Globo	128	44%	45	51%	173	46%
Folha de S. Paulo	161	56%	43	49%	204	54%
Total	289	100%	88	100%	377	100%

Tabela 2: Textos classificados por gênero

O texto jornalístico é aquele que contém um título e o corpo do texto propriamente dito, por isso muitas reportagens (com diversas retrancas cada) foram divididas em diversos textos. O que aconteceu também em chamadas de capa do jornal com título e pequeno texto, que foram contadas separadamente da reportagem interna. Infográficos e tabelas foram agrupados ao texto principal. As fotos e ilustrações que acompanham os textos jornalísticos não foram levadas em consideração, apenas as informações contidas nas legendas.

Para a análise, consideramos gênero informativo as notícias (nos seus diversos tamanhos) e entrevistas, e gênero opinativo as cartas de leitores, editoriais, artigos e textos de colunistas do jornal. Utilizamos a classificação dos gêneros jornalísticos em informativo e opinativo proposta por José Marques de Melo (2003).

Dentre o material coletado na Abia, decidimos que iríamos analisar apenas os textos jornalísticos que continham pelo menos uma referência às palavras HIV e Aids, em conjunto ou separadamente. Os demais textos, mesmo aqueles que se referiam às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) ou preservativos (camisinha), foram excluídos do corpus pesquisado.

A partir desse pressuposto, foram excluídos 67 (17,7%) dos 377 textos inicialmente coletados. Na tabela 3, identificamos a composição final do corpus da pesquisa, novamente separada por jornal pesquisado, no qual registramos o número absoluto e percentual de textos divididos por gênero jornalístico.

Gênero	O Globo		Folha de S. Paulo		Total	
Informativo	105	71%	123	75%	228	73,5%
Opinativo	42	29%	40	25%	82	26,5%
Total	147	100%	163	100%	310	100%

Tabela 3: Textos sobre HIV/Aids classificados por jornal

Nosso corpus ficou estabelecido em 310 textos jornalísticos, sendo que 228 são do gênero jornalístico informativo e 82 do gênero opinativo. Desta forma, 73,5% dos textos são informativos e 26,5% são opinativos. Na tabela 4, dentro de cada gênero jornalístico, contabilizamos o número absoluto e percentual de textos separados por jornal.

Jornais	Informativo		Opinativo		Total	
O Globo	105	46%	42	51%	147	47,5%
Folha de S. Paulo	123	54%	40	49%	163	52,5%
Total	228	100%	82	100%	310	100%

Tabela 4: Textos sobre HIV/Aids classificados por gênero

No segundo momento de definição do corpus para o mapeamento das fontes de informação, percebemos que grande parte dos textos jornalísticos não tratava especificamente do HIV/Aids nos seus mais diversos aspectos – social, político,

econômico, científico, entre outros. Mesmo contendo as siglas HIV e Aids, o texto tinha o foco em outro assunto que não era a epidemia. Por exemplo, em muitos textos o foco era centrado no uso, venda ou distribuição de preservativos, que não estava diretamente ligado à prevenção da Aids, e sim à prevenção de outras doenças e da gravidez (neste caso, como qualquer outro método contraceptivo).

A partir dessa constatação, separamos os textos que tinham o foco no HIV/Aids (e seus diversos aspectos já mencionados) dos textos que não tratavam especificamente do assunto. Na tabela 5, identificamos, dentro de cada jornal pesquisado, o número absoluto e percentual de itens divididos de acordo com o foco.

Foco em HIV/Aids	O Globo		Folha de S. Paulo		Total	
Sim	95	65%	104	64%	199	64%
Não	52	35%	59	36%	111	36%
Total	147	100%	163	100%	310	100%

Tabela 5: Textos classificados por foco em HIV/Aids

Dos 310 textos jornalísticos, 199 tinham o foco em HIV/Aids, e 111 não tinham. Os textos com foco representam 64% do total, e os sem foco, 36%. Esse universo dos textos com ênfase em algum aspecto do HIV/Aids será o utilizado para a próxima etapa da pesquisa: mapeamento e classificação de vozes da Aids.

Na tabela 6, de acordo com a divisão por foco em HIV/Aids, contabilizamos o número absoluto e percentual de textos separados por jornal.

Jornais	Sim		Não		Total	
O Globo	95	48%	52	47%	147	47,5%
Folha de S. Paulo	104	52%	59	53%	163	52,5%
Total	199	100%	111	100%	310	100%

Tabela 6: Comparação sobre o foco em HIV/Aids entre os jornais

4.3 Procedimentos metodológicos

A análise da configuração das fontes de informação utilizadas pelos jornais O Globo e Folha de S. Paulo na construção de notícias sobre HIV/Aids requer uma metodologia que aplica, nos seus diversos níveis de aprofundamento, técnicas oriundas da Análise de Conteúdo e da Análise do Discurso (AD).

A Análise de Conteúdo se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa, como explica Wilson Corrêa da Fonseca Júnior (2005). Herdeira do positivismo, no qual se evitava a análise de intenções e outros fatores não-quantificáveis, a Análise do Conteúdo já não é mais considerada apenas de alcance descritivo, mas é vista a partir da valorização da inferência.

Como define Klaus Krippendorff (1990, p.29), “[...] a análise de conteúdo é uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzíveis e válidas que podem se aplicar a seu contexto.” Para o autor, esta metodologia possui atualmente três características fundamentais:

- a) orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva;
- b) transcendência das noções normais de conteúdo, envolvendo as idéias de mensagem, canal, comunicação e sistema;
- c) metodologia própria, que permite ao investigador programar, comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultados.

De acordo com Fonseca Júnior (2005), o desenvolvimento do método de Análise de Conteúdo é o resultado da contribuição de diversos autores e, entre as tendências existentes, destaca-se a proposta da pesquisadora francesa Laurence Bardin (1988). A autora estruturou o método de análise de conteúdo em cinco etapas: organização da análise; codificação; categorização; inferência e tratamento informativo.

A organização da análise é a própria escolha de documentos a serem submetidos à observação (corpus do trabalho), a formulação de hipóteses e dos objetivos, bem como a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

A codificação é o processo de transformação dos dados brutos de forma sistemática, segundo regras de enumeração, agregação e classificação, com o objetivo de apontar as características do material selecionado. Nesta pesquisa, utilizamos como unidades de registro todos os itens (notícias, artigos, entrevistas) que se referem à temática HIV/Aids.

Fonseca Júnior (2005) lista as características que devem estar presentes em uma boa categorização:

- exclusão mútua: um elemento incluído na categoria X não pode ser incluído na categoria Z;
- homogeneidade: só devem ser incluídas na mesma categoria unidades de registro da mesma natureza;
- pertinência: o sistema de categorias deve refletir as intenções da investigação;
- objetividade e fidelidade: os procedimentos classificatórios devem ser objetivos, de forma a garantir a fidelidade dos resultados, caso alguém queira repeti-los;
- produtividade: um conjunto de categorias deve fornecer resultados férteis em índices de inferências, dados e novas hipóteses.

Os 310 textos que fazem parte do corpus da pesquisa foram numerados de acordo com a seguinte seqüência: primeiro, os textos do jornal O Globo, de acordo com o gênero jornalístico Opinativo (Cartas de Leitores, Editorial, Artigo, Colunista) e Informativo (Notícia e Entrevista). Desta forma, o Texto 1 (T1) é uma carta de leitor e o Texto 147 (T147), último de O Globo, é uma entrevista. Após, a numeração segue no jornal Folha de S. Paulo, também na mesma seqüência dos gêneros Opinativo e Informativo (T148 é uma carta de leitor e T310, uma entrevista).

Para darmos conta da codificação e categorização do material a ser analisado, estabelecemos uma sistematização que cruzou os seguintes níveis de classificação:

- objeto (O Globo e Folha de S. Paulo);
- gênero jornalístico (opinativo e informativo);

- foco em HIV/Aids (sim e não);
- tema (Política Pública, Epidemia, Médico-Científico, Religião, Sociedade, Prevenção, Ética e Outros);
- fonte (ONU, Governo, Médico-Científico, Organização não-governamental, Outra Autoridade, Soropositivo, Igreja, Meios de Comunicação e Outros)³⁰.

Para cada texto numerado, preenchamos a seguinte tabela:

Código do Texto / Título:
 Gênero (Notícia/ Entrevista/ Artigo/ Carta Leitor/ Colunista/ Editorial):
 Foco (sim/não):
 Página/editoria:
 Autor:
 Data:
 Tema:
 Identificação da fonte / classificação:

A seguir mostramos um exemplo do trabalho realizado:

Código do Texto / Título: 202 – “Saúde dará 11 milhões de camisinhas”
 Gênero: *Notícia*
 Foco: *Sim*
 Página: *C4*
 Autor: *Luiz Francisco, da Agência Folha, em Salvador*
 Data: *18/02*
 Tema: *Prevenção*
 Identificação da fonte / classificação:
Ministro da Saúde, Humberto Costa (Governo)
Presidente do Grupo Gay da Bahia, Marcelo Cerqueira (ONG)

Em um segundo momento, era fundamental que separássemos os textos de acordo com o foco, pois esse critério é determinante para a etapa seguinte. Nos 111 textos que não

³⁰ As categorias definidas na classificação por tema e fonte foram construídas a partir da análise do corpus.

possuem foco em HIV/Aids (36% do corpus), mas que contêm referência à palavra HIV ou Aids, foi analisada apenas a temática que levou o jornalista e/ou fonte a citar a doença. O objetivo nesta etapa era mapear os assuntos que também trazem, mesmo que indiretamente, a aparição do HIV/Aids no discurso jornalístico. Nestes casos, para a observação dos temas tratados pelos jornais, realizamos a seguinte divisão dos textos:

I – O Globo, opinativo;

II – O Globo, informativo;

III – Folha de S. Paulo, opinativo;

IV – Folha de S. Paulo, informativo.

As fontes de informação presentes nos textos jornalísticos sem foco em HIV/Aids não foram analisadas, pois entendemos que, nestes casos, não há a obrigação de que o jornalista entreviste fontes sobre o tema. Salientamos que o objetivo central da pesquisa é fazer um mapeamento de vozes sobre HIV/Aids, o que se justifica apenas nos textos com esta temática.

Na segunda etapa, realizamos nos textos com foco em HIV/Aids a mesma avaliação sobre os temas, ressaltando aqui um detalhamento maior, com categorias criadas a partir da nossa própria observação. A análise temática dos textos contribui, em um passo posterior, para mapearmos as fontes de informação utilizadas na construção de notícias sobre HIV/Aids e entendermos quais os assuntos que contribuem para o agendamento da Aids na mídia impressa.

As fontes de informação foram classificadas a partir da nossa observação, mas também nos baseamos na tabela proposta por Traquina (2004). Após esta categorização, reunimos as fontes em oficiais e não-oficiais, o que nos permitiu encontrar os grupos dominantes, os grupos presentes de modo eventual e os grupos ausentes. Isso nos deu dois tipos de trabalho:

1. quantitativo, que reúne em tabelas os resultados de cada jornal (tanto na primeira quanto na segunda etapa de categorização);
2. qualitativo, que se divide em dois tipos de análise:
 - a) interpretação e contextualização destes grupos, analisando o modo como estes grupos estão em relação (dominância e tensão) no campo jornalístico;
 - b) interpretação sobre o silenciamento de fontes que deveriam ou poderiam ter sido ouvidas, debatendo a relação entre escolha de fontes e qualidade da informação jornalística.

No terceiro momento, para examinarmos as vozes presentes nas notícias sobre HIV/Aids, utilizamos o conceito de polifonia de locutores de Oswald Ducrot (1984), distinguindo o locutor do enunciador no texto jornalístico. A partir desta análise é que pudemos estabelecer uma configuração final das fontes sobre HIV/Aids, verificando os movimentos de dominância e silenciamento dos diferentes grupos.

A teoria de Ducrot (1984) aqui utilizada para o mapeamento de vozes está inserida na Análise do Discurso (AD). Milton José Pinto (1999, p.7) explica que a Análise do Discurso procura “descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e

consumo dos sentidos vinculados àqueles produtos na sociedade”. Nesse caso, os produtos culturais são entendidos como textos, como formas empíricas do uso da linguagem verbal, oral ou escrita.

A análise de um texto jornalístico impresso tomará como ponto de partida o texto publicado, associando-o, a partir de certas pistas materiais que podem ser encontradas em sua superfície mesma, isto é, na mistura de linguagem verbal, imagens e padrões gráficos que o constitui, às práticas socioculturais no interior das quais surgiu e que costumam ser chamadas de contexto. (PINTO, 1999, p.7-8).

A Análise do Discurso está preocupada com o funcionamento dos discursos, ou seja, quer saber tanto *o que* o texto diz, em termos de sentidos, quanto *como* e *por que* ele o diz daquele modo. Define também os discursos como práticas sociais determinadas pelo contexto sócio-histórico, mas que também constituem este contexto. De acordo com Pinto (1999), a Análise do Discurso tem privilegiado em suas análises textos impressos ou transcrições de textos orais, quase sempre tratados isoladamente, procurando identificar as implicações político-ideológicas presente no discurso.

Machado (2005) explica que a Análise do Discurso é produtiva para dois tipos de estudo no jornalismo: mapeamento de vozes (jornalista, instituição, fonte, leitor) e identificação dos sentidos (formações discursivas, silenciamento, movimentos de paráfrase e polissemia). “Esses dois tipos de pesquisa evidentemente estão em íntima relação, mas podem ser desenvolvidos em momentos distintos e exigem procedimentos específicos.” (MACHADO, 2005, p.2).

Para identificarmos em nossa pesquisa se os jornais O Globo e Folha de S. Paulo tratam de forma equilibrada a pluralidade de vozes legitimadas para falar sobre o tema da Aids, interessam, na Análise do Discurso, os conceitos já explicitados de polifonia de Ducrot (1984).

5 OS TEMAS

Neste capítulo, realizamos a análise dos temas que estão presentes nos 310 textos jornalísticos que constituem o corpus da pesquisa. Na primeira parte, foram avaliados os 111 textos sem foco em HIV/Aids, com o objetivo de identificar os assuntos que fazem o jornalista se remeter, em algum momento do discurso, à questão da doença. A configuração dos temas foi dividida por gênero jornalístico (opinativo e informativo) dentro de cada jornal (O Globo e Folha de S. Paulo). Após o mapeamento dos assuntos, realizamos uma análise comparativa entre os jornais. Este mesmo modelo de análise foi utilizado para os 199 textos com foco em HIV/Aids.

5.1 Textos sem foco em HIV/Aids

5.1.1 O Globo

Foram encontrados 52 textos jornalísticos em O Globo sem foco em HIV/Aids, no ano de 2004. Dentre os textos, 15 pertenciam ao gênero opinativo e 37, ao gênero informativo. Primeiro, analisamos os textos do gênero opinativo.

5.1.1.1 Gênero opinativo

Os textos jornalísticos de gênero opinativo no jornal O Globo (cartas de leitores, artigos, editoriais e colunistas) trataram, na grande maioria, de assuntos ligados à *Política Pública* (73%), enfatizando a questão da saúde, nos seus mais diversos enfoques, como dever do poder público perante a sociedade. Encontramos esse enfoque em nível local, como na carta do leitor “Saúde abandonada” (T4), na qual a leitora Ana Paula Penna da Silva reclamou da falta de exames de hormônios em postos de saúde da capital do Rio de Janeiro; em nível nacional, como no artigo “Ação pelos diabéticos” (T24), no qual o diretor-médico do Centro Integrado de Diabetes do Rio de Janeiro, Daniel Benchimol, falou da falta de uma política nacional para os diabéticos; e internacional, como na coluna de Merval Pereira, intitulada “Um olho nos EUA, outro na China” (T31), na qual o colunista fez uma análise da China no Fórum Econômico Mundial, defendendo que os programas de combate à Aids não surtem efeito por causa da situação econômica e social em que vivem os países pobres, como no continente africano. Todos os exemplos se remeteram ao HIV/Aids, em algum momento, como uma questão de saúde pública.

Como segundo grande tema, apareceu *Sexualidade* (13%), neste caso com assuntos relacionados à religião, como no exemplo da carta do leitor César Bastos, intitulada “Sexo responsável” (T6), em que defendeu a posição da Igreja Católica referente ao uso do preservativo.

Em terceiro lugar registramos o tema *Sociedade* (7%), refletido pela discussão sobre a discriminação racial no editorial “Agenda importada” (T19). Apenas o texto “Pirata não

pára” (T38), da coluna Gente Boa, foi classificado como *Outros* (7%), pois tratou da pirataria. O Globo não trouxe nenhum texto da categoria *Médico-Científico*.

Tema	Opinativo	
Política Pública	11	73%
Sexualidade	2	13%
Sociedade	1	7%
Outros	1	7%
Total	15	100%

Tabela 7: Temas dos textos opinativos sem foco em HIV/Aids – jornal O Globo

5.1.1.2 Gênero informativo

Os 37 textos jornalísticos de gênero informativo, na grande maioria, refletiram também a posição do poder público (54%) como responsável por prover aos cidadãos as condições básicas de sobrevivência, como o acesso à saúde, garantidas na Constituição Federal. Assim como no gênero opinativo, observamos que essa discussão perpassou as diferentes esferas de poder, seja local, nacional ou internacional. A atuação do governo em garantir o acesso da população a medicamentos e preservativos (seja gratuitamente ou com preços mais baixos) se destacou entre as notícias nacionais. A discussão sobre medicamentos esteve presente nos textos “Uma central que distribui saúde pela cidade” (T47) e “Popular pelo dobro do preço” (T136). Já as notícias sobre preço e distribuição de preservativos foram “Após fraudes, estoque de camisinhas diminui” (T87), “Promessa de repor estoques não foi cumprida” (T88) e “Camisinha é vendida por R\$ 0,30” (T130).

A política de redução de danos entre usuários de drogas injetáveis do governo federal também rendeu uma reportagem com quatro retrancas (textos), sendo que uma delas tinha o foco em HIV/Aids. Destaque, inclusive, para a participação de quatro repórteres de três sucursais diferentes do jornal, o que envolveu uma maior dedicação com a reportagem do que o usual. A discussão sobre a eficiência e a necessidade do programa, com a opinião de representantes da Igreja, do Legislativo, da Justiça, entre outros, trouxe para discussão o poder do Estado na regulamentação de políticas públicas sem o apoio unânime dos diversos setores que compõem a sociedade.

Em segundo lugar, registramos o debate sobre outras questões relativas à *Sociedade* (27%), como violência, discriminação racial, campanhas sociais e ideologia. O texto “Empresários aderem à moda que só faz bem” (T143) trouxe um exemplo da mobilização da sociedade para ajudar os outros, sem a intervenção do poder público. O debate sobre a homossexualidade esteve presente em duas notícias: “Casamentos gays preocupam Bush” (T53) e “Ato contra ‘curar’ gay reúne 200 na Alerj” (T139).

No gênero informativo do jornal O Globo, ao contrário do opinativo, surgiram textos com o tema *Médico-Científico* (16%), sobre pesquisas de novos medicamentos, descoberta de novos vírus e o desenvolvimento de uma vacina contra o HIV. Um exemplo foi a notícia “Alívio das dores” (T43), que destacou uma pesquisa sobre medicamento para alívio de dores de diversas doenças, entre elas a Aids.

Apenas um texto, “Dois médiuns levam caravanas de doentes a Goiás e ao Distrito Federal” (T46), foi classificado como *Outros* (3%), por não se encaixar nos demais temas propostos. O Globo não trouxe nenhum texto informativo sobre *Sexualidade*.

Tema	Informativo	
Política Pública	20	54%
Sociedade	10	27%
Médico-Científico	6	16%
Outros	1	3%
Total	37	100%

Tabela 8: Temas dos textos informativos sem foco em HIV/Aids – jornal O Globo

3.2.1.1 Síntese

Os 52 textos do jornal O Globo sem foco em HIV/Aids, mas que fazem referência à doença em algum momento, trataram na grande maioria de questões de *Política Pública* (59,5%), com destaque para a saúde. Nesta questão é que o HIV/Aids foi lembrado, justamente por ser uma das piores epidemias já existentes na história da humanidade e que requer esforços de todos os elos da sociedade para combatê-la. Reportagens sobre políticas públicas dos países para o combate à Aids, entre tantos problemas socioeconômicos existentes no mundo, foram predominantes entre notícias internacionais. A distribuição de medicamentos e contraceptivos se ressaltou em âmbito nacional.

Em segundo lugar, assuntos classificados em *Sociedade* (21%) estiveram presentes nos textos jornalísticos. Discriminação racial, ajuda de ONGs, idosos, entrada no cinema,

morte de soropositivo, ideologia, passagem de ônibus gratuita, homossexualidade fizeram parte de um conjunto de textos que retrataram os direitos civis, a cidadania e a organização da sociedade como terceira via para a solução dos problemas.

Em terceiro, a categoria *Médico-Científico* (11,5%) destacou estudo sobre tuberculose, tecnologia para conservar alimentos, vírus HTLV, medicamentos para alívio das dores, pesquisa sobre vírus transmitido pela carne de macaco, entre outros. Vale ressaltar que no jornal O Globo, entre as matérias sem foco, a medicina e a ciência estiveram presentes apenas no gênero informativo. Entendemos que esses dados reforçam os resultados de pesquisas que apontam a dificuldade dos meios de comunicação de tratar assuntos relacionados à ciência e, por conseqüência, a falta de participação do público leitor e colaboradores no debate de temas nesta área.

Aspectos da *Sexualidade*, como a posição da Igreja Católica na vida sexual da população, somaram 4%. Um dado relevante é que a interferência da religião na sexualidade esteve presente apenas no gênero opinativo.

A categoria *Outros* somou 4%, apresentando apenas dois textos que não eram aplicáveis às demais classificações. Um relativo à pirataria e outro à busca da cura de doenças através da espiritualidade.

Tema	Sem Foco	
Política Pública	31	59,5%
Sociedade	11	21%
Médico-científico	6	11,5%
Sexualidade	2	4%
Outros	2	4%
Total	52	100%

Tabela 9: Temas dos textos sem foco em HIV/Aids – jornal O Globo

5.1.2 Folha de S. Paulo

Foram encontrados 59 textos jornalísticos na Folha de S. Paulo sem foco em HIV/Aids, no ano de 2004. Dentre os textos, 16 pertenciam ao gênero opinativo e 43, ao gênero informativo. Primeiro, analisamos os textos do gênero opinativo.

5.1.2.1 Gênero opinativo

A temática *Política Pública* foi dominante (75%) entre os textos jornalísticos da Folha de S. Paulo do gênero opinativo (cartas de leitores, artigos, editoriais e colunistas) que não contêm foco em HIV/Aids, mas citam em algum momento no texto as palavras HIV e/ou Aids. Observamos que todos os editoriais (dois) e três artigos presentes neste recorte do corpus se referiram à política pública internacional e nacional, sendo que apenas o artigo “Reincluir a população de rua” (T161), do cardeal-arcebispo metropolitano de São Paulo, Dom Cláudio Hummes, tratou de um assunto voltado apenas ao Brasil. Os demais textos trouxeram para debate assuntos internacionais, como a gripe do frango, o fim do

Apartheid na África do Sul e a situação dos países das Américas. Se no jornal O Globo o gênero opinativo apresentou um equilíbrio entre assuntos de interesse nacional e internacional, neste caso registramos uma tendência do jornal Folha de S. Paulo de ampliar a discussão para temas mais abrangentes. O HIV/Aids na Folha de S. Paulo é lembrado novamente como uma questão urgente de saúde pública em todo o mundo, e o destaque também foi para a disputa da quebra de patentes de remédios contra a Aids, uma luta brasileira com os laboratórios internacionais.

Assuntos ligados à *Sexualidade* vieram em segundo lugar, com 19% dos textos, nos quais foram abordados temas como o uso de anticoncepcionais e prevenção às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), na coluna de Jairo Bauer, no suplemento para adolescentes (Folhateen) da Folha de S. Paulo. Também foram tratados temas referentes à homossexualidade e ao sexo na terceira idade. Nestes exemplos, a Aids foi lembrada como uma doença que deve ser evitada, tanto entre jovens como nos idosos.

A categoria *Sociedade* ficou em terceiro lugar com 9%. No texto “Precaução” (T181), da colunista Mônica Bergamo, a informação se referiu a seguro de viagem para gays, inclusive soropositivos, retratando um avanço no tratamento às pessoas que vivem com HIV/Aids (apesar da colunista não ter opinado explicitamente sobre a notícia). É importante ressaltar que a homossexualidade é tratada no texto como uma questão de direitos civis (cidadania), e não sobre práticas sexuais.

Tema	Opinativo	
Política Pública	12	75%
Sexualidade	3	19%
Sociedade	1	6%
Total	16	100%

Tabela 10: Temas dos textos opinativos sem foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo

5.1.2.2 Gênero informativo

Assim como no gênero opinativo, os temas abordados pelas 43 notícias e entrevistas da Folha de S. Paulo, entre os textos sem foco em HIV/Aids, foram predominantemente sobre *Política Pública* (53%). Porém, o peso do poder público caiu significativamente nos textos informativos em comparação aos de opinião. Este dado retrata que, na construção da notícia, outros assuntos foram também tão relevantes quanto os que envolvem diretamente o poder público. As reportagens trataram sobre políticas públicas dos países para combate à Aids, entre tantos problemas socioeconômicos existentes no mundo. Também fizeram referência à disputa por quebra de patente de medicamentos e a política de combate à Aids do Brasil como exemplo mundial. A corrupção no Ministério da Saúde, com a chamada Operação Vampiro, também foi abordada. A discussão sobre a prática do aborto legalizado pela lei também apareceu no texto “Aborto autorizado enfrenta falta de estrutura e resistência médica” (T310).

Sexualidade apareceu na segunda posição (28%), com assuntos referentes principalmente ao uso de camisinha como prevenção a doenças e método anticoncepcional. Destaque também para as notícias “Grande Rio vai mudar carro com cena de sexo” (T205)

e “Grande Rio vê falha e demite Joãozinho Trinta” (T211), sobre a polêmica em torno do tema da escola de samba criado pelo carnavalesco, que tratou sobre o sexo. A iniciação sexual dos adolescentes também foi abordada em dois textos: “Fantasia da primeira transa” (T232) e “Iniciação da mulher é adiantada” (T288).

Em terceiro lugar, os temas mais tratados foram os direitos civis de gays e travestis, que compõem o tema *Sociedade* (9,5%). Aqui a homossexualidade foi discutida não como uma questão de prática sexual, mas sim como o direito de cidadania de minorias, seja sexual, étnica ou religiosa. A categoria *Médico-Científico* (9,5%) apareceu empatada com *Sociedade*, tratando especificamente dos vírus HTLV e HPV, também sexualmente transmissíveis como o HIV, o vírus da Aids.

Tema	Informativo	
Política Pública	23	53%
Sexualidade	12	28%
Sociedade	4	9,5%
Médico-Científico	4	9,5%
Total	43	100%

Tabela 11: Temas dos textos informativos sem foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo

5.1.2.3 Síntese

Na Folha de S. Paulo, os textos jornalísticos sem foco em HIV/Aids, sejam opinativos ou informativos, abordaram a temática da Aids como uma questão grave de *Política Pública* (53%), nas esferas local e global, que necessita de investimentos governamentais

para prevenção, tratamento e pesquisas. Desta forma, o poder público esteve constantemente presente nas páginas do jornal, sendo questionado e lembrado de seus deveres constitucionais.

Em segundo lugar, os assuntos que envolvem a temática *Sexualidade* estiveram presentes em 25,5% dos textos, abordando principalmente aspectos que envolvem o uso do preservativo como prevenção a doenças, como a Aids, e método anticoncepcional, além da iniciação sexual dos jovens.

A categoria *Sociedade* na Folha de S. Paulo, com 8,5%, incluiu basicamente textos sobre a homossexualidade, no que se refere aos direitos civis de travestis e gays. No caso específico dos travestis, a Aids foi citada pela vulnerabilidade que este grupo enfrenta em relação à doença, por falta de apoio governamental. A Aids também foi vista pela ótica da ciência e medicina (7%), mesmo que indiretamente, com pesquisas acerca de outros vírus e biotecnologia.

Tema	Sem Foco	
Política Pública	35	59%
Sexualidade	15	25,5%
Sociedade	5	8,5%
Médico-científico	4	7%
Total	59	100%

Tabela 12: Temas dos textos sem foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo

5.1.3 Análise Comparativa

Em 2004, foram publicados 111 textos nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo sem foco em HIV/Aids, mas que fizeram referência à doença em algum momento. Esses textos trataram, na grande maioria, de assuntos ligados à *Política Pública* (59,5%). A Aids se inseriu neste contexto como uma doença de grande proporção, que deve ser combatida pelos países, e contar com o investimento dos governos para um efetivo avanço também no tratamento de pessoas já infectadas pelo vírus HIV. A participação do governo como provedor de medicamentos e preservativos foi ressaltada, mesmo o foco do texto não sendo no HIV/Aids. O exemplo de combate e tratamento à Aids no Brasil foi lembrado também, principalmente quando se discute a situação mundial da epidemia. Prevaleceu, então, o olhar sobre a Aids como uma doença que deve ser combatida e tratada essencialmente pelo poder público.

A prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, como a Aids, através do uso de preservativos, foi o principal assunto discutido dentro da temática *Sexualidade* (15%). As práticas sexuais na juventude e na terceira idade, assim como tabus e abstinência sexual também estão presentes nos textos analisados. Ressaltamos que dentre os 17 textos desta categoria, 15 foram publicados pela Folha de S. Paulo. O jornal O Globo tratou do assunto *Sexualidade* relacionado apenas à posição da Igreja referente ao uso de preservativo.

Em terceiro lugar, a Aids surgiu como uma questão que perpassa os direitos civis de homossexuais, sejam gays ou travestis, um grupo marcado ainda pela vulnerabilidade à doença. O tema foi classificado na categoria *Sociedade*, com 14,5% do total. Na análise

desta categoria, o jornal O Globo se destacou, apresentando uma diversidade maior de assuntos ligados à sociedade, como violência contra a mulher, discriminação racial, direitos dos idosos, entre outros.

Por último, a temática *Médico-Científico* (9%) abordou estudos sobre outros vírus, como HTLV e HPV, transmissão de vírus por macacos e biotecnologia. Em *Outros* foram classificados dois textos, que representam 2% do total e que na análise não se encaixaram em nenhuma categoria.

Tema	O Globo		Folha de S. Paulo		Total	
Política Pública	31	59,5%	35	59%	66	59,5%
Sexualidade	2	4%	15	25,5%	17	15%
Sociedade	11	21%	5	8,5%	16	14,5%
Médico-Científico	6	11,5%	4	7%	10	9%
Outros	2	4%	0	0%	2	2%
Total	52	100%	59	100%	111	100%

Tabela 13: Temas dos textos sem foco em HIV/Aids nos dois jornais

5.2 Textos com foco em HIV/Aids

5.2.1 O Globo

Foram encontrados 95 textos jornalísticos em O Globo com foco em HIV/Aids, no ano de 2004. Dentre os textos, 27 pertenciam ao gênero opinativo e 68, ao gênero informativo. Primeiro, analisamos os textos do gênero opinativo.

5.2.1.1 Gênero opinativo

Os textos de gênero opinativo do jornal O Globo, com foco em HIV/Aids, demonstraram uma significativa participação dos colaboradores do jornal (articulistas, colunistas) no debate sobre *Política Pública* (37%). Nesta etapa de análise do corpus da pesquisa, dividimos os textos com temática *Política Pública* em *Nacional e Internacional*, para verificar qual o peso de cada um na configuração dos temas. O texto “S.O.S. Aids” (T41), da coluna Gente Boa de Joaquim Ferreira dos Santos, é um exemplo de texto que tratou da política pública brasileira na luta contra a Aids, noticiando a participação da primeira-dama, Marisa da Silva, em uma solenidade em homenagem a mulheres soropositivas. Neste caso, houve um equilíbrio entre as notícias nacionais e internacionais (ver tabela 14).

O debate sobre a posição da Igreja Católica referente ao uso de preservativo como método de prevenção ao HIV/Aids esteve presente em 33% dos textos, como, por exemplo, no editorial “O Sermão e a Luta” (T17), em que o jornal defendeu que o Vaticano deve cobrar uma participação mais efetiva dos países ricos no combate à doença. A análise revelou também a forte participação dos leitores na discussão do tema Aids e Religião. Dentre as sete cartas publicadas com foco em HIV/Aids, quatro abordaram a visão da Igreja Católica sobre o uso de preservativo. Podemos afirmar que o tema polêmico estimulou a participação da sociedade na discussão, seja para apoiar ou atacar a posição do catolicismo, mas esse debate foi gerado a partir de notícias publicadas no jornal O Globo. As cartas dos leitores “Campanha anti-Aids” (T3) e “Evitar a Aids” (T5) foram publicadas após notícias sobre a Igreja ter condenado a campanha de prevenção à Aids no carnaval, em fevereiro de

2004. Já as cartas “O Vaticano e a Aids I” (T8) e “O Vaticano e a Aids II” (T9) foram publicadas no dia 2 de dezembro, após a notícia “Igreja: Aids é imunodeficiência moral” (T132), do dia 1º de dezembro, Dia Mundial de Luta contra a Aids.

Em terceiro lugar, a categoria *Epidemia* (22%) relatou, principalmente, os novos números de casos de Aids, baseados em pesquisas realizadas pelos órgãos oficiais, como o Ministério da Saúde e a Organização Mundial da Saúde. Nesta categoria, foi importante que registrássemos os diversos subgrupos existentes, de acordo com os grupos atingidos pela doença, como mulheres, crianças, gays, negros, entre outros. Esta divisão indica quais os grupos que estão mais vulneráveis à doença, segundo as pesquisas, e que são, conseqüentemente, reforçados pelo discurso jornalístico. Salientamos os textos que retrataram a epidemia entre crianças: “Prevenção de Aids em bebês” (T30), na coluna Bem-Estar, de Antônio Marinho, e “Doença infantil” (T37), na coluna de Ancelmo Góis. No tema *Epidemia*, subgrupo *Geral*, foram incluídas duas cartas de leitores sobre a epidemia na África, ambas do dia 3 de dezembro. Novamente a participação do público foi estimulada pelo jornal O Globo com a publicação do caderno especial sobre a Aids na África, no dia 1º de dezembro.

Por fim, duas categorias ficaram empatadas na última posição: *Médico-Científico* e *Prevenção*, ambas com 4% cada, demonstrando pouca participação de leitores e colaboradores nos assuntos que cercam estes temas.

Tema	Opinativo	
Política Pública	10	37%
a) Nacional	5	
b) Internacional	5	
Religião	9	33%
Epidemia	6	22%
a) Geral	2	
b) Criança	2	
c) Mulher	1	
d) Negro/Pardo	1	
Médico-Científico	1	4%
Prevenção	1	4%
Total	27	100%

Tabela 14: Temas dos textos opinativos com foco em HIV/Aids – jornal O Globo

5.2.1.2 Gênero informativo

Na análise dos textos de gênero informativo no jornal O Globo, pela primeira vez *Política Pública* é ultrapassada por outra categoria na classificação dos temas. *Epidemia*, com 37%, tratou do número de órfãos da Aids no país, como no texto “Brasil tem mais de 65 mil órfãos da Aids” (T68); da epidemia entre as mulheres em “A face feminina da doença” (T92), e a enfermidade na terceira idade no texto “Aids entre idosos dobrou em dois anos” (T59). Os textos incluídos nesta categoria apresentaram, na grande maioria, números da doença, calcados em pesquisas divulgadas por organismos oficiais, sem necessariamente um debate mais aprofundado sobre a problemática que envolve a epidemia. A elaboração de um caderno especial (oito páginas) sobre a doença na África, que circulou no dia 1º de dezembro, Dia Mundial de Luta contra a Aids, colaborou com oito textos jornalísticos, dentre os 25 classificados em *Epidemia*.

Política Pública ocupou, então, a segunda posição (23%), com maior número de notícias internacionais (ver tabela 15). Um exemplo nesta categoria é o texto “China e Índia prometem empenho contra Aids” (T135), que tratou da epidemia nos dois países mais populosos do mundo.

A categoria *Médico-Científico* deu um salto significativo no gênero informativo, com 18% do total. Se a constatação foi a de que os leitores e colaboradores não promovem um debate sobre ciência, seja pela falta de interesse ou distanciamento provocado muitas vezes pela dificuldade de se entender o discurso científico, o certo é que as notícias sobre novos exames, medicamentos e, principalmente, o desenvolvimento de uma vacina, estiveram presentes no jornal, como no exemplo “Brasileiros começam a testar nova vacina contra a Aids” (T84).

Os textos com assuntos ligados à mobilização da sociedade, como protestos, ajuda de organizações não-governamentais, eventos, contribuição da mídia, foram agrupados na categoria *Sociedade*, que atingiu 9% do total. São notícias que retrataram a participação de outros grupos e organizações que não são necessariamente vinculados ao poder público. Um exemplo é a notícia “Luta contra a Aids” (T77), sobre um evento de luta contra a Aids realizado por organizações não-governamentais.

O tema *Religião* apresentou uma queda expressiva no gênero informativo com apenas 7,5%. Destaque para o conflito entre o Ministério da Saúde e a Igreja Católica acerca da campanha de prevenção à Aids no Carnaval. Os textos “Propaganda contra Aids rebate Igreja Católica” (T48), “Aids: ministro veta slogan que provocava a Igreja” (T49) e

“Igreja critica campanha do governo contra Aids” (T51) refletiram a constante polêmica instaurada pelo fato da Igreja Católica ser contra o uso de preservativo.

O tema *Prevenção* veio logo após, como 4% dos textos, mostrando uma fragilidade do jornal em levantar a discussão do uso de preservativos como método de proteção à doença. O assunto parece só vir à tona quando novos números da epidemia são divulgados, ou no caso do embate do governo com a Igreja.

Por último, o tema *Ética* (1,5%) apareceu no texto “Líbia condena à morte 5 búlgaros e um palestino” (T73), que tratou sobre cinco enfermeiros búlgaros e um médico palestino condenados à morte. Eles eram acusados de infectarem deliberadamente crianças da Líbia com o vírus da Aids.

Tema	Informativo	
Epidemia	25	(37%)
a) Criança	8	
b) Geral	7	
c) Mulher	4	
d) Usuários de drogas	2	
e) Negro/Pardo	1	
f) Terceira Idade	1	
g) Cinema Pornô	1	
h) Exército	1	
Política Pública	16	(23%)
a) Internacional	10	
b) Nacional	6	
Médico-Científico	12	(18%)

Sociedade	6	(9%)
Religião	5	(7,5%)
Prevenção	3	(4%)
Ética	1	(1,5%)
Total	68	(100%)

Tabela 15: Temas dos textos informativos com foco em HIV/Aids – jornal O Globo

5.2.1.3 Síntese

Se nos textos jornalísticos sem foco em HIV/Aids do jornal O Globo a categoria *Política Pública* ficou em primeiro lugar, com 59,5%, nos textos com foco em HIV/Aids a tendência foi para a cobertura do tema *Epidemia* (33%). O resultado da análise comprova que os números, dados e informações divulgados constantemente pelos organismos nacionais e internacionais são fundamentais para mostrar a “cara” da Aids. A categoria *Epidemia* refletiu quem são os afetados, quais os grupos mais vulneráveis, quais os países mais atingidos. Números de crianças, mulheres, homossexuais, idosos, usuários de drogas e até mesmo o universo de atores do cinema pornográfico: a identificação de grupos parece ser necessária e fundamental para mostrar a verdadeira imagem da Aids. A elaboração de um caderno especial sobre a Aids no continente africano, que circulou no dia 1 de dezembro, Dia Mundial de Luta contra a Aids, colaborou fortemente para que o tema *Epidemia* ficasse em primeiro lugar. Dentre os 31 textos (opinativos e informativos) encontrados nesta temática, 10 se referem à epidemia na África, abordando essencialmente a situação das mulheres e crianças daquele continente.

Os dados encontrados no jornal O Globo, entre os textos com foco em HIV/Aids, reforçam que a atenção do jornalismo está voltada também para sua função pública, de questionar e informar seus leitores acerca do trabalho exercido pelo governo no combate à doença. A categoria *Política Pública* ficou em segundo lugar, com 27% dos textos. O acesso rápido e fácil dos jornalistas às informações de órgãos oficiais, principalmente através da vasta produção de releases, contribui para a grande presença de notícias sobre a atuação dos governos, em detrimento de elaboração de grandes reportagens que demandariam tempo e outros recursos. Na comparação entre os subgrupos *Nacional* e *Internacional*, verificamos que as notícias sobre políticas públicas foram mais frequentes quando são de outros países, em detrimento à política brasileira. A situação crítica no combate à Aids nos países pobres foi vista como falta de investimento dos países desenvolvidos em prevenção e tratamento da doença.

A categoria *Religião* ressaltou nesta pesquisa o interesse despertado pelos leitores e colaboradores em debater sobre a posição da Igreja Católica no que concerne ao uso de preservativo. Mais do que isso: a ideologia transmitida pelo catolicismo sobre a sexualidade é hoje constantemente questionada na sociedade, o que também gera a defesa por parte de outros grupos. Mas o número de notícias sobre o tema decaiu, e, por isso, a categoria, que ocupava a primeira posição no gênero opinativo, ficou em terceiro lugar na classificação geral do jornal O Globo, com 15%.

Ao contrário do tema religioso, que desperta interesse nos leitores e colaboradores, assuntos que retratam o universo *Médico-Científico* quase não foram tratados no gênero opinativo. As informações sobre novos tratamentos, medicamentos e o desenvolvimento de

uma vacina estiveram presentes no gênero informativo. Ao total, a categoria registrou 14% dos textos informativos.

Temas que envolvem a participação da sociedade civil organizada na luta contra a Aids, através de organizações não-governamentais, voluntariado, mídia, entre outros, registrou apenas 6%. Salientamos que essas notícias são orientadas pelo evento, pelo factual, e não pela discussão da problemática levantada pelo jornal.

A prevenção à Aids, relacionada ao uso do preservativo, foi o tema principal em apenas 4% dos textos, reforçando também que o assunto apareceu, fundamentalmente, relacionado à epidemia, com novos números da Aids, ou à discussão referente à posição da Igreja Católica. O papel de educador também do jornalismo, enquanto função de prestador de serviços, esteve praticamente ausente no discurso jornalístico sobre a Aids no jornal O Globo.

Por último, tivemos o caso de um texto com a temática *Ética*, o que representa 1% do total, retratando a condenação à morte de cinco enfermeiros búlgaros e um médico palestino acusados de infectarem crianças da Líbia com o vírus da Aids.

Tema	Com Foco	
Epidemia	31	33%
a) Criança	10	
b) Geral	9	
c) Mulher	5	
d) Usuários de drogas	2	

e) Negro/Pardo	2	
f) Terceira Idade	1	
g) Cinema Pornô	1	
h) Exército	1	
Política Pública	26	27%
a) Internacional	15	
b) Nacional	11	
Religião	14	15%
Médico-Científico	13	14%
Sociedade	6	6%
Prevenção	4	4%
Ética	1	1%
Total	95	100%

Tabela 16: Temas dos textos com foco em HIV/Aids – jornal O Globo

5.2.2 Folha de S. Paulo

Foram encontrados 104 textos jornalísticos na Folha de S. Paulo com foco em HIV/Aids, no ano de 2004. Dentre os textos, 24 pertenciam ao gênero opinativo e 80, ao gênero informativo. Primeiro, analisamos os textos do gênero opinativo.

5.2.2.1 Gênero opinativo

Os textos do gênero opinativo da Folha de S. Paulo com foco em HIV/Aids seguiram a mesma tendência encontrada na análise dos textos jornalísticos sem foco em HIV/Aids, com a categoria *Política Pública* em primeiro lugar (33,5%). O equilíbrio entre textos de caráter nacional e internacional foi novamente registrado (ver tabela 17).

Textos sobre *Epidemia* foram encontrados em 25% dos casos, com ênfase maior para o subgrupo *Mulher*, como no editorial “A Aids e as mulheres” (T158), tratando sobre a feminilização da doença a partir dos dados divulgados pelas Nações Unidas (ONU).

Textos sobre *Prevenção* (17%) ganharam maior destaque no gênero opinativo da Folha de S. Paulo com a coluna “Sexo e Saúde” do médico Jairo Bauer, publicada no caderno Folhateen, dirigido aos adolescentes. As perguntas respondidas pelo especialista são enviadas pelos próprios jovens, que percebem este espaço concedido pelo jornal como a oportunidade de tirar suas dúvidas a respeito da prevenção à Aids. Um exemplo é “Abstinência pode atrapalhar prevenção de DST e Aids” (T169), sobre um estudo publicado nos Estados Unidos que mostrou que a promessa dos jovens de abstinência sexual até o casamento pode ser um entrave à prevenção de doenças. Textos publicados pela coluna “Sexo e Saúde” também foram classificados em outras categorias, mostrando que o especialista também está preocupado em abordar outras questões que tangem à Aids.

Textos sobre pesquisas e novidades na área da medicina e ciência, como “Circuncisão reduz risco de Aids” (T170), na coluna Plantão Médico, de Julio Abramczyk, somaram 12,5%. Um resultado mais significativo se comparado ao jornal O Globo, que apresentou 4% entre os textos opinativos.

Por outro lado, o tema *Religião* esteve presente em apenas 8% dos textos opinativos no jornal Folha de S. Paulo. O editorial “Em nome da vida” (T151) comentou a acusação do Vaticano de que os laboratórios internacionais promovem um “genocídio” ao negarem tornar mais acessível os preços dos medicamentos para os países pobres.

Com apenas 4%, a categoria *Sociedade* retratou apenas a programação do canal de televisão MTV no Dia Mundial de Luta contra a Aids no texto “Ponte aérea” (T184), da colunista Mônica Bergamo. Houve uma total ausência, no gênero opinativo, de assuntos que tratam da mobilização da sociedade na luta contra a Aids e, principalmente, do viver com HIV/Aids.

Tema	Opinativo	
Política Pública	8	33,5%
a) Internacional	4	
b) Nacional	4	
Epidemia	6	25%
a) Mulher	3	
b) Geral	1	
c) Homossexual	1	
d) Terceira Idade	1	
Prevenção	4	17%
Médico-Científico	3	12,5%
Religião	2	8%
Sociedade	1	4%
Total	24	100%

Tabela 17: Temas dos textos opinativos com foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo

5.2.2.2 Gênero informativo

A categoria *Política Pública* manteve a mesma ordem encontrada no gênero opinativo e ficou em primeiro lugar com 41%. Porém, neste caso, encontramos um número significativamente superior de assuntos nacionais, em detrimento dos internacionais (ver tabela 18). Um exemplo é a notícia “País negocia pagar royalties a laboratório” (T196),

sobre a negociação do governo brasileiro com um laboratório internacional para a transferência de tecnologia na produção de anti-retrovirais para unidades estatais de produção de medicamentos. Destaque também para a política de distribuição de preservativos e a polêmica na campanha de combate à Aids em Santa Catarina.

A categoria *Médico-Científico* deu um salto em número de textos e chegou a 25%, registrando, assim como já analisado na pesquisa de Traquina (2004), que o jornal Folha de S. Paulo dá uma grande ênfase às notícias médicas e científicas. São notícias sobre o desenvolvimento de uma vacina, como em “Vacina contra Aids” (T290) e “Vacina contra Aids 2” (T291); novas armas contra o HIV, em “Proteína de macaco barra invasão de células por vírus que causa Aids” (T212), e novo teste para detectar o vírus, em “EUA aprovam teste anti-HIV por via oral” (T223), entre outros.

Dentre os assuntos abordados na categoria *Epidemia* (15%), destacaram-se números gerais da Aids na população, como na notícia “Os números da doença no Estado são preocupantes” (T253), acerca dos casos de infecção pelo HIV em Santa Catarina. Os casos de contaminação entre atores do cinema pornô dos Estados Unidos também foram classificados em um subgrupo particular, pela ênfase dada à vulnerabilidade deste grupo.

A categoria *Sociedade* (10%) ficou em quarto lugar, principalmente pelo registro de notícias sobre protestos e mobilizações no Dia Mundial de Luta contra a Aids, como no texto “Atos marcam dia mundial de combate à Aids” (T298). Vale ressaltar também a publicação de uma única notícia sobre uma personalidade anunciando sua condição sorológica de portador do vírus HIV. “Cantor da dupla Erasure diz que é HIV positivo”

(T302) foi um caso isolado, em todo o corpus de análise da pesquisa, de uma figura pública falando sobre sua doença. Se o anúncio de artistas com HIV/Aids rendia uma cobertura maior por parte dos meios de comunicação no início da epidemia (década de 80), desta vez a nota de agência internacional ressaltou apenas que o cantor estava bem e que a banda iria lançar um novo álbum no mês seguinte.

A categoria *Ética* (5%) abordou principalmente a questão da Justiça, como nos textos “Para especialistas, condenação por transmissão de Aids é exagerada” (T292) e “Defesa diz que réu tinha medo de perder amante” (T293), sobre a condenação de um homem por transmitir o vírus HIV para sua namorada.

Prevenção apareceu apenas em 2,5% dos textos, como na entrevista “Aids é grande preocupação, afirma general” (T309), com o general Américo Salvador de Oliveira, comandante de militares brasileiros no Haiti.

O tema *Religião* foi tratado em apenas 1,5%, no caso do texto “Arcebispo defende o uso de camisinha” (T190). Provavelmente, o assunto apareceu apenas pelo ineditismo de um integrante da Igreja Católica defender o uso de preservativo no combate à Aids.

Tema	Informativo	
Política Pública	33	41%
a) Nacional	24	
b) Internacional	9	
Médico-Científico	20	25%
Epidemia	12	15%

a) Geral	5	
b) Pornô	2	
c) Mulher	2	
d) Doente mental	1	
e) Criança	1	
f) Adolescente	1	
Sociedade	8	10%
Ética	4	5%
Prevenção	2	2,5%
Religião	1	1,5%
Total	80	100%

Tabela 18: Temas dos textos informativos com foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo

5.2.2.3 Síntese

A categoria *Política Pública* (39%) prevaleceu como o tema mais tratado pelo jornal Folha de S. Paulo entre os 104 textos com foco em HIV/Aids, mas com ênfase maior nas notícias referentes à saúde pública no Brasil (ver tabela 19).

Os textos com temática *Médico-Científico* (22%) ficaram em segundo lugar, principalmente por causa do número de textos informativos presentes no jornal. Em terceira posição registramos o tema *Epidemia* (17%), com destaque para números gerais da epidemia entre a população, assim como o subgrupo *Mulher*, retratando a vulnerabilidade do sexo feminino à doença.

Assuntos relacionados ao tema *Sociedade* estiveram em quarto lugar, com 9%, com apenas um caso retratando os soropositivos (caso do cantor da banda Erasure que se

declarou portador do vírus HIV). Nenhum texto abordou diretamente o viver com HIV/Aids, a não ser pelo viés médico (novos medicamentos e tratamentos) e político (distribuição destes medicamentos aos doentes de Aids).

Prevenção (6%) apareceu, principalmente, na coluna “Sexo e Saúde” do médico Jairo Bauer, no suplemento Folhateen, como um instrumento para tirar as dúvidas dos jovens sobre sexualidade. *Ética* veio em seguida, com 4%, relacionada aos crimes de transmissão de HIV para o parceiro (a) ou para as crianças, no caso dos cinco enfermeiros e um médico em um hospital na Líbia. Por último, o tema *Religião* (3%), abordado essencialmente no gênero opinativo, através da participação dos leitores e editorial.

Tema	Com Foco	
Política Pública	41	39%
a) Nacional	28	
b) Internacional	13	
Médico-Científico	23	22%
Epidemia	18	17%
a) Geral	6	
b) Mulher	5	
c) Pornô	2	
d) Doente Mental	1	
e) Criança	1	
f) Adolescente	1	
g) Homossexual	1	
h) Terceira Idade	1	
Sociedade	9	9%
Prevenção	6	6%
Ética	4	4%

Religião	3	3%
Total	104	100%

Tabela 19: Temas dos textos com foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo

5.2.3 Análise comparativa

O mapeamento final dos temas abordados pelos dois maiores jornais de referência do Brasil no discurso jornalístico sobre HIV/Aids demonstrou o caráter oficial dos textos, com assuntos relacionados às diferentes esferas do poder público (nacional e internacional), que representaram 34% do total. A Aids apareceu em 1/3 dos textos como uma epidemia que deve ser combatida pelos governos, assim como o acesso a novos medicamentos e métodos de prevenção pela sociedade é obrigação do poder público. Em uma comparação entre os dois jornais analisados, o jornal Folha de S. Paulo priorizou mais as informações e opiniões acerca de Política Pública do que O Globo, principalmente as notícias nacionais.

A categoria *Epidemia* ficou em segundo lugar, com 25%, refletindo a necessidade da imprensa em explicar a doença a partir de estatísticas. Neste tema, também listamos os subgrupos, verificados a partir da análise dos textos. Dois grupos se destacam pela vulnerabilidade à doença na atualidade: as mulheres e as crianças. O tema se destaca mais no jornal O Globo, que prioriza as informações sobre crianças com HIV/Aids.

O tema *Médico-Científico* veio logo em seguida, com 18%, apresentando informações sobre novos tratamentos, medicamentos e a busca incessante por uma vacina contra o vírus da Aids. Ressaltamos o expressivo número de notícias sobre medicina e

ciência na Folha de S. Paulo, que visivelmente dedica mais espaço para essa temática do que o jornal O Globo.

Assuntos relacionados à temática *Religião* alcançaram 9%, tratando quase que exclusivamente da polêmica que envolve o uso de preservativos. O embate dos representantes do catolicismo com o governo federal surgiu, essencialmente, em época de campanhas de prevenção à DST/Aids no carnaval. O tema esteve mais presente no jornal O Globo em relação à Folha de S. Paulo, principalmente no gênero opinativo. Entendemos que o jornal carioca disponibilizou um maior espaço ao debate sobre sexualidade e religião entre leitores e colaboradores do que o jornal paulista.

Em quinto lugar ficou a categoria *Sociedade* (7,5%), na qual agrupamos os textos sobre atividades de organizações não-governamentais, da participação da mídia, protestos e mobilização na luta contra HIV/Aids. Reforçamos a pouca presença de informações da sociedade civil organizada como personagem principal da notícia, atuando e buscando, principalmente, alternativas para ajudar as pessoas que vivem com HIV/Aids. Neste quesito, a Folha de S. Paulo foi um pouco mais atuante em relação ao jornal O Globo.

Prevenção esteve presente em 4,5% dos textos, com maior participação da Folha de S. Paulo, devido à coluna “Sexo e Saúde” do suplemento Folhateen. Mesmo assim, de uma forma mais ampla, a prevenção à Aids não foi tratada pelo jornalismo de referência como uma questão de serviço público. Se a questão que emerge na sociedade é como fazer com que as pessoas não se infectem com o vírus HIV, parece-nos que as informações mais básicas de prevenção não estão sendo disponibilizadas à sociedade.

Em última colocação, a categoria *Ética* (2%) surgiu em função de uma conduta imoral (até criminosa) dos seres humanos, como nos casos de transmissão do vírus HIV aos outros. Listamos os casos de um brasileiro que contaminou sua namorada; a contaminação de pessoas em uma festa em Taiwan, e o caso de cinco enfermeiros búlgaros e um médico palestino acusados de infectarem crianças da Líbia com o vírus. Verificamos aqui a imagem presente na sociedade da caça aos vilões, da dicotomia reforçada entre culpados e inocentes.

Em sua pesquisa sobre narrativas da Aids no jornal Folha de S. Paulo, Soares (2001) reúne os temas encontrados nos textos sobre HIV/Aids em três grandes eixos: Estado, Ciência e Homossexualidade. A partir da nossa análise temática nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo, propomos que esta divisão em eixos temáticos seja reordenada da seguinte forma: Estado, representando o discurso e as ações do poder público perante à doença; Epidemia, buscando, através de estatísticas, mostrar a verdadeira “cara” da Aids; Médico-Científico, associado à busca da cura; e Social, retratando as ações da sociedade civil organizada na luta contra a epidemia.

Tema	O Globo		Folha de S. Paulo		Total	
Política Pública	26	27%	41	39%	67	34%
a) Nacional	11		28		39	
b) Internacional	15		13		28	
Epidemia	31	33%	18	17%	49	25%
a) Geral	9		6		15	
b) Criança	10		1		11	
c) Mulher	5		5		10	
d) Cinema Pornô	1		2		3	

e) Negro/Pardo	2		0		2	
f) Terceira Idade	1		1		2	
g) Usuário de drogas	2		0		2	
h) Exército	1		0		1	
i) Homossexual	0		1		1	
j) Doente Mental	0		1		1	
k) Adolescente	0		1		1	
Médico-Científico	13	14%	23	22%	36	18%
Religião	14	15%	3	3%	17	9%
Sociedade	6	6%	9	9%	15	7,5%
Prevenção	4	4%	6	6%	10	4,5%
Ética	1	1%	4	4%	5	2%
Total	95	100%	104	100%	199	100%

Tabela 20: Temas dos textos com foco em HIV/Aids nos dois jornais

6 AS FONTES

A análise temática dos textos jornalísticos sobre HIV/Aids foi o primeiro passo para que pudéssemos realizar o mapeamento de vozes. A partir do assunto decidido na reunião de pauta é que o repórter direciona o contato com as fontes. Desta forma, para uma melhor avaliação das fontes de informação utilizadas pelos jornais de referência, analisamos o corpus a partir da divisão por temas. Evidentemente, analisamos apenas as vozes nos textos *com foco* em HIV/Aids.

Primeiramente, realizamos a avaliação dos textos do gênero opinativo nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo. Neste caso, partimos do pressuposto de que, neste gênero jornalístico, não há necessidade da pluralidade de vozes no texto, pois geralmente representam a opinião de um colaborador, leitor ou jornalista. Mesmo dos editoriais dos jornais não se pode cobrar a presença da polifonia, pois este é o espaço no qual o jornal disponibiliza suas idéias acerca dos diversos assuntos, posicionando-se enquanto empresa de comunicação.

O mapeamento das fontes de informação dos textos do gênero informativo com foco em HIV/Aids seguiu o mesmo critério adotado no gênero opinativo, porém com identificação mais detalhada dos enunciadores³¹ presentes nos discursos. Realizamos o mapeamento primeiro no jornal O Globo, depois na Folha de S. Paulo e, por fim, uma análise comparativa para verificar se os dois jornais de referência tratam de forma equilibrada a pluralidade de vozes legitimadas para falar sobre o tema da Aids.

6.1 Gênero opinativo

Na avaliação dos temas presentes nos textos opinativos do jornal O Globo com foco em HIV/Aids, percebemos uma forte presença da discussão que envolve a Igreja e o Estado sobre o uso de preservativo como método de prevenção à doença. Neste tema, o jornal demonstrou um equilíbrio entre as vozes atuantes nos discursos. Dentre as Cartas de Leitores, duas defenderam a posição da Igreja, contra o uso de preservativo e a favor da abstinência sexual até o casamento, e duas se posicionaram a favor do uso de camisinha. Nestes textos, os leitores se constituíram como as vozes do discurso, sejam eles representantes de alguma entidade/empresa ou não. O jornal O Globo manteve esta discussão em editoriais e artigos, demonstrando estar aberto às diferentes opiniões sobre uso do preservativo. No editorial “O Sermão e a Luta” (T17), o jornal defendeu que a Igreja deve cobrar uma participação mais enfática dos países ricos na luta contra a Aids.

³¹ A partir da análise dos textos informativos com foco em HIV/Aids nos dois jornais, chegamos à seguinte categorização dos enunciadores: E1 (controle da Aids pelo Poder Público), E2 (cobrança por mais ações de combate à epidemia pelo Poder Público), E3 (busca da cura pela medicina e ciência), E4 (participação da sociedade na luta contra a Aids), E5 (posição da Igreja contra uso de preservativo), E6 (posição do Governo de apoio ao uso da camisinha como método preventivo), E7 (incentivo à prevenção), E8 (contra condenação de pessoas que transmitiram o vírus HIV para outros), e E9 (a favor da condenação de pessoas que transmitiram o vírus para outros).

Em outros dois momentos, O Globo promoveu a discussão acerca do uso do preservativo. No dia 14 de fevereiro, dois artigos de diferentes opiniões estiveram presentes na mesma página, colaborando para a discussão na sociedade sobre a segurança da camisinha, questionada pela Igreja. De um lado, representantes da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) defenderam o controle da qualidade dos preservativos. Do outro, o cardeal emérito da Arquidiocese do Rio de Janeiro, Dom Eugenio Sales, utilizou-se de pesquisas e de falas de outros representantes da Igreja para provar que a camisinha não é 100% segura. Na opinião da Igreja, o único método seguro de prevenção contra o HIV/Aids seria a abstinência sexual. Em 19 de julho a discussão foi retomada, mas desta vez o jornal defendeu, em editorial, o uso de camisinha como prevenção à Aids, publicando na mesma página a opinião contrária da Igreja.

Na avaliação dos textos opinativos sobre HIV/Aids com temática *Política Pública*, verificamos a presença em dois textos do diretor do Programa das Nações Unidas (ONU) para HIV/Aids, Peter Piot (um editorial e um artigo), criticando a atuação dos países ricos no combate à doença. Em um outro editorial, O Globo utilizou dados da ONU para também atacar a política de combate à Aids dos países desenvolvidos. Na *Política Pública Nacional*, os colunistas do jornal Ancelmo Góis e Joaquim Ferreira dos Santos publicaram informações sobre ações do governo, como a da campanha para que as gestantes realizem o teste anti-HIV, mas sem emitir opinião. Nestes casos, as fontes das notícias não foram publicadas, mas os dados indicam informações provenientes do Ministério da Saúde.

Em *Epidemia*, as fontes de informação foram predominantemente de órgãos oficiais, como a ONU e o governo federal (Programa Nacional de DST/Aids). O caderno

especial sobre a Aids no continente africano, publicado no Dia Mundial de Luta contra a Aids, estimulou a participação dos leitores a comentarem sobre o caderno e a situação da África.

Nos textos opinativos do jornal O Globo, ressaltamos a pouca presença de fontes de informação da medicina e ciência, utilizadas apenas para dar credibilidade a alguma informação científica, mas que ficaram em segundo plano no texto.

As vozes consideradas não-oficiais estiveram presentes somente no espaço para os textos dos leitores, uma delimitação bastante nítida na análise. Em nenhum caso, porém, a voz foi de um portador do HIV ou doente de Aids, os que necessitam realmente de ações rápidas do poder público e laboratórios para viverem com qualidade de vida.

Nos textos opinativos do jornal Folha de S. Paulo, constatamos a presença, na grande maioria, de fontes de informação relacionadas a órgãos oficiais, como as Nações Unidas e o governo federal brasileiro, principalmente pela prevalência do tema *Política Pública*. Fontes ligadas à Unids e ONU foram utilizadas pra criticar a política dos países desenvolvidos no combate à epidemia, e fontes do Ministério da Saúde (governo federal) foram usadas para elogiar o programa brasileiro de DST/Aids.

Destacamos no jornal Folha de S. Paulo a maior presença de fontes da área médico-científica, utilizadas em textos que perpassam as diversas temáticas (epidemia, médico-científico, prevenção). Neste caso, dividimos as falas dos médicos de duas formas: a primeira, a informação dos médicos sobre pesquisas, medicamentos e questões políticas; e a

segunda, a participação de médicos como colunistas no jornal, ajudando a tirar as dúvidas dos leitores sobre Aids, nos seus mais diversos aspectos. Esse espaço disponibilizado pelo jornal Folha de S. Paulo para os leitores tirarem suas dúvidas sobre a doença foi inexistente no jornal O Globo.

Por outro lado, a discussão religiosa sobre o uso da camisinha foi praticamente nula no jornal Folha de S. Paulo, ao contrário do O Globo. Nas cartas de leitores, a defesa era pelo uso do preservativo. Em um editorial, o jornal defendeu a Igreja na cobrança dos laboratórios farmacêuticos por políticas mais flexíveis, porém atacou a decisão de proibir o uso de preservativo na população. Ao mesmo tempo em que não concedeu espaço às fontes da Igreja, o jornal se posicionou a favor da política do governo federal de estímulo ao uso de preservativo como método eficaz de prevenção à doença, agindo a favor da sociedade.

Na Folha de S. Paulo não houve fontes de informação representando diretamente as pessoas que vivem com HIV/Aids (ONGs, soropositivos e familiares). No jornal O Globo, apenas uma voz era proveniente de uma organização não-governamental, mas presente apenas no espaço destinado aos leitores.

6.2 Gênero informativo

Nos textos do gênero informativo com foco em HIV/Aids, reunimos as notícias e entrevistas de acordo com o tema definido para realizarmos o mapeamento de vozes, no

que diz respeito à escolha das fontes de informação³². Analisamos o conjunto de textos dentro de cada jornal e, por último, fizemos uma avaliação comparativa entre as fontes de informação e os respectivos enunciadores encontrados nos dois periódicos de referência no Brasil. Primeiramente, analisamos os textos do jornal O Globo. A ordem de análise segue a seqüência decrescente do percentual dos temas por nós mapeados.

6.2.1 O Globo

Os 25 textos sobre **Epidemia** do jornal O Globo demonstraram que as notícias foram fortemente constituídas por dados e informações provenientes de organismos oficiais, como as Nações Unidas (ONU)³³ e órgãos do governo brasileiro (Ministério da Saúde e Programa Nacional de DST/Aids)³⁴. Somando estas duas categorias, o total chegou a 53% das fontes de informação (ver tabela 21). Considerando também as categorias *Médico-Científico* e *Outra Autoridade*, o percentual de fontes oficiais no discurso jornalístico sobre a Aids alcançou 63,5%. A presença de fontes consideradas não-oficiais (ONG, soropositivo, meios de comunicação e outros) representou 36,5% do total.

³² Conforme já explicitado nos Procedimentos Metodológicos, definimos as categorias para a classificação das fontes a partir da análise do corpus. As categorias são as seguintes: ONU, Governo, Médico-Científico, Organização não-governamental, Outra Autoridade, Soropositivo, Igreja, Meios de Comunicação e Outros.

³³ Na categoria ONU, criamos cinco subgrupos para uma melhor análise das fontes: ONU (inclui autoridades que representam a entidade, como o secretário-geral da ONU, Kofi Annan); OIT (Organização Internacional do Trabalho), Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), OMS (Organização Mundial da Saúde) e Unaid (Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/Aids). No corpus da pesquisa encontramos também a sigla Pn aids como referente à Unaid.

³⁴ Na categoria Governo, dentro do subgrupo Nacional, separamos as fontes em Programa Nacional de DST/Aids (PNDST/Aids), Ministério da Saúde e Outros (secretarias estaduais da saúde etc.).

A partir desse mapeamento das fontes, também definidas como locutores, constatamos duas perspectivas que se opõem, formando dois principais enunciadores no discurso sobre *Epidemia*. O primeiro enunciador (E1) parte da visão de que há um controle da epidemia a partir das diversas ações de prevenção e tratamento que foram colocadas em prática e ainda estão em desenvolvimento. O segundo enunciador (E2) atacou as políticas dos países ricos com relação à Aids, mostrando o sofrimento e falta de esperança de muitos infectados pelo vírus HIV ou doentes de Aids. O E2 foi dominante na temática *Epidemia*. Dentre as 68 fontes mapeadas, 62 estavam direcionadas a mostrar a realidade da epidemia para cobrar ações do poder público, principalmente quando se tratou da Aids em nível mundial. Contabilizamos somente seis fontes, todas do governo brasileiro, com o discurso de que o poder público vem trabalhando para manter o controle da doença no país.

O E1 foi composto, nos textos que tratam da Aids no Brasil, pelos discursos do Programa Nacional de DST/Aids e do Ministério da Saúde sobre o controle da doença, como, por exemplo, em “Para Unids, Brasil dá pouca atenção a usuários de drogas” (T117), em que o órgão das Nações Unidas criticou o programa de prevenção brasileiro entre usuários de drogas. Notícias nas quais foram publicadas pesquisas sobre a Aids em populações específicas, como em “Aids: recrutas são mais vulneráveis” (T61) e “Aids cresce entre negros e pardos mais pobres” (T129), o discurso do governo brasileiro foi o de que ações estão sendo implementadas a partir dos resultados dessas pesquisas. Por outro lado, o Ministério da Saúde e Programa Nacional de DST/Aids também se enquadraram no E2 no momento em que foram ouvidos pelos jornalistas a respeito da epidemia em escala global. Nesses casos, os representantes do governo brasileiro questionaram as ações adotadas pelos países ricos no combate à doença.

Verificamos que, no E2, o discurso das fontes de informação foi de defesa das pessoas soropositivas e cobrança dos países desenvolvidos em aumentar os investimentos em prevenção e tratamento. No caderno especial sobre a África (T121 a T127), publicado pelo jornal O Globo no Dia Mundial de Luta contra a Aids, percebemos uma aparente polifonia (presença de diversos locutores, como representantes de ONGs, da ONU e soropositivos), mas que na verdade se configurou como monofonia, em que todos apresentam o mesmo ponto de vista: os africanos estão morrendo de Aids por causa da pobreza nos países da África e as grandes potências mundiais não estão investindo o suficiente em programas de controle da Aids. Ressaltamos o esforço do jornal brasileiro em mostrar a realidade presente na África, porém, mantidas as proporções, o mesmo empenho não pareceu ser colocado em prática quando se fala da Aids no Brasil.

Nos demais textos agrupados nesta categoria, dois apresentaram a fala de soropositivos, e apenas um abordou o viver com HIV/Aids, neste caso na terceira idade. As organizações não-governamentais (ONGs) estiveram presentes também em três textos: “Crianças não têm terapia anti-Aids adequada” (T94), no qual a reportagem foi realizada apenas com a opinião de membros da organização não-governamental Médicos Sem-Fronteira; “Linha Dura” (T89), uma nota sobre Lucinha Araújo, da Sociedade Viva Cazusa, que proibiu as crianças com Aids de assistirem ao filme sobre Cazusa; e “Brasil tem mais de 65 mil órfãos da Aids” (T68), com a presença do presidente de uma ONG norte-americana que desenvolve uma vacina contra o HIV/Aids.

Fontes	Epidemia	
ONU	27	40%
a) Unaid	19	
b) ONU	4	
c) OIT	3	
d) Unicef	1	
Soropositivo	15	22%
Governo Nacional	9	13%
a) PN DST/Aids	6	
b) Ministério da Saúde	3	
ONG	8	11,5%
Médico-Científico	6	9%
Meios de Comunicação	1	1,5%
Outra Autoridade	1	1,5%
Outros	1	1,5%
Total	68	100%

Tabela 21: Fontes dos textos com tema Epidemia – jornal O Globo

Nos 16 textos informativos sobre HIV/Aids com temática **Política Pública**, percebemos também a prevalência do discurso do E2, de reivindicação por mais investimentos no combate à epidemia. Dentre as 34 fontes de informação registradas, 24 foram classificadas no E2 e 10, no E1, que inclui os governos do Brasil e os internacionais.

Na categoria *Política Pública Nacional*, obtivemos 60% de fontes oficiais, que na grande maioria falaram sobre políticas implementadas e/ou em desenvolvimento. Como contraponto, as organizações não-governamentais apareceram em três textos (30% do total de fontes). Dentre os seis textos agrupados nesta categoria, três podem ser considerados polifônicos (mais de um enunciador). Em “Banco Mundial critica programa anti-Aids”

(T108), tivemos um exemplo de polifonia e embate entre as fontes. O Banco Mundial (Bird), classificado como Outra Autoridade, critica o Programa de combate à Aids do Ministério da Saúde do Brasil. Além de confrontar as opiniões do Bird e do Ministério da Saúde, emitidas por meio de release à imprensa, o repórter ouviu uma fonte que representa as organizações não-governamentais, portanto, a sociedade civil organizada. Neste caso, temos três locutores e três enunciadores, pois o representante de ONGs alerta que tanto o Bird quanto o Ministério da Saúde podem estar equivocados com relação aos números da Aids.

Fontes	Política Pública Nacional	
Governo Nacional	5	50%
a) Outros	3	
b) Ministério da Saúde	2	
ONG	3	30%
Outra Autoridade	1	10%
Meios de Comunicação	1	10%
Total	10	100%

Tabela 22: Fontes dos textos com tema Política Pública Nacional – jornal O Globo

As fontes oficiais representaram 88% das fontes encontradas na categoria *Política Pública Internacional*. Dados estatísticos e informações de representantes das Nações Unidas (ONU) somaram 59% das fontes, contra 21% da categoria Governo Internacional. Dentre os dez textos incluídos nesta classificação temática no jornal O Globo, sete apresentaram fontes da ONU criticando as políticas adotadas pelos países ricos no combate à Aids e um apresenta crítica de uma organização não-governamental. Destes sete textos, em apenas dois houve uma resposta dos governos internacionais, o que caracterizou a

polifonia no discurso. Mesmo que a maioria das fontes seja considerada oficial nos textos informativos, ressaltamos que, na categoria ONU, muitas estiveram presentes para criticar políticas públicas de combate ao HIV/Aids de países ricos, apoiando a sociedade civil organizada nas reivindicações por mais investimentos em prevenção e tratamento.

Fontes	Política Pública Internacional	
ONU	14	59%
a) Un aids	5	
b) ONU	3	
c) OIT	3	
d) OMS	3	
Governo Internacional	5	21%
Outra Autoridade	2	8%
ONG	2	8%
Meios de Comunicação	1	4%
Total	24	100%

Tabela 23: Fontes dos textos com tema Política Pública Internacional – jornal O Globo

Notícias sobre o tema **Médico-Científico** relacionadas ao HIV/Aids em O Globo tiveram 76% das fontes relacionadas a médicos e pesquisadores de laboratórios privados e universidades. Nesta temática, podemos afirmar que houve somente um enunciador (E3): o ponto de vista médico-científico. Dos 12 textos desta categoria, em nenhum caso houve conflito de informações entre as fontes, caracterizando uma sintonia entre os entrevistados. Ressaltamos que em três textos não houve fonte explícita, caracterizando uma falha, proposital ou não, da publicação de uma notícia sobre ciência sem a correspondente fonte.

Em apenas um caso não houve fonte classificada como Médico-Científico, “EUA aprovam um exame oral que detecta vírus da Aids em 20 minutos” (T62). Neste caso, as fontes eram de órgãos do governo norte-americano, que autorizaram o uso do exame. Em nenhum momento a visão da medicina e da ciência, de que essas áreas trabalham em prol da cura da doença, é questionada nos textos, principalmente no que se refere aos métodos utilizados pelos pesquisadores no desenvolvimento de medicamentos e na busca da vacina contra o HIV.

Fontes	Médico-Científico	
Médico-Científico	13	76%
Governo Internacional	2	12%
Outra Autoridade	1	6%
ONU	1	6%
a) Unaid		
Total	17	100%

Tabela 24: Fontes dos textos com tema Médico-Científico – jornal O Globo

Na categoria **Sociedade**, pela primeira vez, na análise de fontes de informação em notícias sobre HIV/Aids no jornal O Globo, a categoria fontes não-oficiais ficou em primeiro lugar: 67% contra 33% das fontes oficiais. Isso se deve ao fato desses textos estarem mais voltados ao trabalho realizado pela sociedade civil organizada no combate à doença. Nesses seis textos, apesar da aparente polifonia, devido à presença de diversos locutores, há na verdade um discurso monofônico. Todos os locutores partiram do mesmo ponto de vista: a necessidade da população se engajar na luta contra a epidemia e o preconceito gerado na sociedade. Portanto, tivemos um enunciador, que chamamos de E4, nos textos com temática *Sociedade*.

Fontes	Sociedade	
ONG	4	34%
Soropositivo	3	25%
ONU	2	17%
a) OIT	2	
Outra Autoridade	1	8%
Médico-Científico	1	8%
Outros	1	8%
Total	12	100%

Tabela 25: Fontes dos textos com tema Sociedade – jornal O Globo

A única temática na qual as fontes da Igreja foram ouvidas para falar sobre a Aids é a **Religião**. Nesta categoria, registramos dois enunciadores: a posição da Igreja, contrária ao uso da camisinha, que chamamos de E5; e a opinião do governo brasileiro de estímulo ao uso do preservativo, que denominamos E6. Dentre as nove fontes encontradas, cinco se inserem no E5, e quatro no E6.

Dentre os cinco textos analisados, em apenas um a Igreja e o governo brasileiro estiveram explicitamente citados como fonte, configurando-se como um discurso polifônico. Em “Propaganda contra Aids rebate Igreja Católica” (T48), sobre a propaganda contra Aids do Ministério da Saúde no carnaval, criticada pela Igreja, o repórter construiu o texto sem citar nenhum entrevistado, nem mesmo na ordem indireta. Mesmo assim, as vozes do governo e da Igreja estão presentes no texto, o que denota a existência de dois enunciadores. Em outros casos, havia só a voz do governo ou da Igreja sobre o uso de camisinha como método de prevenção à Aids. No texto “Igreja: Aids é imunodeficiência

moral” (T132), em nenhum momento outra fonte, seja do governo ou da sociedade civil, foi ouvida para questionar as idéias da Igreja sobre a doença.

Fontes	Religião	
Igreja	5	56%
Governo Nacional	2	22%
a) Ministério da Saúde	2	
ONU	1	11%
a) Un aids	1	
Outros	1	11%
Total	9	100%

Tabela 26: Fontes dos textos com tema Religião – jornal O Globo

Nos três textos jornalísticos classificados no tema **Prevenção**, dois citaram apenas informações do Ministério da Saúde sobre números da Aids e o terceiro abordou a venda de um livro sobre prevenção à doença para outros países. Nesses discursos, registramos um enunciador (E7). As fontes estão preocupadas com a necessidade de estimular a prevenção na sociedade, mas nenhuma delas tratou da prevenção como uma questão política de combate à doença, indispensável para frear a contaminação das pessoas pelo vírus HIV.

Fontes	Prevenção	
Governo Nacional	2	50%
a) Ministério da Saúde	2	
Outros	2	50%
Total	4	100%

Tabela 27: Fontes dos textos com tema Prevenção – jornal O Globo

Em “Líbia condena à morte 5 búlgaros e um palestino” (T73), único texto classificado no tema **Ética** no jornal O Globo, encontramos um caso de polifonia, com opiniões contrárias sobre a condenação à morte de médico e enfermeiros acusados de infectarem crianças na Líbia com o vírus HIV. Porém, dentre as sete fontes presentes no texto, apenas uma (presidente da Líbia) foi a favor da condenação. Além de se posicionar contra a morte desses profissionais, o texto ressaltou que a decisão da Líbia se tornaria um obstáculo ao plano daquele país de firmar parcerias econômicas com países europeus. Em nossa classificação dos enunciadores, definimos como E8 a opinião contrária à condenação e E9, a favor da morte dos profissionais da saúde. Assim, o E8 apresentou seis fontes, contra uma fonte no E9.

Fontes	Ética	
	Governo Internacional	4
Outros	2	29%
Outra Autoridade	1	14%
Total	7	100%

Tabela 28: Fontes dos textos com tema Ética – jornal O Globo

6.2.1.1 Síntese

Na classificação final das fontes de informação utilizadas em notícias com foco em HIV/Aids no jornal O Globo, verificamos um total de 67% de fontes oficiais (ONU, Governo, Médico-Científico, Outra Autoridade), contra 33% de fontes não-oficiais (Igreja, ONG, Soropositivo, Meios de Comunicação, Outros). Porém, a análise das vozes presentes nos discursos a partir dos conceitos de locutor e enunciador nos permitiu aprofundar o

estudo de fontes, verificando os movimentos de dominância e silenciamento dos diferentes grupos.

Em primeiro lugar, registramos a tendência de crítica às políticas públicas dos países ricos com relação ao combate da Aids, principalmente nos países africanos. Para esse enunciador (E2), tivemos 86 fontes. Essa questão foi verificada em textos com temática *Política Pública Internacional e Epidemia*. No E1, encontramos 16 fontes do governo brasileiro e de outros países apontando a realização de um trabalho contínuo que garante o controle da epidemia. No caso do governo brasileiro, as notícias sobre o Programa Nacional de DST/Aids foram, na grande maioria, de informação sobre as campanhas e elogio ao trabalho realizado.

No tema *Médico-Científico*, a ciência foi abordada pela visão de médicos e pesquisadores como algo inquestionável, tanto no desenvolvimento de novos medicamentos quanto na busca de uma vacina. Esse enunciador (E3) contou com 17 fontes. Já o embate entre Igreja e governo foi tratado de forma mais equilibrada, com a opinião dos dois lados sobre o uso de preservativos como método preventivo. A visão da Igreja (E5) apresentou cinco fontes, contra quatro fontes do governo a favor do uso da camisinha (E6).

O enunciador E4, que defendeu a participação da sociedade civil organizada no combate à epidemia, foi dominante na temática *Sociedade*, com 12 fontes. Os textos trataram, basicamente, da ajuda de pessoas e entidades aos soropositivos e doentes de Aids. Nos textos sobre *Prevenção*, encontramos também somente um enunciador (E7), defendendo a necessidade de ênfase na prevenção para o combate à Aids. Por último, no

único texto sobre *Ética*, encontramos dois enunciadores: o que é contrário a condenação à morte dos profissionais da área da saúde (E8) e o que defende a condenação (E9).

Ratificamos também que a história de pessoas vivendo com HIV/Aids raramente esteve presente na cobertura noticiosa do jornal O Globo. O número de 18 fontes citado na tabela pode ser interpretado de uma forma errônea, pois desse total, 11 estão presentes no caderno especial sobre a África, publicado no Dia Mundial de Luta contra a Aids. Tratar a vida dos soropositivos praticamente apenas uma vez ao ano, sendo que estes são todos africanos – o que distancia os brasileiros desta realidade -, foi uma falha do jornal.

Fontes	Informativo	
ONU	45	30%
a) Unaid	26	
b) OIT	8	
c) ONU	7	
d) OMS	3	
e) Unicef	1	
Governo	29	19%
a) Nacional	18	
b) Internacional	11	
Médico-Científico	20	13%
Soropositivo	18	12%
ONG	17	11%
Outra Autoridade	7	5%
Outros	7	5%
Igreja	5	3%
Meios de Comunicação	3	2%
Total	151	100%

Tabela 29: Fontes dos textos com foco em HIV/Aids – jornal O Globo

6.2.2 Folha de S. Paulo

Nos 33 textos informativos sobre HIV/Aids com temática **Política Pública** no jornal Folha de S. Paulo, registramos 92 fontes, com predomínio do enunciador E2, assim como ocorreu no jornal O Globo. Foram 42 vozes que, em grande parte do discurso, defenderam mais investimentos na luta contra a Aids por parte dos países ricos, mostrando a situação alarmante da doença em diversos países. O E1, com fontes do governo brasileiro e de outros países, apresentou 36 fontes. Registramos ainda 13 fontes da área médico-científica, representando o E3, e uma fonte da Igreja Católica, incluída no E5.

Na análise dos textos sobre *Política Pública*, registramos a prevalência de fontes de informação oficiais, provenientes de órgãos do governo. No subgrupo *Política Pública Nacional*, a soma das fontes oficiais foi de 73%, contra 27% das consideradas não-oficiais. Esses dados não chegam a surpreender, na medida em que os discursos que envolvem as ações do poder público no combate à doença necessitam da fala de fontes oficiais. No entanto, a análise indicou que os mais interessados no assunto, os portadores do vírus HIV e doentes de Aids, assim como as organizações não-governamentais que lutam pelos seus direitos, estiveram pouco presentes no discurso.

O fato de fontes da área médico-científica estar em 13% dos textos informativos com temática *Política Pública Nacional* demonstra a atuação do poder público em pesquisas para o desenvolvimento de novos remédios e a busca por uma vacina.

Fontes	Política Pública Nacional	
Governo Nacional	30	48,5%
a) PN DST/Aids	11	
b) Outros	11	
c) Ministério da Saúde	8	
ONG	13	21%
Médico-Científico	8	13%
ONU	6	10%
a) Unaid	4	
b) OMS	2	
Outra Autoridade	1	1,5%
Igreja	1	1,5%
Soropositivo	1	1,5%
Meios de Comunicação	1	1,5%
Outros	1	1,5%
Total	62	100%

Tabela 30: Fontes dos textos com tema Política Pública Nacional – jornal Folha de S. Paulo

Em *Política Pública Internacional*, as fontes oficiais estiveram ainda mais presentes, representando 80% do total. As Nações Unidas (ONU) se constituíram como a principal voz presente nos textos, tanto em dados estatísticos sobre o HIV/Aids, quanto no discurso pró-engajamento dos países ricos no combate à epidemia, o que colaborou para o domínio do enunciador 2. Os discursos presentes nesses textos dos representantes de países em desenvolvimento também defendem uma participação maior dos governos no investimento em tratamento e prevenção à Aids.

Fontes	Política Pública Internacional	
ONU	10	33%
a) ONU	4	
b) Un aids	3	
c) OMS	2	
d) OIT	1	
Governo Internacional	6	20%
Médico-Científico	5	17%
ONG	3	10%
Outra Autoridade	3	10%
Outros	2	7%
Meios de Comunicação	1	3%
Total	30	100%

Tabela 31: Fontes dos textos com tema Política Pública Internacional – jornal Folha de S. Paulo

Em notícias sobre o HIV/Aids com tema **Médico-Científico** as fontes predominantes foram da medicina e da ciência, demonstrando que, quando se trataram de novas pesquisas, os jornalistas não buscaram ouvir a sociedade sobre o que estava sendo realizado. Manteve-se o *status quo* no qual a produção científica é indiscutível, não passível de questionamentos por parte dos “leigos”. Dessa forma, o enunciador dominante foi o E3, com as demais fontes utilizadas apenas para reiterar a necessidade da cura da Aids, que se dará somente através da medicina e da ciência.

Fontes	Médico-Científico	
Médico-Científico	24	68%
Governo Nacional	5	14%
a) PN DST/Aids	4	
b) Outros	1	
Governo Internacional	2	6%
ONU	1	3%
a) OMS	1	
ONG	1	3%
Meios de Comunicação	1	3%
Outros	1	3%
Total	35	100%

Tabela 32: Fontes dos textos com tema Médico-Científico – jornal Folha de S. Paulo

Nos textos sobre **Epidemia**, tivemos um equilíbrio entre três enunciadores: E1 e E2 apresentaram 11 fontes cada, e o E3, sete fontes. O discurso oficial prevaleceu novamente (82,5%) quando se tratou de traçar o perfil da doença, mostrando quem são os vulneráveis à infecção pelo vírus HIV. Porém, enfatizamos mais uma vez que o discurso oficial representado pelas Nações Unidas (ONU) foi o de reivindicação e crítica aos países ricos, estabelecendo um vínculo às fontes não-oficiais, que lutam por mais investimentos em tratamento e prevenção à Aids. A participação de fontes da área da medicina e ciência também foi significativa em matérias sobre *Epidemia*. De novo, os “atores” mais envolvidos e interessados no assunto estiveram presentes em apenas 7% dos textos.

Fontes	Epidemia	
Governo Nacional	9	31%
a) PN DST/Aids	4	
b) Ministério da Saúde	3	
c) Outros	2	
Médico-Científico	7	24%
ONU	6	20,5%
a) Unaid	3	
b) ONU	2	
c) OMS	1	
Governo Internacional	2	7%
Soropositivo	2	7%
ONG	1	3,5%
Meios de Comunicação	1	3,5%
Outros	1	3,5%
Total	29	100%

Tabela 33: Fontes dos textos com tema Epidemia – jornal Folha de S. Paulo

Em um tema como **Sociedade**, que reuniu oito textos basicamente sobre a participação da sociedade civil organizada na luta contra a Aids e os direitos civis dos portadores do vírus HIV e doentes de Aids, apenas três apresentaram fontes de informação com citação direta ou indireta. Em “Caixa não poderá mais exigir exame de HIV” (T283), a Justiça determinou que o banco federal não poderia exigir exame laboratorial de portadores do vírus HIV para a retirada do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). O banco deveria aceitar o atestado médico. Porém, o banco informou que iria recorrer da decisão. Temos um caso em que as fontes da Justiça, classificadas como Outra Autoridade, trabalharam em prol dos direitos civis dos portadores do vírus HIV e doentes de Aids. O enunciador caracterizado pelo posicionamento da Justiça foi classificado na E4 (com seis

fontes), enquanto que a posição da Caixa Econômica Federal, órgão do poder público, ficou no E1 (uma fonte). Também tivemos o predomínio de fontes oficiais (72%).

Fontes	Sociedade	
Outra Autoridade	4	58%
Governo Nacional	1	14%
a) Outros	1	
Soropositivo	1	14%
Meios de Comunicação	1	14%
Total	7	100%

Tabela 34: Fontes dos textos com tema Sociedade – jornal Folha de S. Paulo

Nos textos sobre **Ética**, que trataram como crime a transmissão do vírus para outras pessoas, predominou o enunciador 8, com nove fontes contrárias à pena de morte, como no texto “Líbia quer fuzilar búlgaras acusadas de espalhar Aids” (T235), e contrárias à pena de oito anos de prisão de um homem que transmitiu o vírus para sua namorada em “Para especialistas, condenação por transmissão de Aids é exagerada” (T292) e “Defesa diz que réu tinha medo de perder amante” (T293). Somente duas fontes se encaixaram no enunciador 9, de apoio às condenações. As fontes oficiais somaram 72%, mesmo com as fontes de organizações não-governamentais em primeiro lugar, com 28%.

Fontes	Ética	
ONG	3	28%
Governo Internacional	2	18%
Outra Autoridade	2	18%
Outros	2	18%
Governo Nacional	1	9%
a) PN DST/Aids	1	
Médico-Científico	1	9%
Total	11	100%

Tabela 35: Fontes dos textos com tema Ética – jornal Folha de S. Paulo

Nos dois textos jornalísticos sobre **Prevenção**, encontramos o enunciador 1 em “Homem gay usa mais camisinha que heterossexual, diz ministério” (T295), no qual o discurso do governo foi o de que está buscando o controle da Aids a partir de pesquisas de comportamento sexual da população. Em “Aids é grande preocupação, afirma general” (T309), também identificamos o enunciador 1, com o general Américo Salvador de Oliveira, do Ministério da Defesa, garantindo ações de prevenção entre os soldados brasileiros que estavam no Haiti.

O índice de fontes oficiais nos textos sobre *Prevenção* foi de 86%. Na questão da Aids esse dado nos parece alarmante, visto que grande parte das ações de prevenção à doença são iniciativas das organizações não-governamentais que trabalham exclusivamente com Aids no Brasil, e nenhuma fonte presente nestes textos era de um representante de ONG.

Fontes	Prevenção	
Governo Nacional	4	58%
a) Ministério da Saúde	2	
b) PN DST/Aids	1	
c) Outros	1	
ONU	1	14%
a) ONU	1	
Outra Autoridade	1	14%
Outros	1	14%
Total	7	100%

Tabela 36: Fontes dos textos com tema Prevenção – jornal Folha de S. Paulo

No único texto de gênero informativo do jornal Folha de S. Paulo com tema **Religião**, representantes da Igreja Católica foram as únicas fontes consultadas pelo jornalista. Neste caso, o embate de enunciadores se deu dentro da própria Igreja, com opiniões contrárias ao uso de preservativo como método de prevenção à Aids. Tivemos uma fonte classificada como E5, contra o uso do preservativo, e a outra como E6, a favor do uso, principalmente pelas pessoas já contaminadas pelo vírus HIV e que querem manter relações sexuais.

Fontes	Religião	
Igreja	2	100%
Total	2	100%

Tabela 37: Fontes dos textos com tema Religião – jornal Folha de S. Paulo

6.2.2.1 Síntese

No mapeamento das vozes presentes nos 80 textos de gênero informativo com foco em HIV/Aids no jornal Folha de S. Paulo, identificamos dois enunciadores dominantes: E1 (controle da Aids por parte dos governos) e E3 (discurso médico-científico), com 55 fontes de informação cada. O E2 (discurso que cobra maior participação do poder público no combate à Aids) apareceu logo em seguida, com 53 fontes. Os demais enunciadores foram menos frequentes, como E8 (9 fontes), E4 (seis fontes), E5 e E9 (duas fontes cada), e E6 (uma fonte). Não registramos nenhum enunciador 7.

Dentre as fontes de informação, registramos o índice de 78% de fontes oficiais. A categoria Governo ficou em primeiro lugar, com 34%, com a grande maioria das fontes do governo brasileiro. Das 62 fontes consultadas, 21 foram do Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, principal órgão governamental do Brasil na área do HIV/Aids.

Logo após, as fontes do setor médico-científico somaram 25%, demonstrando, assim como no estudo de Fausto Neto (1999), a importância das fontes do campo médico como estratégico na construção da notícia. Em comparação ao estudo de Traquina (2004), que apontava o predomínio das fontes médicas e científicas em detrimento das fontes do governo, nossa pesquisa revelou uma alteração na ordem das vozes presentes nos discursos sobre a Aids.

As fontes não-oficiais eram predominantemente relacionadas às organizações não-governamentais (ONGs) que trabalham na prevenção ao HIV/Aids (11,5%). Os soropositivos representaram 2%, número inferior ao registrado na pesquisa de Traquina (2004) realizado na Folha de S. Paulo, que apontou 11% de soropositivos nos textos jornalísticos durante três meses em 1993.

Fontes	Informativo	
Governo	62	34%
a) Nacional	50	
b) Internacional	12	
Médico-Científico	45	25%
ONU	24	13%
a) Unids	10	
b) ONU	7	
c) OMS	6	
d) OIT	1	
e) Unicef	0	
ONG	21	11,5%
Outra Autoridade	11	6%
Outros	8	4%
Meios de Comunicação	5	3%
Soropositivo	4	2%
Igreja	3	1,5%
Total	183	100%

Tabela 38: Fontes dos textos com foco em HIV/Aids – jornal Folha de S. Paulo

6.2.3 Análise comparativa

O mapeamento final das vozes atuantes no discurso jornalístico sobre HIV/Aids nos dois maiores jornais de referência do Brasil demonstrou o domínio do enunciador 2 (42%), vozes que reivindicam mais investimentos e ações dos países ricos (e do governo brasileiro, em notícias nacionais) no combate à epidemia da Aids. Foram registradas 139 fontes com esse ponto de vista. Em segundo lugar, praticamente empatados, ficaram os enunciadores 1 (21%) e 3 (21,5%), com respectivamente 71 e 72 fontes. O E1 é a posição dos governos, com discurso de controle da epidemia, e o E3 é o discurso do campo médico-científico, no qual a busca da cura da Aids é realizada através da pesquisa de novos medicamentos e de uma vacina.

Foram encontrados mais seis enunciadores, mas que estiveram bem menos presentes nos discursos jornalísticos sobre o HIV/Aids nos dois jornais. Destacamos que o enunciador 4 (5,5%), com apenas 18 fontes de informação, apresentou o discurso de que toda a sociedade pode e deve se mobilizar para ajudar os doentes, além do poder público. A participação de organizações não-governamentais e empresas privadas no processo de informar e educar a população é fundamental para a prevenção à Aids. Salientamos a importância desse discurso para mobilizar a sociedade, principalmente para a realização de trabalho voluntário junto às ONGs que trabalham com a doença em todo o Brasil.

Enunciador	O Globo		Folha de S. Paulo		Total	
E1	16	11%	55	30%	71	21%
E2	86	57%	53	29%	139	42%
E3	17	11,5%	55	30%	72	21,5%
E4	12	8%	6	3,5%	18	5,5%
E5	5	3%	2	1%	7	2%
E6	4	2,5%	1	0,5%	5	1,5%
E7	4	2,5%	0	0%	4	1%
E8	6	4%	9	5%	15	4,5%
E9	1	0,5%	2	1%	3	1%
Total	151	100%	183	100%	334	100%

Tabela 39: Enunciadores dos textos informativos com foco em HIV/Aids nos dois jornais

Registramos, assim como na configuração dos temas com foco em HIV/Aids, o caráter oficial dos textos, com a presença de 243 fontes oficiais (72,5%), contra 91 fontes não-oficiais (27,5%).

Fontes	O Globo		Folha de S. Paulo		Total	
Oficial	101	67%	142	78%	243	72,5%
Não-Oficial	50	33%	41	22%	91	27,5%
Total	151	100%	183	100%	334	100%

Tabela 40: Fontes dos textos informativos com foco em HIV/Aids nos dois jornais

A significativa presença de fontes do governo brasileiro (Programa Nacional de DST/Aids e Ministério da Saúde) foi fundamental para a categoria Governo ficar em primeiro lugar, com 27% do total. Em segundo lugar, as Nações Unidas (ONU), principalmente através da Unaid, estiveram presentes em grande parte dos textos, trazendo

informações e números sobre a epidemia em todo o mundo, além de cobrarem uma participação mais efetiva dos países desenvolvidos no combate à doença.

A categoria Médico-Científico, com maior presença na Folha de S. Paulo, ficou em terceiro lugar, reforçando o interesse existente na sociedade pela cura da doença, através de novos medicamentos e vacina. Em quarto lugar, as organizações não-governamentais (ONGs) ficam com 11%, número que consideramos insuficiente pelo trabalho realizado por essas entidades na prevenção e tratamento da Aids, principalmente no Brasil. Os soropositivos vêm logo a seguir, com 7%. Com índices ainda menos significativos, registramos Outra Autoridade (5,5%), Outros (4,5%), Igreja (2,5%) e Meios de Comunicação (2,5%).

Fontes	O Globo		Folha de S. Paulo		Total	
Governo	29	19%	62	34%	91	27%
a) Nacional	18		50		68	
b) Internacional	11		12		23	
ONU	45	30%	24	13%	69	21%
a) Un aids	26		10		36	
b) ONU	7		7		14	
c) OMS	3		6		9	
d) OIT	8		1		9	
e) Unicef	1		0		1	
Médico-Científico	20	13%	45	25%	65	19%
ONG	17	11%	21	11,5%	38	11%
Soropositivo	18	12%	4	2%	22	7%
Outra Autoridade	7	5%	11	6%	18	5,5%
Outros	7	5%	8	4%	15	4,5%

Igreja	5	3%	3	1,5%	8	2,5%
Meios de Comunicação	3	2%	5	3%	8	2,5%
Total	151	100%	183	100%	334	100%

Tabela 41: Fontes dos textos informativos com foco em HIV/Aids nos dois jornais

Os resultados alcançados nesta pesquisa ressaltam que a classificação das fontes de informação em oficiais e não-oficiais não garante uma análise sobre o conteúdo da mensagem e o posicionamento da fonte. Através dos conceitos de locutor e enunciador, retirados da Análise do Discurso, é que pudemos identificar as vozes dominantes no discurso jornalístico sobre o HIV/Aids.

A partir da configuração dos enunciadores, identificamos que o discurso de controle da epidemia por parte do poder público (incluindo o discurso oficial do campo médico-científico e da defesa do governo federal do uso do preservativo) alcançou 44% do total de fontes de informação, contra 72,5% da análise de fontes oficiais. Os demais enunciadores somaram 66%, abordando outros discursos sobre o HIV/Aids, como o de crítica aos governos e mobilização para a participação mais efetiva da sociedade no combate à doença, ao contrário dos 27,5% das fontes não-oficiais.

7 CONCLUSÃO

A construção da Aids no imaginário coletivo no Brasil foi um processo desencadeado pela imprensa, no início da década de 80. Foram as primeiras reportagens em jornais e revistas que, além de dar ao público as primeiras histórias dos doentes da Aids, ajudaram a ensaiar formas de se falar dela. Em um momento em que poucos conheciam alguém com a doença, essas reportagens vieram apresentar a “cara” da Aids. Marcadas pela forte presença dos discursos do campo da saúde (médicos, cientistas, entre outros) nos primeiros dez anos da epidemia, as notícias sobre a Aids começaram a abordar temas como comportamento, sexo e sociedade a partir da década de 90.

Foi também no final da década de 80 que os soropositivos começaram a se organizar em ONGs, passando a existir um duelo de vozes: a dos que falam por eles, como o poder público e os profissionais da saúde, e a dos que falam por si próprios – a dos portadores do vírus HIV e doentes de Aids. No discurso sobre a doença, os soropositivos começaram a

perceber que eram sempre objetos, nunca sujeitos do discurso. Mesmo como personagens principais de diversas reportagens, os doentes continuavam sendo objetos.

A partir de 1995, a busca incessante por pessoas contaminadas pelo vírus HIV, principalmente entre celebridades, diminuiu nos meios de comunicação. Com novos remédios e tratamentos, que começaram a ser disponibilizados pela rede pública de saúde no início da década de 90, a qualidade de vida dos soropositivos aumentou consideravelmente, reduzindo o número de óbitos. Uma nova identidade foi criada para os soropositivos, pessoas vivendo com HIV/Aids, que foi, aos poucos, conquistando seu espaço no discurso jornalístico.

A mudança do perfil das pessoas infectadas pelo HIV trouxe também novos elementos para a construção da epidemia no discurso jornalístico. A contaminação vem aumentando entre mulheres, negros e pobres nos últimos anos, de acordo com pesquisas de organismos oficiais (Unaid e Programa Nacional de DST/Aids). A desigualdade social e a vulnerabilidade da população a doenças se constituem como entraves ao controle da epidemia em todo o mundo.

Os jornais, enquanto estratégicos para a construção de sentido da Aids na sociedade, esbarram em limitações da rotina produtiva e interesses político-econômicos para fomentar o debate acerca da epidemia. Nesse processo da construção da notícia sobre a Aids, a relação entre jornalistas e fontes de informação é determinante, visto que somente a pluralidade de vozes presentes nos textos jornalísticos contribui para uma construção mais fiel da realidade da doença neste século XXI. Por esta razão, o estudo das fontes de

informação tem constituído um aspecto central da pesquisa sobre jornalismo. Antes de chegarem à sociedade, as informações provenientes das fontes são submetidas a um processamento e enquadramento, que irão contribuir para a construção de significados.

Como já explicitado por outros estudos, as fontes oficiais são as primeiras a serem procuradas pelos jornalistas, pois representam instituições legitimadas de poder. Em segundo plano ficam os que não têm a influência de uma autoridade, os que não possuem um cargo representativo. Buscamos, nesta pesquisa, analisar a configuração das fontes de informação utilizadas pelos jornais O Globo e Folha de S. Paulo, representantes do jornalismo de referência do Brasil, na construção de notícias sobre HIV/Aids durante todo o ano de 2004. Mais precisamente, nosso intuito foi o de verificar as vozes dominantes no discurso sobre a Aids, a partir dos conceitos de locutor e enunciador de Oswald Ducrot (1984).

Assim como no início da epidemia no Brasil, na década de 80, a abordagem mais científica e médica da doença ocasionava uma maior presença de vozes do campo da saúde, a análise dos temas nos textos jornalísticos sobre HIV/Aids seria fundamental para o mapeamento de vozes. A partir do assunto definido na reunião de pauta é que o repórter direciona o contato com as fontes.

Nos 111 textos dos jornais O Globo e Folha de S. Paulo sem foco em HIV/Aids, mas que fizeram referência à doença em algum momento, *a Aids foi tratada como um problema de saúde pública que deve ser combatido pelos governos*. A Aids se inseriu neste contexto como uma doença de grande proporção, que deve contar também com o

investimento dos governos para o tratamento de pessoas já infectadas pelo vírus HIV. O exemplo de combate e tratamento à Aids no Brasil foi lembrado, principalmente quando se discute a situação mundial da epidemia.

Nos dois jornais, entre as matérias sem foco em HIV/Aids, a medicina e a ciência estiveram presentes apenas em 9% dos textos, ficando atrás de temas como Sexualidade e Sociedade. Entendemos que esses dados reforçam os resultados de pesquisas que apontam a dificuldade dos meios de comunicação de tratar assuntos relacionados à ciência e, por conseqüência, a falta de participação do público leitor e colaboradores no debate de temas nesta área.

O mapeamento dos temas abordados pelos dois maiores jornais de referência do Brasil nos 199 textos com foco em HIV/Aids também revelou o discurso de que *a Aids é uma epidemia que deve ser combatida pelos governos, assim como o acesso a novos medicamentos e métodos de prevenção pela sociedade é obrigação do poder público*. Em uma comparação entre os dois jornais analisados, a Folha de S. Paulo priorizou mais as informações e opiniões acerca de Política Pública do que O Globo, principalmente as notícias nacionais.

Verificamos também na análise dos temas *a necessidade da imprensa de explicar a doença a partir de estatísticas, mostrando a “cara” da Aids na atualidade*. Nos textos enquadrados na categoria Epidemia, dois subgrupos se destacam pela vulnerabilidade à doença: as mulheres e as crianças. O tema se destaca mais no jornal O Globo, que prioriza as informações sobre crianças com HIV/Aids.

O tema Médico-Científico, com informações sobre novos tratamentos, medicamentos e a busca incessante por uma vacina contra o vírus da Aids, foi abordado com maior ênfase pelo jornal Folha de S. Paulo. Em contrapartida, o embate entre a Igreja Católica e o Estado referente ao uso de preservativo como método de prevenção ao HIV/Aids esteve mais presente no jornal O Globo. Os textos foram publicados, principalmente, na época da campanha de prevenção à DST/Aids no carnaval. Entendemos que o jornal carioca disponibilizou um maior espaço ao debate sobre sexualidade e religião entre leitores e colaboradores do que o jornal paulista.

A prevenção à Aids também não foi tratada pelos dois jornais como uma questão de serviço público. Considerando-se a natureza pública e o compromisso social do campo jornalístico, as notícias sobre prevenção e tratamento da Aids nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo estão aquém das necessidades da população brasileira.

Na análise final dos temas encontrados em textos sobre HIV/Aids, propomos uma divisão da seguinte forma:

- **Estado**, representando o discurso e as ações do poder público perante a doença;
- **Epidemia**, buscando, através de estatísticas, mostrar a verdadeira “cara” da Aids;
- **Médico-Científico**, associado à busca da cura;
- **Social**, retratando as ações da sociedade civil organizada na luta contra a epidemia.

Concluimos que 34% dos textos com foco em HIV/Aids tinham como tema Política Pública, seguido por Epidemia, com 25%, e Médico-Científico, 18%.

Se dentre os temas o discurso predominante era que a prevenção e o combate à Aids são de responsabilidade do poder público, o mapeamento final das vozes atuantes no discurso jornalístico sobre HIV/Aids nos dois maiores jornais de referência do Brasil não poderia ser diferente. Registramos *o domínio das vozes que reivindicam mais investimentos e ações dos países ricos (e do governo brasileiro, em notícias nacionais) no combate à epidemia da Aids*. Essas vozes foram classificadas como enunciador E2, alcançando 42% do total.

Em O Globo, o predomínio do E2 foi maior em comparação à Folha de S. Paulo, em que houve um maior equilíbrio com os enunciadores E1 e E3. O E1 é a posição dos governos, com discurso de controle da epidemia, e o E3 é o discurso do campo médico-científico, no qual a busca da cura da Aids é realizada através da pesquisa de novos medicamentos e de uma vacina. Os discursos dos enunciadores E1 e E3 ficaram praticamente empatados em segundo lugar, com, respectivamente, 21% e 21,5% nos dois jornais.

Na análise das vozes em notícias sobre HIV/Aids nos dois jornais, mostramos que as falas dominantes são oriundas de organizações governamentais, representadas principalmente pelas Nações Unidas (ONU) e governos, mas que a grande maioria detém o discurso de crítica às políticas públicas de combate ao HIV/Aids dos países ricos.

Foram encontrados outros seis enunciadores, mas que estiveram bem menos presentes nos discursos jornalísticos sobre o HIV/Aids nos jornais. O enunciador E4, com apenas 18 fontes de informação, apresentou o discurso de que toda a sociedade pode e deve se mobilizar para ajudar os doentes, além do poder público. A participação de organizações não-governamentais e empresas privadas no processo de informar e educar a população é fundamental para a prevenção à Aids. Salientamos a importância desse discurso para mobilizar a sociedade, principalmente para a realização de trabalho voluntário junto às ONGs que trabalham com a doença em todo o Brasil.

A classificação das fontes em oficiais e não-oficiais nos textos informativos com foco em HIV/Aids demonstrou o domínio de fontes oficiais. Os 148 textos de gênero informativo com foco em HIV/Aids encontrados nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo apresentaram 243 fontes oficiais (72,5%), contra 91 fontes não-oficiais (27,5%). Reforçamos aqui que a análise de vozes foi realizada apenas nos textos de gênero informativo com foco em HIV/Aids, pois entendemos que não há necessidade da pluralidade de vozes nos textos de gênero opinativo sobre a doença. Contudo, *os resultados alcançados nesta pesquisa ressaltam que a classificação das fontes de informação em oficiais e não-oficiais não garante uma análise sobre o conteúdo da mensagem e o posicionamento da fonte.* Através dos conceitos de locutor e enunciador, é que identificamos as vozes dominantes no discurso jornalístico sobre o HIV/Aids.

Ao reunirmos os enunciadores em dois grandes grupos, verificamos que o discurso de controle da epidemia por parte do poder público, que pode ser representado por E1, E3 e E7, somaram 44%, sendo que os demais enunciadores registraram 66%, abordando outros

discursos sobre o HIV, como o de crítica aos governos e mobilização para a participação mais efetiva da sociedade no combate à doença. *Temos, então, o domínio dos discursos alternativos, representados principalmente pela cobrança de ações urgentes do poder público.* Se fôssemos realizar o estudo de vozes apenas a partir da classificação das fontes em oficiais e não-oficiais, chegaríamos a um resultado insuficiente, pois essa análise indica o predomínio de fontes oficiais. A ONU, por exemplo, é considerada fonte oficial, mas se posiciona contra as políticas públicas adotadas pelos países desenvolvidos.

Na avaliação das vozes presentes nos textos opinativos com foco em HIV/Aids do jornal O Globo, registramos um equilíbrio entre as vozes atuantes nos discursos da Igreja e do Estado sobre o uso de preservativo como método de prevenção à doença. Ressaltamos também a pouca presença de fontes de informação da medicina e ciência, utilizadas apenas para dar credibilidade a alguma informação científica, mas que ficaram em segundo plano no texto.

Já nos textos opinativos sobre HIV/Aids da Folha de S. Paulo, houve uma maior presença de fontes da área médico-científica. Neste caso, dividimos as falas dos médicos de duas formas: a primeira, a informação dos médicos sobre pesquisas, medicamentos e questões políticas; e a segunda, a participação de médicos como colunistas no jornal, ajudando a tirar as dúvidas dos leitores sobre Aids, nos seus mais diversos aspectos. Esse espaço disponibilizado pelo jornal Folha de S. Paulo para os leitores tirarem suas dúvidas sobre a doença foi inexistente no jornal O Globo. Também registramos a presença, na grande maioria, de fontes de informação relacionadas a órgãos oficiais, como as Nações

Unidas e o governo federal brasileiro, principalmente pela prevalência do tema Política Pública.

A partir da análise dos enunciadores nos discursos jornalísticos sobre HIV/Aids, concluímos que os jornais Folha de S. Paulo e O Globo, representantes do jornalismo de referência brasileiro, não tratam de forma equilibrada a pluralidade de vozes legitimadas para falar sobre o tema da Aids. Ao mesmo tempo em que as vozes predominantes cobram ações por parte dos governos para intensificarem o combate à Aids, as pessoas que vivem com o HIV/Aids estão praticamente excluídas nos textos. ***A fala dos soropositivos esteve presente em apenas 7% do total de fontes de informação nos dois jornais.*** Dentre as 22 fontes encontradas, 18 foram no jornal O Globo, e 11 delas são africanas, um norte-americano e apenas seis brasileiros. Dentre as quatro fontes de soropositivos encontradas na Folha de S. Paulo, três eram brasileiros. ***Temos apenas oito soropositivos brasileiros, dentre um universo de 334 fontes de informação ouvidas sobre o HIV/Aids.***

Se a imprensa vem apresentando alguns avanços na construção do discurso sobre a Aids na sociedade, com a ampliação da abordagem de temas e o cruzamento de enunciadores que caracteriza a pluralidade de vozes presentes nos textos, comprovamos empiricamente que ***os soropositivos continuam sendo tratados como objetos, e não sujeitos no discurso sobre a Aids.*** Neste espaço de mais de 20 anos da eclosão da epidemia no Brasil, tivemos um momento no qual os doentes tiveram voz, como nos casos de Cazusa e Herbert Daniel, mas pelo fato de terem sido celebridades. Com pessoas anônimas, o procedimento era outro: muitas fotos com pouca ou nenhuma fala.

Temos, desde as primeiras reportagens sobre Aids, o caráter oficial de estatísticas que tentam mostrar a verdadeira “cara” da epidemia. Esses números permanecem hoje em dia, até mesmo para que a sociedade possa exigir dos governos mais ações de combate à Aids. Mas até que ponto o jornalismo brasileiro contribui para a mobilização da sociedade no combate à doença? O governo brasileiro é visto pelos demais países como exemplo no combate e tratamento da Aids, com distribuição gratuita de medicamentos. Contudo, os números de infectados crescem a cada boletim epidemiológico emitido pelo Ministério da Saúde. Perto da situação da África, parece que os brasileiros nem devem se preocupar com a epidemia, a partir da visão do poder público, reafirmada pela imprensa.

A partir do mapeamento das vozes da Aids nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo, representantes do jornalismo de referência do Brasil, deixamos como questionamento para um próximo estudo para onde caminha a cobertura noticiosa da Aids. Se a relação entre jornalistas e fontes de informação é preponderante na construção da notícia sobre a epidemia, em qual ponto os jornalistas, com suas respectivas empresas jornalísticas, estão mais vulneráveis, sem conseguir aperfeiçoar o trabalho jornalístico realizado diariamente nas Redações.

Os desafios que se colocam para o futuro são imensos. Os profissionais de comunicação devem abordar as temáticas da Aids com maior diversidade de fontes, com maior contextualização, com abordagens mais críticas; enfim, com elementos que mobilizem a sociedade para a superação dos problemas do país. Hoje, as pessoas não são mais vistas como morrendo de Aids, mas sim vivendo com HIV/Aids. Essa mudança de paradigma ainda não é perceptível nos jornais, comprovado pelo baixo número de falas dos

soropositivos nos textos jornalísticos sobre a doença. Com a qualificação dos temas e pluralidade das fontes de informação, o discurso jornalístico passaria a ser uma contribuição concreta para a prevenção e o tratamento da AIDS no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Norma S.; CHAPARRO, Manuel Carlos; GARCIA, Wilson. **Imprensa na berlinda: a fonte pergunta**. São Paulo: Celebris, 2005.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BARROS, Antonio Teixeira de; TARGINO, Maria das Graças. **A análise de conteúdo como método qualitativo na pesquisa em comunicação**. Brasília, 2000. (Mimeo.)

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Unicamp, 1997.

BERGANZA, Rosa. O contributo da escola de Chicago para o jornalismo contemporâneo – as reflexões de Robert Park sobre a notícia. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Revista Comunicação e Linguagens**. Nº 27, fev. 2000.

BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CAMARGO Jr., Kenneth Rochel de. **As ciências da Aids & A Aids das ciências: o discurso médico e a construção da Aids**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. **A Aids e a sociedade contemporânea: estudos e histórias de vida**. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

CHRISTIANS, Clifford G. A imprensa e os oprimidos. In: ELLIOT, Deni. **Jornalismo versus privacidade**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1986.

COHEN, Bernard C. **The press and foreign policy**. Princeton: Princeton University Press, 1963.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **Aids, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. São Paulo: Iglu, 1991.

DALMASO, Silvana C. **Fontes de informação jornalística: Natureza e implicações**. Salvador: Intercom, 2002. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/2002/comunicacoes/COMUNICACOES_DALMASO.pdf>

Acesso em 20 mai. 2005.

DOWBOR, Ladislau et al. **Desafios da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

ELLIOTT, Deni. **Jornalismo versus privacidade**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1986.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa**. Rio de Janeiro, Rio Fundo Editora, 1991.

_____. **A AIDS dos Media: maneiras de viver, maneiras de morrer**. Revista Veredas, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro: Set.1997.

_____. **Comunicação & Mídia impressa: estudo sobre a Aids**. São Paulo, Hacker Editores, 1999.

FOLHA DE SÃO PAULO. Versão do jornal online. <www.folha.com.br>. Acesso em 15 de outubro de 2005.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise do conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FRANÇA, M. S. J. **Repensando o modelo para divulgação científica: o caso da AIDS na imprensa brasileira (1981-2001)**. 2002. Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para obtenção do grau de Mestre em História da Ciência.

GALVÃO, Jane. **AIDS e imprensa: um estudo de antropologia social**. 1992. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ.

GANS, Herbert. **Deciding what's news: a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. Nova Iorque: Pantheon Books, 1979.

GARCIA, Luiz (org.). **Manual de redação e estilo**: O Globo. São Paulo: Globo, 2001.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no jornalismo**: discorrer, disciplinar, controlar. São Paulo: Hacker Editores, Edusp. 2003.

GOMES, Wilson. Fato e Interesse, o fato jornalístico como problema. **Textos de Cultura e Comunicação** 26, 1991.

_____. Verdade e perspectiva, a questão da verdade e o fato jornalístico. **Textos de Cultura e Comunicação** 29, 1993.

HILDEBRAND, Luci. **Comunicação oficial brasileira sobre a AIDS**: um percurso pelas linhas e entrelinhas da telinha da tevê. 1995. Tese apresentada a Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodologia de análisis de contenido**. Barcelona: Paidós, 1990.

IVC (Instituto Verificador de Circulação). <www.ivc.org.br>. Acesso em 15 de outubro de 2005.

LÉVY, Pierre. Pela Ciberdemocracia. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma Outra Comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIMA, Clóvis Ricardo Montenegro de. **AIDS - uma epidemia de informações**. 1992. Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Ciência da Informação do ECO/UFRJ e do IBICT/CNPq.

LOYOLA, Maria Andréa (org). **Aids e sexualidade**: o ponto de vista das Ciências Humanas. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

MACHADO, Marcia Benetti. **Jornalismo e Análise do Discurso**: método para estudo das vozes. Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2005.

MACHADO, Marcia Benetti; JACKS, Nilda. **O discurso jornalístico**. Brasília: Compós, 2001. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2001/machado_jacks2001.rtf>

Acesso em 20 abr. 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2004.

MAKSUD, Ivia. **Sexualidade e mídia**: uma análise sócio-antropológica do discurso jornalístico. 2000. Dissertação apresentada ao Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

MANN, Jonathan et al. **A Aids no Mundo**. Rio de Janeiro: ABIA e UERJ, 1993.

MANUAL DA REDAÇÃO: Folha de São Paulo. São Paulo: Publifolha, 2001.

MANUAL GERAL de Redação: Folha de São Paulo. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1987.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. 2ª edição. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Unicamp, 1998.

MATTELART, Armand e MATTELART, Michèle. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MATTIUSI, Dante. O Jornalismo Brasileiro Visto pelos Críticos. In: DINES, Alberto; VOGT, Carlos; MELO, José Marques (Org.). **A Imprensa em Questão**. Campinas: Unicamp, 1997.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Conferência feita nos cursos da Arrábida, 1997. In: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em 05 fev. 2005.

MELO, José Marques de. **Sociologia da imprensa brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **A imprensa em questão**. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MESQUITA, Fábio e BASTOS, Francisco Inácio. **Drogas e Aids**: estratégias de redução de danos. São Paulo, Hucitec, 1994.

MILLER, David; WILLIAMS, Kevin. Negotiating HIV/Aids information: Agendas, media strategies and the news. In: Glasgow University Media Group. **Getting the message**: News, truth and power. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1993.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo**: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.

MONTAGNIER, Luc. **Vírus e homens**: Aids, seus mecanismos e tratamentos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

MORIGI, Valdir José; ROSA, Rosane. Cidadania Midiatizada: cidadão planetário. **Comunicação e Espaço Público**, Brasília, DF, v.7, n.1-2, 2004.

NOVO MANUAL DA REDAÇÃO: FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1992.

O GLOBO. Versão do jornal online. <www.oglobo.globo.com.br>. Acesso em 15 de outubro de 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

_____. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1997.

PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. In: STEINBERG, Charles (org). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo, Cultrix, 1972.

PARKER, Richard. **A construção da solidariedade: Aids, sexualidade e política no Brasil**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/Abia/IMS, 1994.

PARKER, Richard e outros (org). **A AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Abia / IMS, 1994.

PATARRA, Judith. O Jornalismo Brasileiro Visto por Dentro. In: DINES, Alberto; VOGT, Carlos; MELO, José Marques (Org.). **A Imprensa em Questão**. Campinas: Unicamp, 1997.

PONTE, Cristina. **Notícias e Silêncios: A cobertura da Sida no Diário de Notícias e no Correio da Manhã**. Porto: Porto Editora, 2004.

_____. **Leitura das notícias: contributos para uma análise do discurso jornalístico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

RAMOS, Murilo César. Comunicação, Direitos Sociais e Políticas Públicas. In: PERUZZO, Cicília (org). **Sociedade de Informação e Novas Mídias: participação ou exclusão?** São Paulo: INTERCOM, 2002.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Vega, 1993.

ROSS, Edward. **La supresión de las noticias importantes**. Madri: Reis, n. 94, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Rogério. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva, 1997.

_____. **A fonte não quis revelar: um estudo sobre a produção das notícias**. 2002. Tese de Doutoramento apresentado à Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

_____. **Jornalistas e fontes de informação:** a sua relação na perspectiva da sociologia do jornalismo. Coimbra: Edições MinervaCoimbra, 2003.

SCHLESINGER, Philip. **Putting 'reality' together.** Londres e Nova Iorque: Methuen, 1978.

SOARES, Rosana de Lima. **Imagens veladas:** Aids, imprensa e linguagem. São Paulo: Annablume, 2001.

SONTAG, Susan. **A Doença Como Metáfora.** Rio de Janeiro: Graal, 1984.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Jornalismo Impresso.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

SOUZA, Herbert de. **A cura da Aids.** Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.

TARDE, Gabriel. **La opinión y la multitud.** Madrid: Taurus, 1986.

TERTO JÚNIOR, Veriano. **A Sociedade Civil e os Desafios na Terceira Década da Aids.** Disponível em: <<http://www.abiaids.org.br>>. Acesso em 15 jun. 2004.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** Uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo:** questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1993.

_____. **O Estudo do Jornalismo no Século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____. **Teorias do Jornalismo:** Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

_____. **Teorias do Jornalismo:** A tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação.** Lisboa: Presença, 2003.

ANEXOS

ANEXO I

TEXTOS ANALISADOS

O Globo – Matérias sem foco em Aids

Gênero Opinativo

- T01 – “Defesa da pílula”
- T02 – “Valorizar o Rio”
- T04 – “Saúde abandonada”
- T06 – “Sexo responsável”
- T07 – “Governo ajuda”
- T13 – “Triste África”
- T19 – “Agenda importada”
- T20 – “Um mundo melhor é possível”
- T23 – “Sexo precisa virar tema nas escolas”
- T24 – “Ação pelos diabéticos”
- T29 – “O controle da mídia”
- T31 – “Um olho nos EUA, outro na China”
- T34 – “Paradoxo japonês 2”
- T38 – “Pirata não pára”
- T42 – “Dez histórias”

Gênero Informativo

- T43 – “Alívio das dores”

T44 – “Escriturário é agredido e morre em Campinas”

T46 – “Dois médiuns levam caravanas de doentes a Goiás e ao Distrito Federal”

T47 – “Uma central que distribui saúde pela cidade”

T52 – “Sesc manterá oficinas de saúde durante o verão”

T53 – “Casamentos gays preocupam Bush”

T54 – “Governo dá tempo para operadoras de saúde”

T57 – “Violência atinge 33% das mulheres do mundo”

T58 – “Vírus são transmitidos por carne de macaco”

T60 – “Descoberto vírus que ataca sistema respiratório”

T79 – “Quadrilha agia também na compra de insulina”

T80 – “Cúpula do G-8 chega ao fim com poucos resultados”

T81 – “Muitos temas, poucos resultados”

T82 – “Vírus HTLV”

T87 – “Após fraudes, estoque de camisinhas diminui”

T88 – “Promessa de repor estoques não foi cumprida”

T98 – “Idosos sem Rio Card têm ônibus gratuito”

T99 – “Índia será o país mais populoso em 2050”

T100 – “... e o Rio que se destrói”

T101 – “O peso da dívida”

T103 – “ONU aponta ‘janela de oportunidade’ para crescimento da economia do país”

T104 – “Rio cria tecnologia para conservar alimentos”

T105 – “Exemplos que vêm de longe”

T110 – “Projeto provoca polêmica”

T111 – “Igreja critica proposta do governo”

T112 – “Para juízes, local para usar drogas pode caracterizar convivência com traficantes”

T115 – “Movimento negro protesta contra coincidência de datas”

T118 – “E no pulso a ideologia da vez”

T130 – “Camisinha é vendida por R\$ 0,30”

T136 – “Popular pelo dobro do preço”

T139 – “Ato contra ‘curar’ gay reúne 200 na Alerj ”

T140 – “Pobres desde a infância”

T142 – “Uma nova esperança contra a tuberculose”

T143 – “Empresários aderem à moda que só faz bem”

T144 – “Muito além da bilheteria”

T145 – “Poltronas para obesos e meia-entrada para professores”

T146 – “ONU: países em desenvolvimento devem investir em educação superior”

O Globo – Matérias com foco em Aids

Gênero Opinativo

T03 – “Campanha anti-Aids”

T05 – “Evitar a Aids”

T08 – “O Vaticano e a Aids” I

T09 – “O Vaticano e a Aids” II

T10 – “Aids na África” I

T11 – “Aids na África” II

T12 – “Aids na África” III

T14 – “Tragédia anunciada”

T15 – “Um desastre”

T16 – “Falta de realismo”

T17 – “O sermão e a luta”

T18 – “O valor da notícia”

T21 – “A camisinha é segura”

T22 – “A segurança é duvidosa”

T25 – “Melhor caminho”

T26 – “O papel dos governos na prevenção à Aids”

T27 – “A escolha inteligente”

T28 – “Que aumento é esse?”

T30 – “Prevenção de Aids em bebês”

T32 – “Paulo volta”

T33 – “Remédio do Brasil”

T35 – “Esperança contra o HIV”

T36 – “Cine pornô”

T37 – “Doença infantil”

T39 – “Faltou barriga”

T40 – “Bota a camisinha!”

T41 – “SOS Aids”

Gênero Informativo

- T45 – “Coquetel anti-Aids custará menos ao governo”
- T48 – “Propaganda contra Aids rebate Igreja Católica”
- T49 – “Aids: ministro veta slogan que provocava a Igreja”
- T50 – “Novo vírus da Aids já circularia entre pessoas”
- T51 – “Igreja critica campanha do governo contra Aids”
- T55 – “Verbas para a Aids”
- T56 – “Vírus inofensivo seria capaz de retardar Aids”
- T59 – “Aids entre idosos dobrou em dois anos”
- T61 – “Aids: recrutas são mais vulneráveis”
- T62 – “EUA aprovam um exame oral que detecta vírus da Aids em 20 minutos”
- T63 – “Aids: drogas não chegam a doentes”
- T64 – “Gel anti-HIV”
- T65 – “Cartilha de ajuda a travestis e folheto para lésbicas chocam Lula”
- T66 – “Clinton se engaja na campanha contra a Aids”
- T67 – “CIDADÃO SOLIDÁRIO – Em cena, ajuda a crianças com HIV”
- T68 – “Brasil tem mais de 65 mil órfãos da Aids”
- T69 – “Polêmica sobre uso de preservativo”
- T70 – “Aids pára indústria de filmes pornôs”
- T71 – “CAMPANHA: João Paulo faz teste”
- T72 – “Verba para Aids beneficia Huap e Azevedo Lima”
- T73 – “Líbia condena à morte 5 búlgaros e um palestino”
- T74 – “Aids em discussão”
- T75 – “Quando a Aids chegou à TV americana”
- T76 – “Aids levará países ao colapso, diz OMS”
- T77 – “Luta contra a Aids”
- T78 – “Terapia genética pode bloquear vírus da Aids”
- T83 – “Vacina contra Aids será testada no Rio”
- T84 – “Brasileiros começam a testar nova vacina contra a Aids”
- T85 – “País já testou outras três vacinas”
- T86 – “Remédio barato é a melhor arma contra Aids”
- T89 – “Linha dura”
- T90 – “Novos números da epidemia de Aids serão divulgados hoje pela ONU”

T91 – “Aids registra o maior crescimento da História”

T92 – “A face feminina da doença”

T93 – “OIT: Aids custa US\$ 25 bi por ano às economias”

T94 – “Crianças não têm terapia anti-Aids adequada”

T95 – “Aids por trás de retrocessos no IDH”

T96 – “Quebra de silêncio”

T97 – “Perda de funcionário é perda de conhecimento, alerta OIT”

T102 – “Vacina anti-Aids é falha”

T106 – “Creme promete proteção contra Aids”

T107 – “China inicia pesquisa polêmica”

T108 – “Banco Mundial critica programa anti-Aids”

T109 – “PF pede prisão de 4 por desvio de testes de Aids”

T113 – “Cai número de viciados que contraem Aids”

T114 – “Anticorpos conseguem bloquear HIV em teste”

T116 – “Violência e Aids, calvário feminino”

T117 – “Para Unids, Brasil dá pouca atenção a usuários de drogas”

T119 – “Vacina brasileira reduz HIV em 18 pessoas”

T120 – “Camisinha, só na teoria”

T121 – “Abandonada, África é devastada pela Aids”

T122 – “A África agoniza”

T123 – “Fome e desilusão”

T124 – “A perda do saber”

T125 – “Alta contaminação de soldados e estupros espalham vírus e geram instabilidade”

T126 – “Dor e abandono”

T127 – “Os sem-futuro”

T128 – “Uma esperança”

T129 – “Aids cresce entre negros e pardos mais pobres”

T131 – “Vaticano diz ser doença do espírito”

T132 – “Igreja: Aids é imunodeficiência moral”

T133 – “Órfãos são usados para testar droga”

T134 – “Órfãos são cobaias em teste anti-HIV”

T135 – “China e Índia prometem empenho contra Aids”

T137 – “Exportação de campanhas contra Aids”

T138 – “Foto da Semana”

T141 – “Aids: 15 milhões de órfãos no mundo”

T147 – “Além dos hematomas, a Aids”

Folha de S. Paulo – Matérias sem foco em Aids

Gênero Opinativo

T150 – “Gripe perigosa”

T157 – “Dez anos sem ‘Apartheid’ ”

T159 – “Uma nova agenda para as Américas”

T160 – “A hiperpotência e o ‘containment’ pela diplomacia”

T161 – “Reincluir a população de rua”

T163 – “Bravata e estratégia”

T164 – “O antiamericanismo e a diplomacia”

T172 – “Mudança de planos”

T173 – “Editoriais”

T174 – “Não dá pra brincar com anticoncepcional”

T175 – “A operação vampiro e o retrocesso”

T177 – “DSTs dão dor de cabeça a jovens”

T179 – “Mundo cão”

T181 – “Precaução”

T183 – “PV ou not PV”

T187 – “A conspiração”

Gênero Informativo

T192 – “Mundo tira nota 3 em programas sociais”

T194 – “Usuário defende direito de consumir drogas”

T197 – “Gabeira afirma que representa na Câmara usuários de maconha”

T198 – “Em Londres, Marta diz não temer tucanos e já se considera reeleita”

T203 – “Preservativo estimula as fantasias sexuais”

T204 – “Escola de SP distribui preservativo”

T205 – “Grande Rio vai mudar carro com cena de sexo”

T206 – “FHC defende a ‘redefinição de valores universais’ ”

T208 – “Silicone pode representar risco à saúde”
T206 – “População é ignorada pelo censo”
T210 – “Fim da fila”
T211 – “Grande Rio vê falha e demite Joãozinho Trinta”
T215 – “Pequim ameaça oposição em Hong Kong”
T218 – “Nova pesquisa aponta sexo inseguro”
T222 – “Maioria viverá em cidades em 2007, diz ONU”
T225 – “Médicos pedem mais controle do vírus HTLV”
T226 – “Presença é constante na América do Sul”
T227 – “Partido de Mandela deve obter 3º mandato”
T232 – “Fantasia da primeira transa”
T242 – “EUA proíbem homossexuais de doar sêmen”
T244 – “Clinton critica unilateralismo de Bush”
T246 – “PF faz apreensão em casa de ex-presidente de licitações”
T247 – “Costa diz que só ele foi a fundo no caso”
T248 – “Países islâmicos esnobam encontro do G8”
T251 – “Primeira-dama da ONU só quer pintar”
T254 – “Pólio cresce na África, afirma ONU”
T256 – “Mudança nos contratos provoca conflitos”
T260 – “Bióloga critica teste de HPV em jovens”
T261 – “Congresso vai abordar doenças em conjunto”
T262 – “Camisinha protege contra o vírus”
T275 – “Hotéis baianos distribuirão camisinhas”
T276 – “Desemprego é desgraça, mas brasileiro não desiste, diz Lula”
T278 – “Saúde comunitária combaterá tuberculose”
T281 – “Republicanos atacam ‘vacilos’ de Kerry”
T282 – “Entidade elogia ação do Brasil pelas mulheres”
T288 – “Iniciação da mulher é adiantada”
T289 – “Camisinha não tem uso regular”
T301 – “País pobre converte desdém em mercado”
T303 – “Controvérsia marcou vida de sexólogo”
T304 – “Programa prega abstinência sexual”
T306 – “ ‘País não precisa de política de planejamento familiar’ ”
T308 – “Seminário no Acre debate impacto das drogas no sistema de saúde”

T310 – “Aborto autorizado enfrenta falta de estrutura e resistência médica”

Folha de S. Paulo – Matérias com foco em Aids

Gênero Opinativo

T148 – “Camisinha”

T149 – “Causa e conseqüência”

T151 – “Em nome da vida”

T152 – “Educação contra a Aids”

T153 – “Aids em expansão”

T154 – “História de sucesso”

T155 – “Avanço da Aids”

T156 – “A guerra da Aids”

T158 – “A Aids e as mulheres”

T162 – “Aids: um alerta aos novos prefeitos”

T165 – “Sangue contaminado”

T166 – “Segmento”

T167 – “Prevenção à Aids entre mulheres precisa melhorar”

T168 – “Sexo inseguro provoca dor de cabeça”

T169 – “Abstinência pode atrapalhar prevenção de DSTs e Aids”

T170 – “Circuncisão reduz risco de Aids”

T171 – “Faixa Etária”

T176 – “Puberdade”

T178 – “Não desta vez”

T180 – “Aids feminina”

T182 – “Poupatempo”

T184 – “Ponte aérea”

T185 – “Sexo oral também transmite DSTs”

T186 – “Árvores da Aids”

Gênero Informativo

T188 – “Laboratórios buscam superdroga contra a Aids”

T189 – “Prece a distância e Aids”

T190 – “Arcebispo defende o uso de camisinha”

T191 – “Acordo reduz gasto com droga anti-Aids”

T193 – “Governo investiga contágio de Aids em orgia”

T195 – “Reconhecimento”

T196 – “País negocia pagar royalties a laboratório”

T199 – “Campanha pretende mostrar que preservativo protege contra Aids”

T200 – “Medicação intermitente pode combater HIV”

T201 – “Epidemia de Aids já ameaça os europeus”

T202 – “Saúde dará 11 milhões de camisinhas”

T207 – “Travestis têm primeira campanha dirigida”

T212 – “Proteína de macaco barra invasão de células por vírus que causa Aids”

T213 – “Falta de material impede exames em portadores de HIV em Campinas”

T214 – “Mais barato”

T216 – “Falta de kit afeta atendimento a soropositivo”

T217 – “Estado já providenciou compra emergencial, diz coordenador”

T219 – “Inovação”

T220 – “Unifesp vai testar vacina contra o HIV”

T221 – “Campanha”

T223 – “EUA aprovam teste anti-HIV por via oral”

T224 – “É uma boa notícia, afirma brasileiro”

T228 – “Governo volta a adiar novo teste de sangue”

T229 – “NAT já evitou duas contaminações pelo HIV”

T230 – “Aids e vacina de pólio não estão relacionadas”

T231 – “Quase 4 milhões de nigerianos têm Aids”

T233 – “Aids pára indústria pornô de Los Angeles”

T234 – “Mercosul pode usar ‘portunhol’ para vetar migração do HIV em fronteiras”

T235 – “Líbia quer fuzilar búlgaras acusadas de espalhar Aids”

T236 – “Indústria californiana do filme pornô anuncia mais dois casos de atores com HIV”

T237 – “Ênfase da luta contra Aids deve ser colocada no tratamento, diz OMS”

T238 – “FDA analisará genéricos para combate à Aids”

T239 – “EUA analisarão genérico para combater Aids”

T240 – “Brasil prepara produção de três drogas em uma”

T241 – “Transmissão da Aids de mãe para filho cresce com pré-natal falho”

T243 – “Novo recurso”

T245 – “Distribuição de preservativo pode parar”

T249 – “Reagan agora também é lembrado pela omissão no combate à Aids”

T250 – “27% não seguem tratamento de Aids”

T252 – “Campanha contra Aids em SC gera polêmica”

T253 – “Os números da doença no Estado são preocupantes”

T255 – “Campanha contra Aids é suspensa em SC”

T257 – “Projeto ensina a lidar com jovem”

T258 – “Aids é maior entre doentes mentais”

T259 – “Pílula de vitaminas pode retardar Aids em mulheres”

T263 – “Em Santos, infecções por HIV não caem”

T264 – “Aids cresce na Ásia e entre jovens, diz ONU”

T265 – “Relatório elogia resultados no Brasil”

T266 – “Dinheiro não está vencendo a guerra”

T267 – “Reunião mundial tem protesto, cartazes e Annan”

T268 – “Mulheres são 60% dos jovens com Aids”

T269 – “Política dos EUA é criticada por Chirac e Annan”

T270 – “Mulheres com a doença já são maioria em 207 cidades do Brasil”

T271 – “Epidemia da Aids e pobreza derrubam o IDH de 20 países na década de 1990”

T272 – “Lembrete”

T273 – “Fundação Bill Gates destina US\$ 4,4 mi”

T274 – “Brasil modelo”

T277 – “EUA ameaçam cortar verba da Aids em 22%”

T279 – “Aids é tema de protestos pelo país”

T280 – “Jovens gays são alvo de campanha anti-Aids”

T283 – “Caixa não poderá mais exigir exame de HIV”

T284 – “Coquetel anti-Aids pode causar infarto”

T285 – “Nova droga barra transmissão do vírus da Aids”

T286 – “Droga bloqueia vírus da Aids em macacas”

T287 – “Aids acelera crise demográfica na Rússia”

T290 – “Vacina contra Aids”

T291 – “Vacina contra Aids 2”

T292 – “Para especialistas, condenação por transmissão de Aids é exagerada”

T293 – “Defesa diz que réu tinha medo de perder amante”

T294 – “Dose única 2”

T295 – “Homem gay usa mais camisinha que heterossexual, diz ministério”

T296 – “Vacina de Recife contém HIV em 18 pessoas”

T297 – “Acender as velas”

T298 – “Atos marcam dia mundial de combate à Aids”

T299 – “Fiocruz cria exame rápido de vírus HIV”

T300 – “Ministro nega colapso no programa de distribuição gratuita de coquetel anti-Aids”

T302 – “Cantor da dupla Erasure diz que é HIV positivo”

T305 – “Empresas fazem pílula 3-em-1 contra HIV”

T307 – “ONGs da área de Aids apontam ação desmobilizadora do governo”

T309 – “Aids é grande preocupação, afirma general”

ANEXO II